

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

A Importância da Aprendizagem Ativa no 1º CEB

“Aprender a aprender”

Ana Luísa de Matos Paes de Faria

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Orientado por: Mestre Maria Isabel Gerardo

Ano Letivo 2014/2015

Novembro 2015

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

A Importância da Aprendizagem Ativa no 1º CEB

“Aprender a aprender”

Ana Luísa de Matos Paes de Faria

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Orientado por: Mestre Maria Isabel Gerardo

Ano Letivo 2014/2015

Novembro 2015

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a todo o corpo docente da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich pelo papel essencial que teve na minha formação académica. Gostaria ainda de agradecer, à supervisora da Prática de Ensino Supervisionada Cecília Moreira e à orientadora do Relatório Final, Isabel Gerardo, pela disponibilidade, dedicação e compreensão ao longo de toda a minha prática pedagógica. A todos os profissionais de educação com quem tive o prazer de contactar e aprender durante todos os estágios realizados, um especial enfoque à Professora Carla pelo apoio no decorrer deste estágio final.

Como não poderia deixar de ser, o agradecimento às crianças que se foram cruzando no meu caminho, proporcionando-me momentos inesquecíveis. Fico com a certeza de que com elas cresci, levando um pouco deles e deixando um pouco de mim.

Ao Tó e à Anita, não só por toda a ajuda e apoio ao longo do meu percurso académico, mas também, por serem essenciais na minha vida.

Um especial agradecimento às minhas grandes amigas Patrícia e Cláudia pelos momentos de companheirismo e distração que partilhámos ao longo destes anos e aos que estão para vir.

Principalmente, à minha família, ao meu pai por todo o apoio quer a nível financeiro, como pessoal, no decorrer do meu percurso académico. Aos meus irmãos, Joana, Inês, Ana, Catarina e João, por toda a dedicação e esforço revelado, por serem os meus exemplos a seguir. Às minhas sobrinhas Madalena e Clara, que me fizeram ingressar neste curso e adquirir o gosto pela educação. E, por fim, à minha mãe, por todo o apoio incondicional e por ser o meu porto-seguro, o meu exemplo a seguir. Muito obrigada por fazerem de mim a pessoa que sou hoje. Ao Pedro, o meu namorado, que acredita incondicionalmente em mim. Agradeço o teu respeito, carinho, compreensão, tolerância, companheirismo, amizade, apoio e amor demonstrado ao longo de todos estes anos.

Resumo

O presente relatório pretende retratar o estágio efetuado no âmbito do Curso de Mestrado 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O objeto de estudo deste Relatório Final, a aprendizagem ativa, resulta da Prática de Ensino Supervisionada (PES), que decorreu numa Instituição privada, onde procurei desenvolver situações potenciadoras do envolvimento e motivação das crianças, promovendo assim uma aprendizagem ativa, sustentada na pedagogia da participação e tendo por base uma cuidada consulta bibliográfica sobre o tema.

No decorrer do estágio delineei a minha ação educativa de forma a dinamizar as aulas, centrando sempre a aprendizagem na criança, através de atividades integradas e integradoras e abrangendo todas as áreas curriculares.

Através deste estudo posso concluir que a aprendizagem ativa, é de facto promotora do desenvolvimento integral da criança, pois, através da pedagogia da participação e da diversificação pedagógica, consegui proporcionar-lhes experiências significativas, diversificadas e ativas, potenciando assim a sua motivação e o seu envolvimento no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Crianças; aprendizagem ativa; motivação; participação; diferenciação pedagógica.

Abstract

This report seeks to describe my traineeship carried out under the Master in Teaching of the 1st cycle of basic education.

The final purpose of this study, active learning, results from the Supervised Teaching Practice (STP), carried out in a private institution, where I attempted to develop the involvement and motivation of the children, by promoting active learning and pedagogy sustained participation, always based on a careful bibliographical research.

During my traineeship, I set out my educational activities in order to achieve challenging and dynamic classes, aiming to promote a child-centered teaching, through integrated and integrative activities covering all curricular areas.

Through this study I can only conclude that active learning does promote the integral development of the children, allowing us to offer them significant and stimulant experiences, thus enhancing their motivation and involvement in the teaching-learning process.

Keywords: Children; active learning; motivation; participation; pedagogical differentiation

ÍNDICE

1. Introdução	1
2. Capítulo I - Enquadramento Teórico Empírico da Prática de Ensino Supervisionada (PES) ..	5
2.1- Identificação e delimitação da problemática.....	6
2.2- Conceções de aprendizagem	7
2.2.1- Teorias de aprendizagem	9
2.2.2- A construção do conhecimento na ótica dos pedagogos.....	12
2.3- A escola na formação do aluno	14
2.4- Papel do Professor.....	16
2.4.1- Pedagogia da participação Vs. Pedagogia da transmissão.....	18
2.4.2- Estratégias impulsionadoras de uma aprendizagem ativa.....	19
2.4.3- O Jogo.....	19
2.4.4- Ensino Experimental.....	20
2.4.5- A Metodologia do Trabalho de Projeto	21
2.5- Opções Metodológicas.....	23
3. Capítulo II - Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente	25
3.1- Caracterização da Instituição	26
3.1.1- Projeto Educativo.....	27
<p>O Colégio rege-se ainda pela pedagogia de Teresa de Saldanha, a pedagogia do amor, a fim de desenvolver integralmente em cada aluno todas as suas capacidades, contribuindo para que cada aluno se insira na sociedade, através do uso da razão, da experiência, da relação e da liberdade.</p>	
	27

3.2- A sala do 1º A	29
3.2.1- Ambiente Educativo	29
3.3- Dinâmica de trabalho em sala de aula.....	31
4. Capítulo III - A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição	34
4.1- O jogo.....	35
4.1.1- O jogo de dados	35
4.1.2- O jogo humano de palavras	36
4.1.3- Jogo de cálculo mental.....	38
4.2- Ensino experimental.....	39
4.2.1- Visita à Quinta	40
4.2.2- Alimentação Saudável- Frutos e legumes.....	42
4.2.3- Os 5 sentidos, o corpo humano e texturas	43
4.3- O projeto “À descoberta dos 5 sentidos”	45
4.3.1- Pesquisa dos temas	46
4.3.2- Execução dos trabalhos.....	47
4.3.3- Apresentação dos trabalhos	49
5. Capítulo IV - Considerações Finais	52
Referências Bibliográficas	58
Anexos	62

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Cartões de palavras	37
Figura 2- Cartões de Pintas	38
Figura 3- Cartões dos números	39
Figura 4- Desenho realizado por uma criança	41
Figura 5- Observações das crianças	41
Figura 6- Exploração da história.....	44
Figura 7- Exploração dos 5 sentidos.....	44
Figura 8- Recolha de informação.....	46
Figura 9- Construção dos trabalhos	48
Figura 10- Apresentação- As bancas.....	49
Figura 11- Apresentação dos trabalhos	50

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I- Nota de Campo 1	63
Anexo II- Planificação e Reflexão- Jogo de dados.....	66
Anexo III- Ficha- Jogo de dados.....	75
Anexo IV- Planificação e Reflexão- Construção Frásica.....	77
Anexo V- Ficha de organização de palavras	85
Anexo VI- Planificação e Reflexão- Jogo de cálculo mental	87
Anexo VII- Planificação e Reflexão- Visita à Quinta.....	97
Anexo VIII- Nota de Campo 14.....	106
Anexo IX- Planificação e Reflexão- Os 5 sentidos	109
Anexo X- Calendarização do Projeto	117
Anexo XI- Planificação e Reflexão- Pesquisa dos temas	119

Anexo XII- Planificação e Reflexão- Construção dos trabalhos	126
Anexo XIII- Planificação e Reflexão- Apresentação dos trabalhos.....	134
Anexo XIV- Avaliação do projeto.....	141
Anexo XV- Exemplo de uma Autoavaliação do projeto.....	144

LISTA DE ABREVIATURAS

1º CEB – 1º Ciclo do Ensino Básico

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PP - PowerPoint

1. Introdução

O presente Relatório Final foi realizado no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES), indo ao encontro dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

Este estágio final teve a duração de 13 semanas, iniciado no dia 3 de novembro de 2014 e finalizado no dia 20 de fevereiro de 2015, em que a minha intervenção decorreu em processo contínuo, evoluindo com o apoio incondicional da Professora Cooperante, sendo deste modo um trabalho de equipa.

Foram objetivos desta prática a promoção de uma aprendizagem ativa, centrada na criança, promovendo atividades integradoras e abrangentes em todas as áreas curriculares. A esta descrição precede-se a fundamentação e os princípios orientadores da mesma, tendo por base uma cuidada consulta bibliográfica.

Por último, é feita uma análise de todo este processo tendo por suporte o envolvimento das crianças nas atividades, a pesquisa, a análise documental, os registos fotográficos, no intuito de perceber a forma como se realizou o trabalho desenvolvido e se a aprendizagem ativa se constituiu como meio facilitador do envolvimento das crianças no processo de ensino aprendizagem. A finalidade deste relatório foi constituir um aprimoramento da prática e da formação e, desta forma, ajudar a refazer, a repensar o caminho percorrido, o trabalho desenvolvido, possibilitando a descoberta de acertos e erros, e tentar construir novos rumos para a atuação, quando necessário.

Este relatório encontra-se dividido em quatro capítulos:

No Capítulo I inicio-o com a identificação e delimitação da problemática, em que neste ponto refiro brevemente o meu objeto de estudo, relacionando-o com a diferenciação pedagógica e o papel do professor. Com isto, destaquei como pontos cruciais a serem

estudados e trabalhados neste capítulo, as concepções de aprendizagem, partindo para as Teorias de aprendizagem, expondo aquela com a qual o tema se identifica mais, ou seja, a teoria cognitiva. Partindo de seguida para a construção do conhecimento na ótica dos pedagogos, em que considere mais relevante, focar-me na abordagem de Piaget, Vygotsky, Bruner e Ausubel.

Com isso, refiro a escola na formação do aluno, por considerar este conceito fulcral para a minha ação. Relacionando-o de seguida, com o Papel do Professor.

Segui com o conceito de pedagogia participativa de forma a partir para a importância da mesma através do Jogo, da Atividade experimental e do Trabalho de Projeto, como estratégias impulsionadoras de uma aprendizagem ativa, considerando metodologias fulcrais para implementar a aprendizagem ativa e levar a uma diferenciação pedagógica.

Para terminar, apresento as minhas Opções metodológicas, na medida em que foram fulcrais para a realização deste relatório.

No Capítulo II encontra-se a Caracterização da Instituição onde realizei a minha PES, com o seu Projeto Educativo e métodos de ensino adotados, fazendo ainda, uma breve caracterização do grupo de crianças, a sala do 1º A, com as quais tive o prazer de trabalhar, abordando posteriormente o Ambiente Educativo e Dinâmica de trabalho em sala de aula.

Em relação ao Capítulo III, encontra-se o desenvolvimento da prática pedagógica, sendo feita a descrição de algumas atividades desenvolvidas em contexto e a respetiva reflexão daquilo que foi esta prática, que é, no fundo, uma reflexão sobre a ação. Onde organizo o mesmo em três pontos cruciais, O jogo, Atividade Experimental, O projeto- À descoberta dos 5 sentidos, em que, dentro de cada ponto se encontram três aulas lecionadas por mim trabalhadas com o objetivo de implementar a aprendizagem ativa, sendo assim, este capítulo onde se encontra o centro deste objeto de estudo. O mesmo foi realizado com recurso a imagens e anexos que exemplificam as aulas dadas por mim.

Como último capítulo, apresento o Capítulo IV, em que realizo as respostas às questões colocadas no Capítulo I, com algumas reflexões e considerações finais, com base em todo o trabalho desenvolvido.

Por fim, encontram-se as Referências Bibliográficas que fundamentam todo o Relatório Final, e de seguida os anexos que sustentam as descrições apresentadas no Capítulo II e III.

Todo o trabalho desenvolvido durante o estágio foi, ou procurou ser, uma prática sustentada na diferenciação pedagógica, ou seja, num conjunto variado e equilibrado de atividades que promovessem oportunidades de aprendizagem em todas as áreas curriculares, abordando os conteúdos de forma articulada e integrada, tendo por base a pedagogia da participação. Procurei envolver a criança no processo de ensino-aprendizagem, recorrendo a diferentes tipos de materiais manipuláveis e a estratégias diversificadas. Estratégias, essas, através do Jogo, de Atividades Experimentais e do Trabalho de Projeto.

Ao longo deste processo, tentei fazer com que as crianças tivessem uma participação ativa na construção do seu conhecimento, focando-me na importância da participação. De acordo com Oliveira-Formosinho (2007), as pedagogias participativas vem terminar com a pedagogia tradicional transmissiva de forma a promover um processo de ensino aprendizagem mais diversificado. A pedagogia da participação é um forte impulsionador de uma aprendizagem ativa na medida em que através da participação promove-se experiências, dando-se oportunidade de envolver o aluno no processo de aprendizagem experiencial, no jogo e no trabalho de projeto.

Posto isto, a finalidade deste objeto de estudo, “A aprendizagem ativa como impulsionadora da aprendizagem” é levar a criança questionar-se, a participar na planificação das atividades e projetos, a investigar e a cooperar. Tendo o professor o papel de organizar o ambiente, escutar e observar para planificar, documentar, avaliar, formular perguntas, estender os interesses e conhecimentos da criança e do grupo em direção à inserção na

sociedade.

Em suma, procurei escutar as crianças, dar-lhes espaço de participação, envolvê-las em todo este processo e em interação com elas, promover aprendizagens, transformando a minha ação pedagógica num trabalho de equipa entre mim e as crianças.

2. Capítulo I - Enquadramento Teórico Empírico da Prática de Ensino Supervisionada (PES)

2.1- Identificação e delimitação da problemática

Para Nóvoa (1995), o sistema de ensino conquistou uma grande mudança, em que a participação dos professores e alunos é vital. Hoje, torna-se crucial uma diferenciação pedagógica, não chegando apenas os conhecimentos científicos, mas sim uma interligação entre esses conhecimentos e diversos métodos e técnicas didáticas, onde os professores se encontram em constante aprendizagem e crescimento tal como os alunos.

Dada a importância da diferenciação pedagógica no ensino atual, torna-se portanto imprescindível adaptar as formas de ensino às diferentes capacidades e necessidades específicas de cada aluno, uma vez que cada aluno é o centro da aprendizagem.

É portanto crucial que o Professor saiba reconhecer essas diferenças, promovendo diferentes formas de instruir-se, facilitando desta forma o processo de ensino-aprendizagem de cada aluno. Assim, segundo os autores Schiller & Rossano (1990), “O professor atento e interessado, pode tirar partido de oportunidades que surjam durante o dia para ajudar as crianças a desenvolver capacidades e conceitos que aumentarão o seu conhecimento.” (p. 15).

O professor depara-se com a necessidade e a preocupação de refletir sobre o sucesso escolar dos seus alunos, adaptando estratégias que os levem, segundo Arends (1995) *a aprender a aprender*, criando assim oportunidades de construção de aprendizagens ativas, respeitando sempre as necessidades, os interesses e os níveis de desenvolvimento de cada criança, proporcionando um ambiente seguro e ativo, de respeito, aceitação do outro e tolerância e encontrando novas abordagens curriculares, nomeadamente no âmbito da aprendizagem a partir da descoberta.

A importância da aprendizagem ativa no 1º ciclo, objeto de estudo deste relatório final, beneficia os alunos, levando-os a assimilar conceitos e a construir conhecimentos de uma forma mais autónoma, com o objetivo de potenciar a motivação na construção do seu próprio conhecimento, ajudando-os a terem iniciativa, curiosidade e a inserirem-se em grupo e em

sociedade. Ao definir aprendizagem ativa, Freed (1997), citando Chickering e Gamson referem-se que “Aprendizagem não é um esporte de espectador. Os alunos não aprendem muito se ficam simplesmente sentados na classe ouvindo seus professores, memorizando tarefas pré designadas e dando respostas. Precisam falar e escrever a respeito daquilo que estão aprendendo, relacioná-lo com experiências passadas e aplicá-lo à sua vida diária. Precisam fazer daquilo que aprendem parte de si mesmos. (in Revista de Educação Adventista, p.6).

Todavia, a investigação para a elaboração deste relatório, alertou-me para as seguintes questões:

- Pode a aprendizagem ativa promover uma diferenciação pedagógica?
- Como poderá o professor desenvolver uma aprendizagem ativa em contexto escolar?
- Quais as competências adquiridas pelas crianças através de uma aprendizagem ativa?

Tendo como suporte todas as leituras complementares que fiz de vários autores que abordam a temática da aprendizagem ativa e através das aulas lecionadas por mim, bem como do projeto desenvolvido na 3ª fase do estágio, irei tentar responder a estas questões no decorrer deste relatório.

Neste sentido, desenvolvi um trabalho com os alunos com base numa aprendizagem ativa, enquadrado nas metodologias da Instituição onde realizei a minha prática.

2.2- Concepções de aprendizagem

As crianças necessitam de compreender porquê e como o seu mundo está organizado, sendo a própria sala de aula uma mini-sociedade, com inúmeras oportunidades para, segundo Arends (1995) “aprender a aprender”, tendo o professor, enquanto modelo e orientador, que explorar esta mini-sociedade e transformar pequenas coisas em grandes aprendizagens, levando o aluno a questionar-se. A aprendizagem é um processo de desenvolvimento de conhecimentos com estruturas significativas.

Segundo Giusta, o conceito de aprendizagem adveio das investigações empiristas em Psicologia, ou seja, “de investigações levadas a termo com base no pressuposto de que todo conhecimento provém da experiência.” (in Educação em Revista, 2013)

Entende-se assim, que nada se aprende verdadeiramente se o conhecimento não provir da experiência, levando tanto a uma construção pessoal de aquisição de conhecimentos, como ao aluno a conhecer-se a si e ao mundo que o rodeia.

É pois fulcral, tal como defendem Hohmann, Banet, Weikart (1979), que as crianças participem ativamente no processo de ensino-aprendizagem e que as experiências pedagógicas não sejam isoladas, despertando para atividades que estimulem o desenvolvimento das capacidades e dos conceitos, “O conhecimento na sua origem não nasce dos objetos, nem do sujeito, mas das interações – a principio inextricáveis – entre o sujeito e esses objetos. Jean Piaget” (Idem, p.174).

Desta forma, e segundo Arends (1995) devem ser construídos contextos de aprendizagem em que os alunos demonstrem motivação e empenho nas tarefas escolares, promovendo assim um ambiente educativo aberto à discussão, em que o aluno participa ativa e diretamente - “os professores experientes conhecem a importância da motivação e sabem que ela é uma das forças importantes que orientam as acções dos alunos.” (p.122)

Como defendem Hohmann, Banet, Weikart (1979) “o que se ensina...só é efectivamente assimilado quando desperta uma reconstrução activa ou até uma reinvenção por parte da criança.. Jean Piaget” (p.175), o que significa que, se a criança não for envolvida no processo ensino-aprendizagem se sente desmotivada.

A aprendizagem deve assim surgir do desejo inato da criança de explorar, sendo portanto encarada como uma ação que leva a uma construção pessoal, que permitirá ao aluno uma relação com o meio em que vive, entrando em contacto com as suas estruturas sensório-motoras, cognitivas, afetivas e linguísticas.

Segundo Piaget, em qualquer estágio o desenvolvimento da criança depende da ação, sendo que as crianças aprendem quando se encontram no cerne da aprendizagem.

Existem contudo diversas teorias do conceito aprendizagem. Enquanto alguns pedagogos defendem que ela se encontra relacionada com o comportamento, outros defendem a construção pessoal através de experiências.

2.2.1- Teorias de aprendizagem

De forma a melhor descrever as diversas teorias de aprendizagem, apresento o quadro seguinte utilizando três diferentes teorias: Behaviorista, Cognitiva e Humanista. Segundo Tavares & Alarcão (1999, p.93) é baseado nos principais representantes de cada teoria, esquematizando os princípios pedagógicos e as técnicas de ensino de cada um. “Referir-nos-emos apenas a dois grandes grupos: as teorias behavioristas e as teorias cognitivas. Faremos ainda uma referência ao movimento humanista (a que não queremos ainda chamar teoria).” (p.91).

Teorias da aprendizagem	Bases psicológicas	Principais representantes	Princípios psicopedagógicos	Técnicas de ensino
Behavioristas	E ----- R (Estímulo-Resposta) Condicionamento por reforço	Watson Thorndike Guthrie Hull Skinner	Apresentação de estímulos Condicionamento Reforço das reacções desejadas Conhecimento dos resultados Apresentação da matéria em sequências curtas Exercitação	Exercícios de repetição («drills») Ensino individualizado de tipo programado Demonstrações para imitação Memorização
Cognitivas	Conhecimento Intuitivo («insight»)	Wertheimer Köhler Koffka Lewin Piaget	Motivação Desenvolvimento de expectativas Condições de conhecimento	Ensino pela descoberta Ensino por descoberta guiada

	Estrutura de Campo	Bruner Ausubel	intuitivo («insight») Compreensão Relacionamento do «novo» com o «adquirido». Sistematização Transferência para situações novas, idênticas	«Organizadores avançados» Apresentação de objetivos Introdução Sumários Questionários Orientadores Questionários de Revisão Esquemas Debates, discussões, estudo de casos, etc.
Humanistas	«Pessoalidade»	Maslow Buhler C. Rogers A. Combs	Aprendizagem centrada no aluno Auto-aprendizagem e auto-avaliação Aprendizagem dos sentimentos, dos conceitos, das habilidades Ajudar a «tornar-se pessoa» Atmosfera emocional positiva, empática	Ensino individualizado Discussões Debates Painéis Simulações Jogos de papéis Resolução de problemas, etc.

Na perspectiva de Tavares & Alarcão (1999), entende-se como behaviorismo um estudo científico, puramente objetivo, do comportamento humano.

Após uma análise destas três teorias de aprendizagem, verificamos que a teoria behaviorista se encontra desatualizada, uma vez que considera a pessoa como um mero conjunto de estímulos e reações. Dado que o ser humano é capaz de intuir, pensar, decidir e avaliar, a teoria behaviorista não esclarece de forma completa os processos da aprendizagem.

Existem três grandes falhas na teoria behaviorista, (Idem, 1999), em primeiro lugar concentra-se nos resultados finais, em segundo, não vê a tarefa de aprendizagem como um

conjunto de situações e em terceiro, remetendo o alunos para um plano inferior, considerando-o como um ser passivo e moldável à visão do professor.

Quanto à teoria Humanista, esta é considerada *movimento* pelos autores, uma vez que “o termo teoria é demasiado ambicioso para designar o que consideramos um conjunto de vozes discordantes, mais ou menos isoladas” (p.109). Mencionam ainda que este tipo de educação contém algumas lacunas, uma vez que o professor tem um papel não-diretivo e a aprendizagem permanece ao gosto do aluno, o que poderá levar a uma preparação insuficiente no futuro da criança, ou mesmo a uma conceção deturpada do papel do aluno na sociedade.

Segundo Tavares & Alarcão (1999), a aprendizagem situa-se em dois polos, as experiências anteriores e os fins que o sujeito pretende atingir, revelando-nos, alguns princípios pedagógicos inerentes a esta teoria da aprendizagem:

1. *Motivar o aluno para a aprendizagem, relacionando-a com as suas necessidades pessoais e os objetivos da própria aprendizagem.*
2. *Reconhecer que a estrutura cognitiva do educando depende da sua visão do mundo e das experiências que ele teve anteriormente.*
3. *Adequar o ensino ao nível de desenvolvimento dos alunos e ajudá-los a relacionar conhecimentos e habilidades novos com conhecimentos e habilidades que tenham previamente adquirido.*
4. *Ajudar o aluno a perceber a estrutura da tarefa a aprender e a estrutura da sua própria aprendizagem, informando-o sobre a tarefa de aprendizagem que lhe é proposta e apresentando-a na sua estrutura, na sua totalidade, nos seus elementos vários e nas relações das suas partes com o todo.*
5. *Fornecer informações, indicar factos, abrir pistas que facilitem a compreensão, a organização e a retenção dos conhecimentos.*

6. *Não pedir ao aluno que decore sem compreender aquilo que ele tem possibilidade de compreender antes de decorar.*
7. *Começar o ensino por conjuntos significativos e descer gradualmente aos pormenores, que devem ser relacionados com o conjunto.*
8. *Não equacionar prática com repetição, mas concebê-la como uma série de tentativas sucessivas e variadas que facilitem a transferência de habilidades e conhecimentos na sua aplicação a situações novas. (p.106)*

Conclui-se que, a teoria que promove uma aprendizagem ativa, é a teoria cognitiva, pois defende que a aprendizagem deve ser impulsionadora e motivadora, no que diz respeito à aquisição de conhecimento e de conceitos.

Indo ao encontro do objeto de estudo apresentado neste relatório, a importância da aprendizagem ativa em alunos do 1º CEB, apresento no próximo ponto, um estudo de várias leituras que realizei referentes a autores que defendem o mesmo: Piaget, Vigotsky, Bruner e Ausubel.

2.2.2- A construção do conhecimento na ótica dos pedagogos

Todos os pedagogos, referidos anteriormente, defendem uma aprendizagem a partir da ação, uma aprendizagem participativa, ou seja, uma aprendizagem ativa, em que o aluno aprende através da experiência.

Segundo Piaget as tarefas devem desafiar no aluno um desequilíbrio cognitivo moderado, que o envolva num processo de assimilação e de acomodação estimulando assim o desenvolvimento dos esquemas mentais, em rumo a uma nova equilibração.

De acordo com Tavares & Alarcão (1999), para Piaget, a escola tem o papel crucial de integrar e conduzir o desenvolvimento integral da criança, e como tal, o currículo tem de acompanhar o ritmo do aluno. É então fundamental que, os conteúdos a aprender sejam apresentados tendo em conta o ponto de vista da criança e não a forma como os adultos os

compreendem.

De acordo com Smith, Cowie, Blade (1998), Piaget defendia que a base do conhecimento se encontra na atividade, ou seja, “a criança aprende através da acção, seja esta física (...) ou mental” (p. 386). Para Piaget, a aprendizagem deve ser ativa e centrada na criança, pois para a criança aprender necessita de manipular objetos e ideias.

Segundo estes autores, “O conceito de aprendizagem activa constitui o fulcro desta abordagem educacional centrada na criança. Segundo Piaget, as crianças aprendem a partir de acções e não de observações passivas.” (p.411).

Piaget refere 4 estádios de desenvolvimento cognitivo (Sensório-motor; Pré-operatório; Operações concretas e Operações formais ou abstratas), algo que o diferencia de Vygotsky que considera estanques e deterministas. Porém, Vygotsky dá grande relevância aos contextos culturais e ao papel da linguagem no processo de construção de conhecimento e de desenvolvimento cognitivo, como mais tarde, também Bruner defenderia.

Contudo, de acordo com Smith, Cowie, Blades (1998), as teorias de Vygotsky e Piaget, também se relacionam, na medida em que, “A aprendizagem é conseguida, em primeiro lugar, através da cooperação com os outros, numa grande variedade de cenários sociais (...) e, em segundo lugar, através dos «representantes simbólicos» da cultura da criança, (através de metáforas e modelos).” (p.488). A criança aprende quando em contacto com o real e sob orientação dos adultos ou em colaboração com os colegas, o que Vygotsky denominou de zona de desenvolvimento proximal, tendo esta teoria, semelhanças com a teoria cognitiva de Jean Piaget já que ambos reconhecem que a aprendizagem mais significativa para a criança é de facto a aprendizagem ativa, ou seja, aquela que parte da construção do conhecimento por parte dos alunos.

Tavares & Alarcão (1999) referem que para Bruner a aprendizagem é um processo ativo do sujeito, pois o conhecimento adquire-se a partir das descobertas das crianças, de questões

levantadas, de hipóteses, de soluções e dos erros, sendo depois estruturado e organizado no cérebro da criança. Bruner defende que o ensino pela descoberta, “É um ensino que tem como corolário uma aprendizagem activa. (...) a aprendizagem começaria por experiências activas como manipulação de objectos.” (p.103). O psicólogo acredita também que a aprendizagem assim se torna significativa e compreendida e não apenas memorizada.

Sendo Ausubel (1999) um dos representantes da teoria cognitiva, defende a aprendizagem pela descoberta como dinâmica, ativa e aberta, discordando do ensino expositivo, ou seja, da aprendizagem através da memorização. A aprendizagem pela descoberta significa que o aluno vai à descoberta do conhecimento, chegando às suas próprias conclusões, relacionando-o com conhecimentos previamente adquiridos. Ausubel conclui que “é mais fácil aprender se a informação for organizada e sequenciada de uma forma lógica.” (p.105), ou seja, o professor deve promover o ensino através da aprendizagem ativa e da descoberta, utilizando estratégias que facilitem a organização dos conteúdos a ser transmitidos aos alunos, com o objetivo de conseguir um ensino mais significativo e uma melhor retenção da aprendizagem, em que é a escola o local que permite esta cooperação entre o professor e o aluno.

2.3- A escola na formação do aluno

É função específica da escola, promover a aprendizagem, o desenvolvimento intelectual e a construção do conhecimento. Segundo Silva (2006), a escola é promotora do desenvolvimento da identidade e autonomia das crianças, pois interagindo com os outros, professores e alunos, consegue-se o aumento de laços afetivos, facto que poderá levar “para o reconhecimento do outro e para a constatação das diferenças entre as pessoas; diferenças essas, que podem ser aproveitadas para o enriquecimento de si próprias.” (in Educação em Revista, 2006). Desta forma, é na escola, que se irão criar e promover contextos e situações para as crianças aprenderem, descobrirem, exporem e organizarem novos valores,

sentimentos, e papéis sociais. Assim, e segundo a autora deste artigo, Silva (2006), “A escola deve dar total atenção à criança enquanto “pessoa” num contínuo processo de crescimento e desenvolvimento, compreendendo a sua singularidade, identificando-a e respondendo às suas necessidades.” (Idem)

De acordo com os autores Gloton & Clero (1997), a escola tem como função essencial e primordial, inserir a criança na sociedade, inculcando-lhe valores, e caminhando-a para o progresso, “A função essencial da escola é a de garantir a continuidade e a estabilidade sociais (...) um factor de progresso.” (p.66)

A escola é, desta forma, um espaço promotor da aprendizagem que leva e conduz os alunos, bem como os respetivos docentes, a crescerem integrados em toda uma comunidade escolar, e em busca de aprendizagens significativas, pois, como referem os autores Gomes & Ferlin (2012) “A escola é um espaço de aprendizagem, e para que esta se torne significativa o educando precisa aprender com prazer, aprender brincando, aprender a crescer, aprender a aprender.” (p.17). Os autores esclarecem-nos quanto à importância que a escola tem em promover uma diferenciação pedagógica, sendo crucial esta induzir os seus alunos a construir as suas identidades pessoais e sociais, contribuindo assim para o seu crescimento e desenvolvimento integral e harmonioso.

Segundo os mesmos autores, “A escola precisa ter objetivos de diferentes dimensões que possibilitem ao educando participar de modo autônomo, crítico e ousado na sociedade” (p.17), proporcionando à criança crescer a partir das suas experiências, sendo fulcral, colocar ao seu dispor os espaços exteriores, de modo à aprendizagem ser feita dentro e fora da sala, explorando assim todo o espaço escolar.

Assim, “Cabe ao professor organizar, sistematizar e planear os conteúdos, habilidades e competências necessárias (...) atender às singularidades do desenvolvimento humano nos seus aspetos: físico, psicológico, intelectual, social e cognitivo.” (Idem, p.19).

Conforme, está estabelecido no Ministério da Educação (2014), o professor tem um papel crucial no planejamento na medida em que “valorizam o papel da escola e do trabalho para a concretização de projetos de vida” (p. 9); na autonomia quando “ouvem os seus alunos com genuíno interesse” (p.9); na curiosidade na medida em que preparam os seus alunos “para o mundo laboral e social é particularmente importante que os professores fomentem nos alunos a capacidade reflexiva sobre si e sobre a realidade escolar e profissional.” (p.10); na confiança explorando “capacidades e competências, a concretização das capacidades e aspirações, atitudes positivas face a si próprio e aos seus desempenhos escolares, alternativas e soluções não convencionais na resolução dos problemas.” (p.10) e na cooperação através do respeito e promovendo “o conhecimento sobre especificidades dos grupos minoritários no que respeita a crenças, valores e estilos de vida, estimulam a sensibilidade a pontos de vista alternativos.” (p.11)

2.4- Papel do Professor

A escola foi feita a pensar na formação do cidadão para que este possa responder a todo um conjunto de desafios que recebe da sociedade. Segundo os autores Rossano & Schiller (1990), o bom professor, “pode tirar partido de oportunidades durante o dia para ajudar as crianças a desenvolverem capacidades e conceitos que aumentarão o seu conhecimento do mundo.” (p.10)

Sabemos portanto que uma aula mais dinâmica e elaborada requer um grande investimento por parte do professor, investimento esse, que será recompensado de forma bastante significativa e gratificante, pois irá envolver e motivar as crianças no processo de ensino-aprendizagem, abandonando, assim a pedagogia transmissiva e as aulas centradas no professor.

De modo a implementar uma aprendizagem ativa, de acordo com Rossano & Schiller (1990), o professor deve criar um clima que leve à motivação e empenho por parte da criança,

respeitando o seu trabalho e esforço e levando-a a encarar o erro como uma aprendizagem futura, em que “O professor atento dá o tom para o raciocínio crítico, valorizando respostas alternativas às perguntas, abstendo-se de soluções rápidas e incentivando as crianças a exprimirem livremente as suas ideias.” (p.257), ou seja, é fundamental a pedagogia da participação. As crianças aprendem através de ambientes que procurem motivá-las e cabe ao professor procurar novas formas de ensino-aprendizagem, tendo em atenção que não se pode restringir a um único método de ensino, pois cada aluno tem o seu ritmo. Há que construir contextos de aprendizagem produtivos.

Segundo Arends (1995), a discussão, é fundamental para a aprendizagem ativa e é através dela que o professor ajuda o aluno a tomar consciência do seu pensamento, levando-o a aprender a avaliar-se. A discussão leva também ao respeito pelo outro, na medida em que incentiva o trabalho em grupo.

Através de jogos, implementando o método experimental ou metodologia de trabalho de projeto, o professor tem sempre o papel de modelo e orientador, tendo o dever de transformar pequenas situações em aprendizagens significativas que levem o aluno a descobrir-se.

Smith, Cowie, Blades (1998), referem que para Piaget “O professor é, em última análise, o guia no processo da descoberta do aluno e o programa deveria ser adaptado às necessidades de cada criança e ao seu nível intelectual.” (p.412), enquanto, que para Bruner (1998) deveria existir a preocupação de destacar a aprendizagem como um processo ativo baseado na resolução de problemas.

O professor deverá portanto ser um facilitador, ajudando o aluno a fazer descobertas por si próprio, e através do conflito que se estabelece entre as aprendizagens do dia-a-dia, devendo sempre trabalhar em parceria com o aluno. Os alunos são assim protagonistas e o professor desempenha o papel de criador e organizador dos processos de ensino e aprendizagem.

2.4.1- Pedagogia da participação Vs. Pedagogia da transmissão

A pedagogia da participação está no cerne de toda a aprendizagem ativa. Como tal, não é possível realizar um trabalho de projeto, uma atividade experimental ou um jogo, se não houver participação. Há, desta forma, segundo Oliveira-Formosinho & Araújo (2008) um contraste entre a pedagogia transmissiva e a pedagogia de participação, em que a criança é vista como competente e com espaço de participação, “que credita a criança com direitos, compreende a sua competência, escuta a sua voz para transformar a acção pedagógica numa actividade compartilhada” (Idem, p.33).

	Pedagogia da Transmissão	Pedagogia da Participação
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Adquirir capacidades pré-académicas • Acelerar as aprendizagens • Compensar os deficits. 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover o desenvolvimento • Estruturar a experiência • Envolver-se no processo de aprendizagem • Construir as aprendizagens • Dar significado à experiência • Atuar com confiança
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • Capacidades pré-académicas • Persistência • Linguagem adulta 	<ul style="list-style-type: none"> • Estruturas e esquemas internos mentais • Conhecimento físico, matemático, social • Metacognição • Instrumentos culturais
Método	<ul style="list-style-type: none"> • Centrado no professor • Centrado na transmissão • Centrado nos produtos 	<ul style="list-style-type: none"> • Aprendizagem pela descoberta • Resolução de problemas • Investigação
Processo de Aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Mudança comportamental observável, realizada através do ensino 	<ul style="list-style-type: none"> • Jogo livre e atividades espontâneas • Jogo educacional • Construção ativa da realidade física e social
Etapas da Aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Simples – Complexo • Concreto – Abstrato 	<ul style="list-style-type: none"> • Períodos de aprendizagem e desenvolvimento
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Centrada nos produtos • Comparação das realizações individuais com a norma 	<ul style="list-style-type: none"> • Centrada nos processos • Interessada nos produtos e nos erros • Centrada na criança individual • Centrada no grupo • Reflexiva das aquisições e

		realizações
--	--	-------------

Oliveira-Formosinho, Kishimoto e Pinazza (2007, p.16)

Fazendo um breve leitura deste quadro verifico que o processo de aprendizagem na pedagogia participativa é significativo, na medida em que é fulcral a existência de atividades espontâneas, o jogo livre, o jogo educacional e a construção ativa da realidade física e social, centrando-se na aprendizagem através da descoberta e da experiência, envolvendo o aluno no processo de aprendizagem, levando-o à construção das suas próprias aprendizagens. Já na pedagogia da transmissão, em oposição à pedagogia da participação, as etapas de aprendizagem, são centradas nos produtos e não nos processos sendo ainda focada no professor e não no aluno.

2.4.2- Estratégias impulsionadoras de uma aprendizagem ativa

Para promover uma aprendizagem ativa, é necessário estimular a curiosidade inata da criança para os conteúdos a serem trabalhados. Este facto irá motivar a criança para a construção do seu próprio conhecimento.

O professor deve assim adotar diversas estratégias, com o objetivo de promover uma aprendizagem ativa em contexto de sala de aula, sendo crucial que a pedagogia de participação, seja um dos componentes essenciais do processo de ensino/aprendizagem, através do jogo, do Trabalho de Projeto e do Ensino Experimental.

2.4.3- O Jogo

Tal como os autores Oliveira-Formosinho, Kishimoto e Pinazza (2007) defendem e nos demonstram no quadro acima apresentado, o jogo tem um papel crucial no processo de aprendizagem ativa, pois leva a uma construção pessoal por parte da criança, que adquire novos conhecimentos.

Tavares & Alarcão (1999) dizem-nos que um fator fundamental da aprendizagem é o

ambiente natural da criança, e que através do jogo desenvolve o seu intelectual. Piaget defende que à medida que a criança cresce, os jogos tornam-se em aprendizagens significativas.

Também Vygotsky (Idem) defende que o jogo é um contributo para o desenvolvimento intelectual, social e moral, isto é, para o desenvolvimento integral da criança, na medida em que o mesmo possibilita aliar a componente lúdica às aprendizagens formais, ou seja, que a criança aprenda brincando.

O jogo pode deste modo, ser uma estratégia quando associado ao ensino e aos conteúdos curriculares. Segundo Rubin, Fein e Vandenberg, citado por Neto (2001), “o jogo promove o desenvolvimento cognitivo, capacidade verbal, produção divergente, habilidades manipulativas, resolução de problemas, processos mentais, capacidade de processar informação.” (p. 195). Desta forma, deveremos considerar o jogo e o estudo como dois elementos, que se podem e devem interligar, necessários para o desenvolvimento de uma criança.

Assim, sendo o jogo reveste-se de uma componente lúdica aliada às aprendizagens formais da criança, motiva-a a agir, a aprender, sendo esta forma bastante vantajosa para a aprendizagem. Neste sentido, o jogo enquanto atividade, se utilizada como estratégia pelo professor como torna a aprendizagem lúdica, não irá contra a escola, mas sim, desencadeará nos alunos o gosto pela aprendizagem, sendo assim, um relevante suporte metodológico para o ensino.

2.4.4- Ensino Experimental

Outra forma de promover o desenvolvimento integral da criança é através do ensino experimental, que nos demonstra a importância do envolvimento do aluno na aprendizagem. Enquanto agente da aprendizagem, o ensino experimental é um processo que leva à construção do conhecimento, através de experiência e do contacto com o real, sendo este um

facilitador do processo de ensino-aprendizagem. Assim, Arends (1995) mencionando Dewey refere que “aprender com a experiência era estabelecer uma ligação detrás-para-a-frente e da frente-para-trás entre as acções que praticamos e aquilo que aprendemos em função dessas experiências.” (p.535)

De acordo com Tavares & Alarcão (1999), Vygotsky defende que a escola deve partir dos conhecimentos pré-concebidos das crianças de modo a alcançar etapas por adquirir.

Já para Bruner, ensinar é conduzir ao desenvolvimento do aluno de modo a alcançar a compreensão dos problemas. A aprendizagem deverá portanto ser conseguida através de observações e experiências.

Os autores Rossano & Schiller (1990) defendem que para haver uma aprendizagem ativa e significativa, o ensino experimental visa criar situações de desafio que o levem o aluno a resolver problemas. “As crianças precisam de compreender o porquê e o como do seu mundo. Precisam de ser capazes de tirar conclusões e prever resultados baseados nas suas experiências e observações” (p.259).

O ensino experimental é então um método que se aplica à área da Ciências, tendo como características a capacidade de observação, a formulação de hipóteses, a experimentação e a avaliação dos resultados em relação às questões formuladas, residindo portanto na importância deste partir de ideias dos alunos, fomentando a discussão e experiências significativas.

2.4.5- A Metodologia do Trabalho de Projeto

A metodologia de Trabalho de Projeto é outra estratégia para implementar a aprendizagem ativa, levando também à discussão e à descoberta de novos saberes, partindo da curiosidade e dando especial importância à motivação dos alunos.

Segundo Vasconcelos (2012), esta metodologia foi inicialmente apresentada, por um dos discípulos de John Dewey, William Kilpatrick em 1918, e visa um afastamento de uma

conceção tradicional de ensino para dar lugar a uma aprendizagem em que o aluno é o agente ativo. Esta metodologia foca-se num problema, o que leva à pesquisa por parte das crianças em grupo, promovendo a discussão. Cada elemento é fulcral para o funcionamento do grupo, e toda a aprendizagem é sempre centrada na criança.

Roldão (2009) refere que “[e]nsinar consiste (...) em desenvolver uma acção especializada, fundada em conhecimento próprio, de fazer com que alguém aprenda alguma coisa que se pretende e se considera necessária” (p. 14), ou seja, ensinar é mover e organizar uma série de atividades diversas que promovam a aprendizagem do outro de forma ativa.

A metodologia de trabalho de projeto pressupõe, assim, uma visão da criança como um ser competente e capaz, como um investigador nato motivado para a pesquisa e para a resolução de problemas. O facto de serem os próprios alunos a aprenderem para posteriormente exporem e ensinarem aos colegas determinados temas, faz com que a criança se desenvolva mais a nível cognitivo e valorize a aprendizagem que resultou do seu próprio esforço. Vasconcelos (2012) refere que “o projecto, pela sua complexidade, pode e deve trabalhar na zona de desenvolvimento próximo da criança (Vygotsky, 19782), permitindo trocas e transacções elaboradas (Bruner, 19903), capazes de uma acção mútua emergente. Podemos concluir que, através do trabalho de projecto, a criança “se move adiante do seu próprio desenvolvimento” (Vygotsky, 1978).” (p.10)

Apesar das várias características que podem existir em diferentes projetos, segundo Vasconcelos (2012) os passos essenciais passam por quatro fases: definição do problema, planificação, execução e avaliação.

Através destas diversas estratégias, e segundo os autores Barbosa e Moura (2013: 59), podemos através do quadro seguinte, verificar os benefícios de uma aprendizagem ativa, que difere muito do ensino convencional, em que o professor é o centro, passando com estes métodos e com a aprendizagem ativa a ser o aluno o centro da aprendizagem.

	<i>Ensino convencional</i>	<i>Aprendizagem ativa</i>
<i>Professor</i>	<i>Função de especialista ou autoridade formal</i>	<i>Orientador, co aprendiz ou consultor</i>
	<i>Trabalho isolado</i>	<i>Trabalho em equipa</i>
	<i>Transmissor de informação aos alunos</i>	<i>Ensina ao aluno gerenciar sua aprendizagem</i>
	<i>Conteúdo organizado em aula expositiva</i>	<i>Curso organizado em problemas reais</i>
	<i>Trabalho individual por disciplina</i>	<i>Estímulo ao trabalho interdisciplinar</i>
<i>Alunos</i>	<i>Receptores passivos da informação</i>	<i>Valorização do conhecimento prévio</i>
	<i>Trabalho individual isolado</i>	<i>Interação com colegas e professores</i>
	<i>Transcrevem, memorizam e repetem</i>	<i>Função de buscar/construir o conhecimento</i>
	<i>Aprendizagem individualista e competitiva</i>	<i>Aprendizagem em ambiente colaborativo</i>
	<i>Busca resposta certa para sair bem na prova</i>	<i>Busca questionar e equacionar problemas</i>
	<i>Avaliação dentro de conteúdos limitados</i>	<i>Análise e solução ampla de problemas</i>
	<i>Avaliação sumativa e só o professor avalia</i>	<i>Aluno e o grupo avaliam contribuições</i>
	<i>Aula baseada em transmissão da informação</i>	<i>Trabalho em grupo para buscar soluções; conhecimento é aplicado em vários contextos; busca da informação com orientação docente</i>

2.5- Opções Metodológicas

O presente relatório vai ao encontro de uma metodologia qualitativa, na medida em que a partir da realização do mesmo, e da observação e intervenção no decorrer da minha prática educativa, tentei compreender a natureza da aprendizagem ativa, bem como, o seu valor no ensino em 1º CEB. Tal como Tuckman (2005) refere, na metodologia qualitativa o investigador realiza um estudo participante, na medida em que quando realiza trabalho de campo, “o investigador visita um local ou situação de campo para observar - talvez como

observador participante- os fenómenos ocorridos nessa situação.” (p. 508)

Foi, deste modo, crucial desenvolver a minha prática de ensino supervisionada numa instituição que me deu a oportunidade de implementar aulas de aprendizagem ativa.

Assim, este relatório é um estudo focado na interpretação dos resultados obtidos nas diversas observações realizadas, bem como, nas aulas lecionadas, cujo tema surgiu a partir de experiências de estágios anteriores, e também do estágio em questão.

Tendo em conta a finalidade do objeto de estudo, elegi a observação participante como técnica de recolha de dados cujo, os instrumentos, foram: o registo fotográfico, a análise documental das produções dos alunos, o desempenho nos exercícios de consolidação de conteúdos, e ainda as autoavaliações.

Referindo Tuckman (2005) a observação participante é realizada através de notas de campo que servem para examinar o ambiente através de um esquema geral, em que o investigador vivencia o tema em estudo.

Ao longo da sua carreira o professor está em constante crescimento e evolução. É pois fundamental ir sempre estando e melhorando as suas práticas de ensino.

Neste trabalho, e tendo em conta que o núcleo do mesmo se encontra na atividade dos alunos, enquanto investigador participante, tive a possibilidade de obter dados significativos e interpreta-los segundo o ponto de vista dos alunos. Através desta análise documental, pude comprovar e verificar, os métodos e as práticas de ensino, bem como as diferentes teorias pedagógicas, que confirmam que através da aprendizagem ativa, a aprendizagem se torna mais significativa, levando a uma grande motivação por parte dos alunos.

3. Capítulo II - Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente

3.1- Caracterização da Instituição

O Colégio foi nos primeiros tempos da sua existência construído com a finalidade de ser uma casa rural, daí a sua zona envolvente ser uma quinta. Foi casa rural, palácio de nobres e mesmo residência real.

Já existia no século XVIII com o seu estilo neoclássico sofrendo influências do estilo de Napoleão. Mas, foi certamente, o século XIX que o tornou conhecido porque fora pertença da Coroa Portuguesa e local de desterro da Rainha Carlota Joaquina. Mandado construir por Luís Garcia de Bivar, não permaneceu muito tempo na sua posse. Conheceu inúmeros proprietários, pois foi vendido em hasta pública vezes sem conta.

O projeto pedagógico de Teresa de Saldanha chegou aos nossos dias através do trabalho educativo desenvolvido pelas Irmãs Dominicanas Portuguesas, uma congregação que também se fundou, em 1868.

Este projeto surgiu com o propósito de colmatar uma falha no acesso à educação básica das raparigas, na medida em que havia uma carência de escolas femininas que dessem resposta aos problemas sócio-económicos, iniciando assim um trabalho de intervenção social, fundando uma associação que cuidasse da escolarização das raparigas, nos bairros mais pobres da capital, garantindo educação gratuita. Sendo este projeto pedagógico inovador, quanto aos seus princípios e valores.

Já em 1942, as Irmãs Dominicanas, para concretizar o sonho de Teresa de Saldanha fundaram o Colégio, para a educação da juventude, inspiradas na pedagogia do amor da mesma, para quem educar é formar a consciência, o coração e a inteligência de cada um dos seus alunos, para fazer dele um Cidadão comprometido na construção de uma sociedade justa e mais fraterna, saber escolher o melhor e a viver de acordo com os seus princípios humanos e cristãos. Ao longo da história, o colégio, através do seu ensino e do seu dinamismo, procura concretizar este objetivo.

Atualmente, o Colégio está dividido em dois edifícios, um que abriga a Educação Pré-Escolar, com 3 salas de aula e o 1º Ciclo do Ensino Básico com 7, e dois espaços exteriores partilhados. O outro edifício é destinado ao 2º e ao 3º Ciclo.

3.1.1- Projeto Educativo

O Colégio rege-se ainda pela pedagogia de Teresa de Saldanha, a pedagogia do amor, a fim de desenvolver integralmente em cada aluno todas as suas capacidades, contribuindo para que cada aluno se insira na sociedade, através do uso da razão, da experiência, da relação e da liberdade.

Como tal, o Projeto Educativo (2014/2015) rege-se por quatro princípios essenciais:

- A Razão, utilizada como instrumento para compreender a realidade e o seu sentido, apoiada numa tradição cristã de modo a ir ao encontro com a Verdade, a Justiça, a Beleza e o Bem, contribuindo assim para um equilíbrio entre a liberdade pessoal e a liberdade de todos.

- A Experiência, com o objetivo de se instruir os alunos para o desenvolvimento de uma personalidade forte e do respeito pelo outro, indo este ao encontro da razão.

- A Relação, onde a família é o elo de ligação entre o aluno e a escola, sendo crucial para o aluno descobrir o seu próprio caminho e o seu desenvolvimento integral.

- A Liberdade, tem como objetivo, através do uso da razão, da experiência e do exercício da amizade, contribuir para a liberdade pessoal de cada um e de todos. As regras disciplinares são mínimas, indispensáveis e claras, na medida em que havendo um equilíbrio entre todos os princípios defendidos pelo Colégio, o aluno cresce como um cidadão consciente.

As metodologias adotadas pelo Colégio, foram selecionadas, através de uma intensa pesquisa a nível internacional, escolhendo os métodos, através do ranking mundial, que obtinham melhores resultados a cada área disciplinar. Assim foi selecionado para a área do Português, o Método João de Deus, ascendendo da letra à palavra, da palavra à frase e da

frase ao texto. Para a área da Matemática, foi escolhido o Método Great Math, o mesmo é o que se encontra no topo do ranking mundial, seguindo os princípios orientadores: oralidade; concreto/abstrato e ordem. Em relação à área da Ciência, o Método Experimental foi o que apresentou melhores resultados, com os seguintes princípios orientadores: curiosidade; perspicácia e criatividade; abertura à realidade, perseverança; consciência de que tudo nos foi dado.

O 1º Ciclo encontra-se organizado em unidades de aprendizagem, em que o 1º ano tem como missão a exploração do tema “Tudo me foi dado”, o 2º ano “Tudo é belo”, o 3º ano “Tudo fala de um mistério” e o 4º ano “Fui chamado a ser grande”.

Os pontos pedagógicos fundamentais destas unidades de aprendizagem são: o desenvolvimento de um currículo que favorece o conhecimento das matérias, através de várias perspetivas de aprendizagem; a Catequese como formação estruturante da pessoa; o uso de tecnologias adequadas a um tratamento atual de todos os assuntos; as Artes Plásticas, Musicais e Dramáticas, como fator essencial ao desenvolvimento da personalidade; a Educação Física como desenvolvimento das capacidades físicas e sociais; o Inglês como objetivo de obter fluência escrita e falada da língua com um Professor de origem inglesa que desenvolve, além do ensino específico da língua atividades complementares, culturais e lúdicas.

Como atividades extracurriculares a Instituição disponibiliza, karaté, iniciação às Modalidades de Competição (futebol), ballet e aulas de piano.

Sendo ainda um colégio que fornece bolsas de estudo e com o desejo de construir uma escola onde todos tenham um lugar o Colégio conta com o apoio de psicólogas que fazem um acompanhamento individualizado dos alunos com necessidades educativas especiais.

3.2- A sala do 1º A

O grupo de crianças da sala 1º A é um grupo heterogéneo, constituído por 22 crianças (11 do sexo feminino e 11 do sexo masculino), 3 delas têm cinco anos e as restantes tem seis.

É um grupo muito dinâmico, com algumas crianças que ainda revelam alguma dificuldade a nível de comportamento: saber esperar pela sua vez, cumprimento das regras da sala, resolução de conflitos, capacidade de concentração nas atividades, sendo os momentos de grande grupo os mais “complicados” de gerir.

É um grupo coeso, em que não existe separação de géneros e se revelam grandes afinidades entre alguns pares. Gostam de explorar, estudar e trabalhar, demonstram muito interesse e empenho em participar em todas as atividades propostas. Revelam sempre, antes de almoço e ao final do dia alguma agitação. Por vezes, existem conflitos e, algumas crianças recorrem à ajuda dos adultos, enquanto outras resolvem-nos de modos menos corretos.

No espaço exterior, este grupo organiza-se a seu gosto, criando jogos e brincadeiras em grupos mais alargados, não existindo grandes conflitos, revelando autonomia e gosto em estarem juntos.

O grupo mantém uma relação de proximidade com a Professora, bem como, com as auxiliares da ação educativa, recorrendo à sua ajuda sempre que necessário. A Professora tenta sempre que os alunos façam as coisas por eles, nunca os deixando de ajudar se necessário, mas incentivando sempre a autonomia e responsabilidade.

3.2.1- Ambiente Educativo

Na sala do 1ªA, as mesas estão dispostas em filas, isto é, as crianças estão sentadas cada uma na sua mesa, e as mesas encontram-se perto umas das outras, de modo a que se auxiliem mutuamente, valorizando assim o trabalho em equipa, pois assim as crianças aprendem a

socializar umas com as outras, a cooperar e a partilhar o mesmo espaço.

Esta disposição facilita o contacto visual de todas as crianças com o professor, assim como permite o contacto direto do professor com todos os seus alunos, promovendo assim uma aprendizagem participativa, na medida em que o professor consegue interagir com todas as crianças.

Nesta sala, o material está organizado por caixas, em que cada aluno tem a sua caixa devidamente identificada, tudo ao alcance dos alunos, de modo a que possam utilizar os mesmos, promovendo a mobilidade, flexibilidade e a partilha. Apesar de a sala ser comum a todos os alunos, cada um tem o seu próprio espaço e a Professora tem o cuidado de lhes relembrar que mantenham o seu espaço limpo e organizado, para desta forma lhes facilitar o trabalho e acesso a materiais do dia-a-dia, na sala de aula.

Os livros encontram-se ou por baixo da respetiva mesa do aluno, ou num armário no fundo da sala.

Para promover a autonomia e a responsabilidade, existem chefes de sala, escolhidos semanalmente, por ordem alfabética pela Professora, que estão encarregues de algumas tarefas: a distribuição de livros de fichas ou dos manuais que ficam na instituição, para desta forma as crianças não irem carregadas para casa; recolher os cadernos de casa para a professora fazer a devida correção dos mesmos, quando os mesmos não são corrigidos em grande grupo; distribuição dos cadernos de sala; distribuição de algum recado ou notificação para os pais, bem como fichas fornecidas pela Professora.

Nos placards da sala encontram-se informações sobre cada uma das disciplinas, de modo a que os alunos tenham acesso à matéria dada até ao momento.

Em suma, o ambiente vivido nesta sala de aula é de respeito e segurança, onde os alunos se sentem à vontade para partilhar as suas angústias, receios, situações pessoais com a professora.

3.3- Dinâmica de trabalho em sala de aula

Existe um horário para cada área curricular, em que o português e matemática dependem de uma carga horária de 7 horas por semanais, sendo 3 horas atribuídas ao Estudo do Meio. O Inglês também faz parte do horário curricular destes alunos, lecionado por uma professora especializada na disciplina e tem como carga horária 4 horas semanais. Também faz parte do horário curricular as disciplinas de Educação Física, Artes, Música e a Catequese, com uma carga horária a Educação Física de 2 horas, e as restantes de 1 hora.

A Matemática é uma área em que a professora tanto dá aulas mais formais, através de fichas, bem como, quando repara que as crianças estão com dificuldade em perceber determinada matéria, coloca-as no centro da aprendizagem, ou seja, pede que se desloquem ao quadro e apresentem as suas propostas para resolver determinado problema, levando assim a uma aprendizagem ativa e significativa e levando a uma discussão de ideias. Apesar de não ter nenhuma nota de campo, relembro-me também, de uma aula de matemática, sobre as grandezas, em que as crianças não estavam a compreender que os objetos não mudam de tamanho, nem as pessoas, por estarem em cima de outro objeto. Assim, a professora chamou dois alunos, um mais alto que o outro, perguntando às crianças, quem era o mais alto, ao qual a resposta foi o aluno F era mais alto que o aluno S. Pedindo de seguida que o aluno S se colocasse em cima de uma cadeira e esperou pela reação das crianças. Posto isto, uma criança, respondeu agora o aluno mais alto é o S, em quem a aluna B desde logo, explicou que o aluno mais alto continuava a ser o F, porque o S apenas estava em cima de uma cadeira.

Na área do Português a professora cria um ambiente de aprendizagem ativa, na medida em que incentiva os seus alunos à leitura e escrita de palavras, dando início a cada letra através da descoberta das crianças, por exemplo, « (...) a professora com a qual estou a estagiar, deu a ouvir às crianças fado, sem nunca lhes dizer que iam ouvir fado. (...) ao qual uma criança lhe respondeu: «porque vamos aprender a letra f». (Anexo I- Nota de Campo 1).

Existe também um dia da semana destinado à leitura de livros, chamado a hora do conto, os alunos mostram-se sempre muito ansiosos pela hora do conto, recordando-os do jardim-de-infância. Esta hora do conto é uma forma de promover a leitura.

Quanto à área do Estudo do Meio, é uma área com menos horas semanais que o Português e a Matemática, a professora dá as suas aulas levando o aluno à descoberta, sendo aulas de grande intervenção por parte dos alunos e uma área que desperta no geral muito interesse.

De modo a rentabilizar o ritmo de trabalho dos alunos a Professora emprega algumas estratégias, como por exemplo quando os alunos terminam uma tarefa e começam a ficar impacientes a Professora sugere que passem para o exercício seguinte.

De forma a avaliar o desempenho dos alunos, a Professora verifica, sempre os cadernos, tanto de casa como de sala, antes de realizar a correção dos exercícios em grande grupo. Além de utilizar os manuais adotados pelo Colégio para a realização de exercícios, elabora também fichas de trabalho, assim como fichas de avaliação de modo a constatar a evolução dos alunos e as dificuldades sentidas por cada um. É também realizado um ditado à medida que a professora vê que as crianças se encontram preparadas para escrever determinadas palavras, e de forma a avaliar as que se encontram com mais dificuldades.

No final da aprendizagem de cada letra lecionada, realiza-se um teste de leitura, colocando aos alunos, um autocolante de uma cara sorridente sempre que um aluno passa, incentivando o aluno a continuar no bom trabalho e estimulando o aluno que não passou a continuar a estudar, nunca deixando que o aluno desanime.

Estes testes de leitura tanto são realizados no decorrer das aulas quando os alunos estão em atividades livres, bem como, no fim das aulas ou nos intervalos a pedido dos alunos, pois os alunos mostram-se sempre muito entusiasmados em fazer estes testes.

Além dos testes de leitura, a professora avalia todas as áreas através dos testes de

avaliação, da participação dos alunos nas aulas durante as tarefas apresentadas, da realização dos trabalhos de casa, da apresentação e cuidado dos cadernos de sala, do comportamento na sala de aula, fazendo sempre uma autoavaliação para cada uma das áreas com os alunos no fim de cada período letivo.

4. Capítulo III - A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição

Tal como referi no Capítulo I uma aprendizagem ativa requer uma pedagogia da participação. Assim, ao longo do estágio, foram realizados jogos, atividades experimentais e elaborado um projeto – “Os 5 Sentidos” - com a participação ativa dos alunos.

Os jogos desenvolvidos com a turma do 1º A vieram dar resposta à necessidade de desenvolver a aprendizagem ativa. Em parceria com a professora cooperante e através desses jogos conseguimos atingir o objetivo de proporcionar às crianças uma aprendizagem significativa.

4.1- O jogo

Como referido no capítulo I, o jogo é um impulsionador da construção pessoal da criança, que através dele se sente motivada, levando, assim, a uma aprendizagem ativa. Segundo os autores Tavares & Alarcão (1999), tanto Vygotsky como Piaget defendem que o jogo torna as aprendizagens mais significativas, sendo assim um contributo para o desenvolvimento integral da criança.

4.1.1- O jogo de dados

De forma a valorizar o jogo como uma estratégia de ensino, planifiquei, três aulas, cada uma com um jogo diferente. Através destes jogos fui explorando conteúdos ligados à Matemática e à Língua Portuguesa. Assim, implementei as seguintes aulas: Jogo de dados; Construção Frásica e Jogo de Cálculo Mental.

A aula de Matemática, que teve como suporte um jogo de dados como revisão dos conteúdos previamente trabalhados (anexo II- planificação e reflexão da intervenção pedagógica, “Jogo de dados”) faz parte do Domínio Números e Operações. Esta aula surgiu do facto de as crianças terem um teste no final do mês sobre a adição e a subtração, estarem com dificuldades sobre esta matéria. Implementei-a de forma a esclarecer dúvidas e desta forma poder dar uma atenção mais individualizada aos alunos.

Para a realização do jogo, dividi a turma em quatro grupos, cada um com um efetivo de 5 elementos. Em cada grupo três elementos lançavam os dados e um outro ficava responsável por escrever no quadro os números ou sinais que saíam no dado. O último elemento, em cooperação, se necessário, com o restante grupo, resolveria a conta. Distribui por cada aluno uma ficha para que pudesse colocar o resultado do jogo de cada grupo (Anexo III). No fim de todos os grupos terem jogado, apaguei os sinais de + ou -, bem como o sinal de igual e respetivo resultado e pedi às crianças, aleatoriamente que colocassem o sinal de < o > entre os números. Caso errassem, deixava que a restante turma ou o aluno descobrisse o erro o explicasse.

As crianças no decorrer de toda a atividade mostraram-se motivadas, empenhadas e entusiasmadas, mostrando-me que através do contacto com outros materiais, a matemática pode ser trabalhada e aprendida com grande sucesso e entusiasmo. Citando Tavares & Alarcão (1999), “Por construção pessoal, entende-se que nada se aprende verdadeiramente se o que pretende aprender-se não passa através da experiência pessoal de quem aprende, numa procura de equilíbrio entre o adquirido e o que falta adquirir e através de mecanismos de assimilação e acomodação.” (p.86)

Procurei assim, promovendo a autonomia e o espírito de ajuda, desenvolver o raciocínio lógico-matemático, a partir da aprendizagem ativa, colocando as crianças no centro da aprendizagem, sendo eu a mediadora da mesma, de forma a dar a oportunidade à criança de participar ativamente na construção do seu conhecimento, , acerca da adição e da subtração. Uma das questões que surgiu no decorrer da aula, “foi o facto de uma criança perguntar o que era uma reta numérica, e porque estava num exercício” (Anexo II), dando-me assim a oportunidade de explicar a todos algo que não lhes era conhecido.

4.1.2- O jogo humano de palavras

A aula de Português que teve como suporte a construção frásica (anexo IV- planificação

e reflexão da intervenção pedagógica, “Construção frásica”), encontra-se dentro do Domínio



Figura 1- Cartões de palavras

Oralidade; Leitura e Escrita LE1. Foi

implementada de modo a consolidar a matéria dada até ao momento. Tendo em conta as dificuldades das crianças na construção frásica, decidi então, com o objetivo de as ultrapassar, criar um jogo em que as crianças seriam “palavras”, isto é, um jogo humano de palavras.

Este jogo foi também organizado dividindo a turma em grupos, tendo que ser repensada na altura, pois uma das professoras faltou, tendo eu e a estagiária do 1º B, que assumir as duas turmas, dividindo assim a turma em quatro grupos, cada um com dez elementos, sugerindo que cada grupo se reunisse. Alterei a disposição da sala e distribui por cada grupo um conjunto de cartões (Figura 1), cada um com uma palavra. Dado que apenas havia cinco palavras, cinco crianças organizavam a frase, e as restantes cinco sem saberem a palavras que tinham, deslocavam-se até ao quadro com a palavra ao pescoço (pois cada palavra tinha um cordel), tendo os cinco elementos que explicar à restante turma como organizaram a frase. Apercebi-me entretanto que a tarefa se estava a tornar enfadonha e decidi mudar de estratégia e pedir aos dez elementos de cada grupo que organizassem a palavra, mas que antes de se deslocarem ao quadro pedissem à restante turma para a organizar, levantando-se das cadeiras e mexendo nos colegas como se de um puzzle se tratasse. No fim do jogo, entreguei a cada aluno uma ficha para colarem nos cadernos, com as mesmas frases do jogo, pedindo agora, individualmente que todos a realizassem. Todos os alunos desempenharam a função sem dificuldades. (Anexo V- Ficha de organização frásica).

Após a mudança de estratégia, a aula tornou-se mais dinâmica e os alunos apesar de no papel demonstrarem dificuldades na construção frásica, com a realização deste jogo

mostraram-se participativos, entusiasmados e sem dificuldades, existindo um grande respeito pelo próximo, e levando aos alunos a uma maior autonomia. Assim, e citando os autores Schiller & Rossano (1990), o uso de atividades práticas estimula o interesse e o envolvimento pela aprendizagem, os jogos e as atividades práticas podem ser encaradas como simples brincadeiras pelos alunos, mas no ensino, possuem uma proporção muito maior, pois levam a uma percepção cognitiva e assim a uma aprendizagem. “O essencial é que as crianças participem activamente no processo de aprendizagem e que as experiências pedagógicas não sejam isoladas.” (p.9)

4.1.3- Jogo de cálculo mental

Quanto à última aula, para demonstrar a importância do jogo como uma aprendizagem ativa, foi realizada outra aula de Matemática como forma de revisão de cálculo mental (anexo VI- planificação e reflexão da intervenção pedagógica, “Jogo de cálculo mental”) que faz parte do Domínio números e operações.

Dado que as crianças se encontravam no momento com dificuldades em cálculo mental, e como consolidação da matéria dada até ao momento, decidi mais uma vez, realizar um jogo que desse resposta a esta dificuldade, com uma metodologia participativa e com uma abordagem diferente, instigando os alunos a formarem o seu cálculo mental.

Para tal, realizei uns cartões com pintas pretas, plastificados (Figura 2).

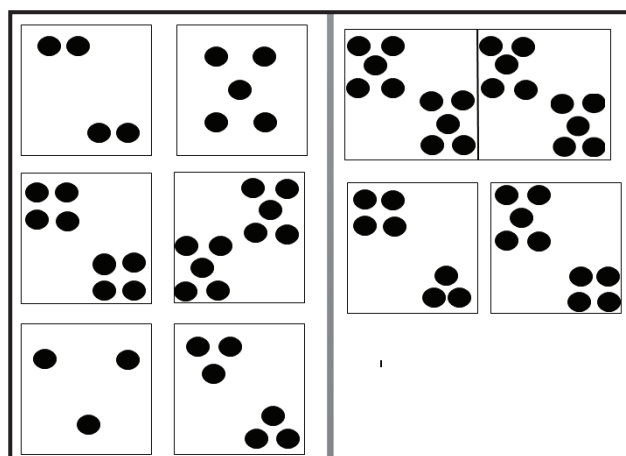


Figura 2- Cartões de Pintas

Mostrava um cartão durante algum tempo para que todos vissem e de seguida um outro, pedindo depois que me dessem a soma ou a subtração dos dois.

A aula foi interrompida, mas quando a retomei, iniciei um novo jogo. Distribui pelas crianças cartões com números até 20, explicando que cada aluno no decorrer do jogo seria um número (Figura 3). O objetivo

1	2	7	8	13	14	19	20
3	4	9	10	15	16		
5	6	11	12	17	18		

Figura 3- Cartões dos números

deste jogo era também trabalhar o cálculo mental mas com outra abordagem. Por exemplo, comecei por chamar o número dois e de seguida pedi adição a três, levantando-se o número três, e por fim levantou-se o número cinco e assim em diante, sempre trabalhando a adição e a subtração.

As crianças mostram-se mais entusiasmadas e motivadas com o segundo jogo de cálculo mental, pedindo para repetir o jogo várias vezes no intervalo, o que prova como a matemática ou qualquer outra área se trabalhada com diferentes abordagens, como o jogo, e levando a criança a viver a aprendizagem, se torna mais eficaz, podendo alcançar melhores resultados no futuro, levando o jogo, a trabalhar em grupo, promovendo o espírito de entreajuda. Segundo Damas *et al* (2010), “A estratégia da descoberta é a ideia-chave no ensino da Matemática. É estimulando a procura, o pensamento, a reflexão e a discussão, que se vão construindo conceitos e adquirindo conhecimentos matemáticos.” (p.10)

Com esta aula pude verificar “a facilidade com que as crianças fizeram as contas de cálculo mental, (...) estava a contar com algumas dificuldades e ver as crianças a contarem pelos dedos, o mesmo não aconteceu”. (Anexo VI)

4.2- Ensino experimental

Em concordância com o que se encontra referido no capítulo I, a atividade experimental é segundo Arends (1995) uma forma de aprendizagem construtiva, na medida em que o professor deverá criar ambientes onde os alunos tenham a possibilidade de ter atitudes

positivas e demonstrem motivação para o sucesso nas atividades escolares.

Sendo este ensino uma forma de aprendizagem ativa e significativa, o ensino experimental visa criar situações de desafio que levem o aluno à resolução de problemas. Segundo Arends (1995), “Todos nós aprendemos com a experiência e temos consciência que ela é uma base de ideias e comportamentos novos.” (p. 535)

Assim, e de modo a pôr em prática o ensino experimental como forma de aprendizagem ativa, planifiquei e realizei as seguintes aulas: Visita à quinta do Colégio; Alimentação Saudável e 5 sentidos, o corpo humano e texturas.

4.2.1- Visita à Quinta

A visita à Quinta surgiu com o intuito de aplicar o método experimental, como uma estratégia para trabalhar a aprendizagem ativa. Esta faz parte do Bloco 3- *À descoberta do ambiente natural* tendo como objetivo identificar cores, sons e cheiros da natureza; e do Bloco 5- *À descoberta dos materiais e objetos* com o objetivo de realizar experiências com o som.

Esta visita despertou nas crianças a curiosidade e o interesse pelos 5 sentidos, surgindo também, como ponto de partida para a realização do projeto que irei abordar mais à frente. Nesta visita, comecei por explicar que não seria apenas um passeio “pois no decorrer do mesmo iriam ter que estar atentos ao que iriam vendo, sentindo, cheirando, ouvindo e realizando um registo/desenho...”. (Anexo VII)

Logo no início do nosso caminho entre a sala de aula e a entrada da quinta avistámos o cão da instituição, o Rex, e todos pararam para fazer festas e desenharem. Um pouco mais à frente encontrámos uma lesma, parando todos também para desenhar e observar. Quase em simultâneo, uma das crianças avistou um pato, e alertou todo o grupo de forma entusiástica “aqui há patos, aqui há patos”. (Figura 4)

Foi notório o entusiasmo das crianças em pintarem e descreverem o que viam e ouviam, pois demoramos 20 minutos a chegar à quinta. Como podemos verificar na figura 5, já na



quinta, encontramos ouriços, mosquitos, uma salamandra, várias árvores com colmeias. As crianças “sem eu pedir foram-me descrevendo os sons que iam ouvindo, os cheiros, os seus desenhos, tocando nas plantas, pedras, etc., e descrevendo o que sentiam.” (Anexo VII- planificação e reflexão da intervenção pedagógica “Visita à Quinta do Colégio”).

Com esta visita à quinta, as crianças mostraram-se motivadas e empenhadas, e tal como os autores Schiller & Rossano referem, é através das experiências e do contacto com o real que a crianças aprende, fazendo novas descobertas. “Destá forma, as crianças pequenas desenvolverão as suas capacidades de aprender a estudar, sentir-se-ão confiantes com o seu talento. O estudo tornar-se-á



Figura 5- Observações das crianças

um processo interessante que se prolonga pela vida inteira.” (p. 10)

Os objetivos delineados anteriormente foram atingidos uma vez que “esta atividade teve como finalidade reforçar a consciência do corpo por meio da exploração do mundo, através de estímulo das percepções do olfato, visão, tato e audição.” (Anexo VII)

4.2.2- Alimentação Saudável- Frutos e legumes

Quanto à aula de Ciências onde foi trabalhada a alimentação saudável, mais precisamente, frutos e legumes, encontra-se dentro do Bloco 1- *À descoberta de si mesmo*, e foi implementada de modo a dar continuidade à visita à quinta do colégio, bem como, a iniciar a próxima matéria do programa do colégio do Estudo do Meio, a roda dos alimentos.

Como tal, e a partir dos legumes e frutos existentes na quinta do Colégio, apresentei, em cooperação com a estagiária do 1º B, um PowerPoint às crianças, mostrando as árvores de frutos e pedindo-lhes que nos fossem dizendo que árvore era e que fruto dava, fazendo o mesmo em relação aos legumes. Este PP tem como objetivo as crianças perceberem como os legumes e frutos crescem, pois muitos até à visita à quinta não tinham percebido que alguns crescem na terra, por exemplo as cenouras, e outros em arbustos, como por exemplo a beringela. Após o término do PP, eu e a estagiária do 1º B, lemos uma história que falava sobre a importância das vitaminas. No fim da história as crianças fizeram vários comentários, como por exemplo, “aprendemos que devemos comer fruta com casca porque é lá que há mais vitaminas”.

Após uma conversa com os alunos pedi-lhes, que me explicassem como podiam diferenciar as frutas dos legumes, ao que não me souberam responder. Questionei então quanto à origem do tomate, se era um fruto ou um legume, pergunta que gerou confusão. Posto isto, e dado que as aulas estavam prestes a terminar, sugeri, tirando partido da situação, que no fim-de-semana realizassem uma experiência com os pais - cortarem vários legumes e várias frutas, percebendo assim que se tiver sementes é um fruto, se não tiver é um legume. Esta relação escola/família é bastante importante para o sucesso das aprendizagens dos alunos uma vez que as suas famílias contribuem para o seu desenvolvimento. Foi através desta sugestão que consegui implementar o ensino experimental no seio familiar.

Na segunda-feira seguinte, ao chegarem à escola, as crianças mostraram-se bastante

entusiasmadas com o que tinham aprendido em casa, com os pais, comentando com a professora cooperante, “Professora, na sexta-feira, quando a professora não veio, a Luísa ensinou-nos como podíamos ver se era fruta ou legume, sabe é só abrir ao meio e se tiver sementes é fruto, se não tiver é legume, eu fiz a experiência em casa e foi muito divertido.”. (anexo VIII- Nota de campo 14).

Posso agora afirmar, que o ensino experimental apresenta de facto resultados muito significativos e marcantes na vida das crianças, pois a partir desta experiência, a criança vendo, tocando, observando e experimentando, adquiriu uma aprendizagem para a vida.

Citando Schiller & Rossano (1990) “*Os professores devem criar um clima que permita às crianças fazerem perguntas, mas, sobretudo, devem orientar as crianças a aprenderem a descobrir por si mesmas.*” (p.285)

4.2.3- Os 5 sentidos, o corpo humano e texturas

Quanto à última aula referida, (Anexo IX- planificação e reflexão da intervenção pedagógica, “Os 5 sentidos, o corpo humano e texturas”), faz parte do Bloco 1- À descoberta de si mesmo e do Bloco 5- À descoberta dos materiais e objetos, resultou também da visita à quinta e da necessidade de implementar uma atividade experimental para que as crianças aprendessem por si mesmas a importância dos 5 sentidos.

A aula foi iniciada partindo da exploração do livro *O Livro negro das cores*, em que pedi às crianças que se sentassem no fundo da sala em roda, fechassem os olhos e fizessem silêncio, pois iria ler uma história diferente. À medida que fui lendo a história, as crianças iam passando o livro umas às outras de forma a sentirem o relevo das ilustrações. Após ter terminado a leitura, pedi às crianças que me explicassem o que achavam do que a história falava. As crianças chegaram a conclusões surpreendentes, percebendo por si só que falava sobre como o menino da história via as cores, «*O Tomás não via as cores ele cheirava-as*», «*O Tomás não via as cores ele imaginava-as porque era cego.*». No fim das várias

conclusões, uma das crianças perguntou: “Como é que uma pessoa cega pode ler?”.

Partindo desta pergunta, falei um pouco sobre a história do braille explicando-lhes como é que uma pessoa invisual lê,

e mostrando a cada criança o



Figura 6- Exploração da história

fim da página que contem o alfabeto e a numeração em braille. (Figura 6).

Posto isto, dei uma venda a cada aluno, e fui chamando as crianças aleatoriamente ao quadro para realizarem duas experiências: uma consistia em, com os olhos vendados, tocar em várias texturas e descrever as mesmas, como rugosas, macias, ásperas, lisas, etc.

A outra consistia em, mais uma vez de olhos vendados, tirar um alimento da caixa que eu fiz previamente, cheirar o mesmo, tocar e, descrevendo o que sentia, tentando adivinhar o que era, para no fim provar e comprovar se era o



Figura 7- Exploração dos 5 sentidos

que pensava. Todas as crianças puderam repetir as experiências, querendo, praticamente todas, provar novamente limão. (Figura 7)

É fundamental deixar a criança entrar em contacto com o mundo que a rodeia, não a salvaguardando de todas as situações mais complicadas da vida, mostrando-lhes que apesar

de haver na vida obstáculos, há formas de os ultrapassar. Levamos as crianças a alcançarem os resultados é uma forma que desta forma leva à aprendizagem ativa, sendo assim a criança, o principal agente ativo da aprendizagem. Schiller & Rossano (1990), os autores em praticamente toda a sua obra, induzem-nos para a importância que tem o contacto com o real, a importância que tem a aprendizagem ativa, e como a mesma beneficiará o futuro da criança. “As salas de aula e o recreio são laboratórios científicos naturais, desde que haja professores entusiastas para orientar a aprendizagem.” (P.285)

Esta atividade serviu de ligação ao projeto que abordarei de seguida, o projeto “Os 5 sentidos”, explicando às crianças no final desta aula, que iríamos elaborar um projeto acerca dos sentidos, como já tínhamos falado antes.

4.3- O projeto “À descoberta dos 5 sentidos”

Este projeto foi solicitado no âmbito da PES- Prática de Ensino Supervisionada, no decorrer do estágio de 1º ciclo em Ensino Básico.

O tema dos 5 sentidos foi escolhido por ser o próximo tema a ser trabalhado na disciplina de Estudo do Meio e por ter verificado que estas aulas eram bastante solicitadas pelas crianças. A calendarização do projeto encontra-se em anexo. (Anexo X- Calendarização do Projeto)

A perceção do mundo, para os seres humanos, dá-se por meio dos sentidos sensoriais: audição, tato, paladar, visão e olfato. A união e o estímulo dos cinco sentidos facilitam o processo de aprendizagem do aluno, pois é através dos sentidos que a criança conhece o mundo, necessitando deles para quaisquer aprendizagens. Desta forma, o corpo estabelece-se como o principal instrumento de aprendizagem.

A finalidade deste projeto é a aprendizagem ativa e com significado, pois como referem Hohmann, Banet, Weikart (1979) “a criança tem interesse pelo que está a fazer e está, portanto, completamente envolvida na resolução de problemas. Se quisermos que as crianças

se tornem seres capazes de resolver inteligentemente os problemas (...) problemas que surgem das suas próprias tentativas de compreenderem o mundo.” (p.175)

Através de um debate de grupo, foi atribuído um porta-voz, com a responsabilidade de comunicar aos restantes membros da turma, os resultados do seu trabalho de pesquisa.

Assim, foram criadas várias aulas, de modo a dar resposta à 3ª fase da PES das quais selecionei três de modo a exemplificar como é que esta estratégia desenvolve a aprendizagem ativa: Pesquisa dos temas; Construção dos trabalhos e Apresentação dos mesmos.

4.3.1- Pesquisa dos temas

Após uma conversa com os grupos, os alunos perceberam que apenas sabiam o essencial acerca de cada sentido, ou seja, que a visão era os olhos, etc. e que teriam de investigar para aprofundar os seus conhecimentos. Para tal, o problema sugerido pelos alunos foi a falta que um dos sentidos pode ocasionar, levando-os a querer investigar este tema. Este momento, segundo Teresa Vasconcelos (2012) está inserido na Fase I- *definição do problema*.

Posteriormente, deu-se início à Fase II- *Planificação e desenvolvimento do trabalho*, em que foram formados 5 grupos com 4 /5 elementos, que em que cada grupo realizou a sua pesquisa em casa com a distribuição

dos seguintes subtemas: Audição; Visão; Olfato; Tato e Paladar.

De acordo com esta autora, a pesquisa dos temas faz parte da fase III- *Execução* (Anexo XI-

ALUNOS (GRUPOS)	OS 5 SENTIDOS (O QUE NÓS SABEMOS)			
VIÇÃO EDUARDO SINES DE ALMEIDA SILVANA SINES MARGARIDA SOUSA MARIANA SINES	EDUARDO SINES DE ALMEIDA - A visão depende da luz. - Percebemos com os olhos. - Não vemos no escuro.	JULIANA SINES - A visão depende da luz. - Percebemos com os olhos. - Não vemos no escuro.	MARGARIDA SOUSA - A visão depende da luz. - Percebemos com os olhos. - Não vemos no escuro.	MARIANA SINES - A visão depende da luz. - Percebemos com os olhos. - Não vemos no escuro.
AUDIÇÃO JOÃO FELIPE CASTRO JANICE LUIS MARCIA RIBEIRO MARCIA SOARES PEREIRA	JOÃO FELIPE CASTRO - A audição depende do ouvido. - Percebemos com os ouvidos. - Não ouvimos no silêncio.	JANICE LUIS - A audição depende do ouvido. - Percebemos com os ouvidos. - Não ouvimos no silêncio.	MARCIA RIBEIRO - A audição depende do ouvido. - Percebemos com os ouvidos. - Não ouvimos no silêncio.	MARCIA SOARES PEREIRA - A audição depende do ouvido. - Percebemos com os ouvidos. - Não ouvimos no silêncio.
OLFATO MARCIA FERNANDA VASCONCELOS JULIANA PINHEIRO SENECA ANA BEATRIZ SOUSA LEONAR LOPEZ GONCALVES	MARCIA FERNANDA VASCONCELOS - O olfato depende do nariz. - Percebemos com o nariz. - Não sentimos no silêncio.	JULIANA PINHEIRO SENECA - O olfato depende do nariz. - Percebemos com o nariz. - Não sentimos no silêncio.	ANA BEATRIZ SOUSA - O olfato depende do nariz. - Percebemos com o nariz. - Não sentimos no silêncio.	LEONAR LOPEZ GONCALVES - O olfato depende do nariz. - Percebemos com o nariz. - Não sentimos no silêncio.
TATO MARCIA FERNANDA VASCONCELOS LEONAR LOPEZ GONCALVES CAROLINA PEREIRA TATIANA PEREIRA	MARCIA FERNANDA VASCONCELOS - O tato depende da pele. - Percebemos com a pele. - Não sentimos no silêncio.	LEONAR LOPEZ GONCALVES - O tato depende da pele. - Percebemos com a pele. - Não sentimos no silêncio.	CAROLINA PEREIRA - O tato depende da pele. - Percebemos com a pele. - Não sentimos no silêncio.	TATIANA PEREIRA - O tato depende da pele. - Percebemos com a pele. - Não sentimos no silêncio.
PALADAR DANIELA SOUSA LEONAR LOPEZ GONCALVES MARIANA SINES MARCIA FERNANDA VASCONCELOS	DANIELA SOUSA - O paladar depende da língua. - Percebemos com a língua. - Não sentimos no silêncio.	LEONAR LOPEZ GONCALVES - O paladar depende da língua. - Percebemos com a língua. - Não sentimos no silêncio.	MARIANA SINES - O paladar depende da língua. - Percebemos com a língua. - Não sentimos no silêncio.	MARCIA FERNANDA VASCONCELOS - O paladar depende da língua. - Percebemos com a língua. - Não sentimos no silêncio.

Figura 8- Recolha de informação

planificação e reflexão da

intervenção pedagógica, “Pesquisa acerca dos 5 sentidos”).

Posto isto, reuni-me com cada grupo e aponte num caderno tudo o que cada criança, de

cada grupo pesquisou sobre o seu tema, elegendo cada grupo o seu porta-voz e passando mais tarde toda a informação para um cartaz, que ficou afixado na sala no decorrer de toda a elaboração dos trabalhos, bem como na apresentação dos mesmos (Figura 8). Fiquei muito impressionada com as respostas que fui ouvindo, seguindo-se exemplos de respostas de cada grupo:

Grupo da visão: S- M.S.- *Se nós não tivermos cérebro, vemos as imagens ao contrário, ou seja, o olho liga até ao cérebro e nós vemos bem. As pessoas cegas utilizam os outros sentidos para ver.* Grupo da audição- *Os ossos do ouvido ajudam a ouvir. Os ossos do ouvido são o Martelo, Bigorne e Estribo. As ondinhas vão até ao cérebro e conseguimos perceber o que é o som.* Grupo do olfato: V.- *O olfato é para cheirar as flores, a Natureza e para cheirar também as coisas que cheiram mal. Os animais também utilizam o olfato e cheiram melhor que nós.* Grupo do tato: C- *O tato é um dos cinco sentidos, o tato está na pele, tem a função de sentirmos as coisas e permite distinguir o calor do frio, o áspero do macio. A zona mais sensível é as pontas dos dedos.* Grupo do paladar: L.CD.- *Em cima da língua temos várias papilas gustativas que nos fazem ajudar a sentir e distinguir os diferentes sabores. Na ponta da língua sentimos o doce, depois o salgado, depois o ácido e depois o amargo.*

Foi, assim, uma atividade fulcral para as crianças, pois estão familiarizadas com o fazer uma pergunta e ser-lhes dado uma resposta e neste caso, cada aluno foi à descoberta das suas respostas. Schiller & Rossano (1990), “O essencial é que as crianças participem activamente no processo de aprendizagem e que as experiências pedagógicas não sejam isoladas.” (p.9)

4.3.2- Execução dos trabalhos

Quanto à execução dos trabalhos, que de acordo com Teresa Vaconcelos (2012), faz parte da fase III- *Execução*, (Anexo XII- planificação e reflexão da intervenção pedagógica, “Construção dos objetos para representação dos 5 sentidos”), tem como objetivos: Reconhecer e identificar os 5 sentidos; Saber distingui-los; Proporcionar uma atividade lúdica

às crianças; Serem as crianças o agente ativo das suas aprendizagens (são as crianças a pesquisar e a construir os seus objetos); Apresentação dos trabalhos realizados, feita pelas crianças para a turma.

Após a recolha de informação de cada grupo, expliquei que iriam realizar trabalhos relacionados com o seu tema, para mais tarde apresentarem à turma. Reunindo-me mais uma vez com cada grupo, e expliquei-lhes que cada grupo teria que arranjar uma forma de representar o seu tema.

Grupo do tato - foi feita uma mão em cartolina para cada um, levei vários materiais em que cada um colava na sua mão um material com uma textura (esfregão, papel crepe, algodão, feltro);

Grupo do paladar - realizou no próprio dia as espetadas de frutas (banana, uva, tangerina, morango e pipocas salgadas);

Grupo da visão - fez monóculos, tapando uma das extremidades de cada monóculo com papel celofane de várias cores e pintando o cartão do papel higiénico a seu gosto;

Grupo da audição - trouxe materiais de casa, colocou dentro de garrafas e forrou as garrafas com folhas brancas, tapando as tampas com papel de seda para os alunos pintarem ou forrarem a seu gosto com os materiais à sua escolha (pedras, clips, terra, arroz, água).



Figura 9- Construção dos trabalhos

Grupo do olfato - fiz vários círculos com cartolina com furos para os alunos mais tarde

taparem os copos de plástico enfeitados por eles, os alimentos contidos dentro dos copos foram escolhidos por eles (chocolate, canela, limão e cebola). (Figura 9- Construção dos trabalhos)

Assim, a aprendizagem é decisiva e significativa, quando ativa ou direta, ou seja, as experiências ativas e diretas envolvem o aluno em novas descobertas, novos saberes. Segundo Hohmann, Banet, Weikart (1979), “a aprendizagem ativa- o experimentar direto e imediato dos objetos, das pessoas, e dos acontecimentos- é condição necessária para a reestruturação cognitiva e, deste modo, para o desenvolvimento: as crianças apreendem os conceitos por meio da atividade que é da sua própria iniciativa.” (p.14).

4.3.3- Apresentação dos trabalhos

Terminada a construção dos objetos para cada grupo, deu-se início à próxima fase do projeto, de acordo com a autora Teresa Vasconcelos (2012) Fase IV- *Divulgação/avaliação*, a apresentação dos trabalhos à turma (Anexo XIII- planificação e reflexão da



Figura 10- Apresentação- As bancas

intervenção pedagógica, “Apresentação dos trabalhos”). Antes de dar início à apresentação dos trabalhos, no dia anterior, deixei já a sala pronta para o efeito, deixando a sala disposta por “bancas” (figura 10), pois cada grupo tinha a sua banca para apresentar os seus trabalhos, bem como, toda a pesquisa realizada e trabalhos sobre cada sentido, expostos.

Posto isto, aquando da chegada de todas as crianças à sala, tive uma breve conversa com os alunos relembrando o que iria ser feito, pedindo para que à medida que algum elemento do grupo terminasse de ver todas as bancas/apresentações, trocasse com um elemento do seu

grupo; sugeri também aos alunos, de modo a não gerar muita confusão na sala, que circulassem sempre no sentido dos ponteiros do relógio.

Após esta breve explicação chamei então o porta-voz de cada grupo para que apresentasse o seu trabalho de acordo com a pesquisa realizada.

Após terminadas as apresentações foram dois elementos de cada grupo para as suas bancas e os restantes foram circular pela sala de modo a



Figura 11- Apresentação dos trabalhos

conhecerem as restantes bancas.

Por fim, após todos os elementos do grupo terem circularado pela sala, e após já todos terem “repetido” bancas, pedi aos alunos que se sentassem, realizando com os mesmos uma breve reflexão/síntese, sobre as aprendizagens efetuadas no decorrer de todo o projeto e dando ideias para explorar de outras formas os materiais. (Figura 11)

Em suma, posso afirmar que o uso de atividades práticas, feitas pelas crianças podem ser encaradas como uma componente lúdica por parte dos alunos, não significando que não sejam aprendizagens, pois no ensino, estas atividades possuem uma proporção muito maior, levando a uma perceção cognitiva e assim à aprendizagem.

Segundo os autores Hohmann, Banet, Weikart (1979), “A aprendizagem ativa, (...), tem a conotação da aprendizagem que é iniciada pelo sujeito que aprende, no sentido de que é executada pela pessoa que aprende, em vez de lhe ser apenas «passada» ou «transmitida»”.

(p.174)

Quanto há avaliação do projeto, encontra-se em anexo (Anexo XIV- Avaliação do projeto), bem como um exemplo de uma autoavaliação realizada pelos alunos. (Anexo XV- Exemplo de uma autoavaliação).

Os alunos envolveram-se em todo o processo, investigaram, recolheram informações e registaram dados, tomaram decisões e apresentaram à turma as suas conclusões, tornando-se o sujeito o principal agente ativo da aprendizagem. No decorrer de todo o projeto os alunos mostram-se sempre entusiasmados, desenvolvendo-o com sucesso, mostrando todos muito empenho e respeito pelo outro., o que levou a que fossem capazes de alcançar os objetivos estabelecidos no início do projeto, tais como, a autoomia, a capacidade reflexiva, o espírito de cooperação, o trabalho de grupo, a capacidade de resolução de problemas,etc.

Citando os autores Hohmann, Banet, Weikart (1979),”A aprendizagem activa tem também a conotação de criatividade por parte daquele que aprende e está a tentar construir uma melhor «teoria» da realidade e a inventar novas combinações de meios e fins. É também a isto que nos referimos quando dizemos que a criança «inicia» a sua própria aprendizagem.” (p.174)

Os alunos tiveram sempre a capacidade de intervir de forma crítica e construtiva, de estabelecer métodos de trabalho enquanto grupo, de investigar, refletir, seleccionar, organizar informação e comunicá-la aos outros elementos da turma utilizando uma linguagem adequada.

5. Capítulo IV - Considerações Finais

Para concluir todo este percurso, baseado na observação/ação/reflexão, é fulcral tecer algumas considerações finais sobre forma como decorreu. Detendo como prioridade a promoção de situações de ensino/aprendizagem que permitiram o envolvimento e a participação das crianças, bem como perceber a forma como estas influenciaram o meu trabalho, pretendo com este último capítulo, fazer uma análise crítica de toda a minha Prática de Ensino Supervisionada (PES), bem como, um resumo dos resultados e objetivos alcançados, retirando conclusões de modo a responder às questões de investigação definidas no início deste relatório, presente no capítulo I.

Este estudo partiu, efetivamente, do objetivo de proporcionar às crianças um ambiente repleto de oportunidades de construção de aprendizagens ativas. É nele que consiste a oportunidade do aluno se envolver em algo que lhe interessa, encontrando-se, deste modo, motivado e predisposto à conquista de novos saberes.

Assumi em toda a PES um papel de mediadora, no sentido de ajudar as crianças no seu processo de desenvolvimento integral de forma atenta e dinâmica, participando e intervindo nas diversas situações quer em contexto formal, sala de aula, quer em contexto informal, familiar e recreios. Creio assim, ter conseguido compreender o papel do professor no processo de ensino/aprendizagem.

Para tal, a reflexão sobre a prática é fundamental pois, além de ser um dos motores do desenvolvimento de competências e da aquisição de saberes, é o ponto de partida para a mudança e para a continuação do meu crescimento enquanto futura professora.

Tendo desta forma a oportunidade de implementar aulas, através de atividades nas quais as crianças podiam ter uma intervenção mais direta, selecionei diferentes estratégias educativas, nomeadamente a utilização do Jogo, de Atividades experimentais e do Trabalho de Projeto, como métodos de ensino prioritários para a implementação da aprendizagem

ativa.

Este Relatório, focado na PES e no desenvolvimento de estratégia de aprendizagem ativa, teve portanto como principal objetivo, potenciar o desenvolvimento do conhecimento bem como das capacidades, atitudes e valores das crianças, permitindo-me orientar as atividades de forma a obter respostas para as seguintes questões:

- Pode a aprendizagem ativa promover uma diferenciação pedagógica?
- Como poderá o professor desenvolver uma aprendizagem ativa em contexto escolar?
- Quais as competências adquiridas pelas crianças através de uma aprendizagem ativa?

Baseei-me na posição daqueles que valorizam a aprendizagem e o papel central das crianças, segundo os quais o ato de conhecer se articula de forma inequívoca com o ato de agir e o saber não pode ser entendido apenas como um bem que se transmite.

Também Piaget, de acordo com Tavares & Alarcão (1999), considera a aprendizagem e a atividade dos alunos a questão pedagógica central, reforçando a necessidade de entender os sujeitos como produtores de sentido e como protagonistas do seu próprio processo de desenvolvimento pessoal e social.

Deste modo, analisando os dados observados, considero que as atividades desenvolvidas potenciaram a aprendizagem dos diversos conteúdos curriculares intrínsecos às mesmas, promovendo uma aprendizagem ativa a partir da diferenciação pedagógica, tal como referi no capítulo I do presente relatório, sendo as atividades exploradas com base em aulas de participação e ativas, pois a criança aprende partindo da ação, da motivação e da curiosidade, como construtor do seu próprio conhecimento, devendo sempre existir uma co-construção entre crianças e adultos.

Desta forma, é necessário adaptar as formas de ensino às diversas capacidades e necessidades de cada aluno, levando a uma diferenciação pedagógica, pois através do jogo, da atividade experimental e do trabalho de projeto, permiti ao aluno descobrir por si próprio

novas aprendizagens, vivenciando-as, investigando-as e explorando-as, colocando-o no centro da aprendizagem. De acordo com Smith, Cowie, Blades (1991) é um processo que “estimula os alunos a estabelecer ligações e a entender as relações que se estabelecem entre e através dos assuntos.” (p.493)

É fundamental que a estruturação das atividades seja feita de modo a prever possíveis imprevistos e a organizar a própria ação do adulto. Deste modo, as planificações efetuadas foram apresentando uma maior flexibilidade, já que é fundamental que um professor tenha a capacidade de adequar a sua ideia inicial ao momento, ou seja, às situações imprevistas que podem surgir no seu grupo de crianças e às dúvidas das mesmas, para desta forma conseguir aproveitar as questões e dúvidas dos alunos para dar aso a novas aprendizagens. O professor deve, assim, ter em conta estratégias de “Num processo de ensino/aprendizagem há que considerar um professor que cria condições de aprendizagem e os alunos que se movem no contexto das condições criadas.” (Tavares & Alarcão, 1999, p.118)

Cativei as crianças, promovendo situações dinâmicas, em que possam experimentar e, assim, construir o seu próprio conhecimento, tendo de preocupar-se também com o processo e não apenas com o resultado final. Referindo Tavares & Alarcão (1999), para realizar aulas de aprendizagem ativa o professor deve ter em conta “como motivar os alunos, como mantê-los interessados, como explicar o assunto, como criar condições de prática, fixação, integração e transferência, como manter um clima emocional conducente à aprendizagem.” (p.118)

Com a realização das atividades implementadas e referenciadas no capítulo III a partir da aprendizagem ativa as crianças adquiriram várias competências:

- Participar em atividades de grupo, adotando um comportamento construtivo e responsável;
- Valorizar e respeitar as ideias dos seus pares;

- Expressar, discutir e negociar ideias com vista numa aprendizagem cooperativa;
- Participar em atividades de investigação e descoberta utilizando técnicas elementares de pesquisa, organização e tratamento de dados;
- Desenvolveram a comunicação entre os pequenos grupos;
- Desenvolveram a imaginação;
- Comunicaram resultados de forma oral aos restantes membros da turma.

O envolvimento das crianças no trabalho desenvolvido revelou-se bastante positivo. Todas as situações tiveram como base a pedagogia de participação, onde as crianças, aprenderam através das suas próprias descobertas e da discussão de ideias, em que todas estiveram envolvidas. De acordo com Freed (1997) “o ensino ativo presume que os alunos são pessoas capazes de dar significado às coisas, construtores ativos do seu próprio conhecimento; que trazem a cada experiência de aprendizagem uma reserva de informação da qual podem dispor ao procurarem compreender.” (in Revista de Educação, p.9)

Assim, posso concluir que, de facto, a aprendizagem ativa constituiu um meio facilitador do envolvimento das crianças no processo de ensino-aprendizagem. “No ensino ativo, os alunos devem estar numa posição em que não possam sair a menos que pensem, a menos que estejam ativamente envolvidos e gastem energia na experiência académica.” (Idem, p.7)

Com base neste pensamento e refletindo sobre toda a prática educativa desenvolvida no decorrer deste estágio final, verifica-se que após reflexão e análise, as questões que constam do capítulo I se transformam em certezas, em conhecimentos, em experiências ricas e gratificantes.

Não podendo deixar de referir, que o meu desempenho e crescimento se refletem na relação de colaboração, compreensão e entreajuda que fui mantendo com a professora cooperante e os alunos da sala do 1º A, estabelecendo uma amizade com base no companheirismo.

Importa também salientar a importância da motivação na prática educativa retratada no presente relatório. No 1º CEB a motivação e a aprendizagem ativa tiveram um papel fundamental, tornando o ensino aliciante, despertando a curiosidade e o desejo de querer saber sempre mais. Procurei sempre proporcionar atividades em que todas as crianças pudessem efetuar aprendizagens significativas.

Terminado o percurso acadêmico e o estágio final de curso, sei agora qual a postura que pretendo ter no futuro, assumindo o compromisso de centrar a minha prática numa pedagogia ativa, diferenciada, inclusiva e motivadora que, simultaneamente permita a aquisição de aprendizagens significativas e vá ao encontro das necessidades das crianças.

Referências Bibliográficas

- Arends R. (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-HILL
- Barbosa E. & Mour D., (2013) *Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica*. V. 39, N°2, 48-67. Rio de Janeiro.
- César, M. (1996). Primeiras aprendizagens: Alguns aspectos relevantes. *Rev. Educ. Mat.* N° 40, 18-19.
- Cottin M. & Faria R. (2009). *O Livro negro das cores*. R. José da Silva Fonseca, Figueira da Foz: Bruaá Editora
- Damas E., Oliveira V., Nunes R., Silva L. (2010). *Alicerces da Matemática*. Av. Alm. Gago Coutinho, Lisboa: Areal Editores
- Delors, J. (2000). *Educação- um tesouro a descobrir*. Avenida Dr. Augusto de Castro, Lisboa: Edições ASA.)
- DEB-ME (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências essenciais*. Lisboa: DEB-ME.
- DEB-ME (2004). *Organização curricular e Programas – 1º Ciclo*. Lisboa: DEB-ME.
- DGEC- ME (2014). *O Papel dos Professores no Processo de Orientação*. Lisboa: ME.
- Freed S. (1997). *Incentivando Aprendizagem Ativa*. *Rev. Educ. Adv.* N° 6, 6-10.
- Giusta A. (2013). *Concepções de aprendizagem e práticas pedagógicas*. *Educ.* rev. vol.29 no.1: Belo Horizonte.
- Gloton R. & Clero C. (1971). *A Actividade Criadora na Criança*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Gomes D. & Ferlin A. (2012). *Atividades criativas para se apropriar do conhecimento na sala de aula*. Brasil: Editora Vozes.
- Hohmann M.; Banet B.; Weikart D. (1979). *A Criança em Acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Hohmann, M. & Weikart D. (2009). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste

Gulbenkian.

Martins I., Veiga M., Teixeira F., Vieira C., Vieira R., Rodrigues A., Couceiro F. (2007)

Educação em Ciências e Ensino Experimental. Lisboa: DEB-ME.

Ministério da Educação (2006). *Organização Curricular e Programas do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: ME-DEB.

Neto, C. (2001). *Aprendizagem, desenvolvimento e jogo de actividade física*. In G. Guedes (Ed.). *Aprendizagem Motora: problemas e contextos*. Lisboa: Edições FMH

Nóvoa, A. (1995) *O Passado e o Presente dos Professores*. Porto: Porto Editora.

Oliveira-Formosinho, J. & A. (2008). A construção social da moralidade: a voz das crianças.

In Oliveira- Formosinho, Júlia (org.). *A Escola Vista pelas Crianças*. Porto: Porto Editora.

Oliveira-Formosinho, J. (2007). Pedagogia(s) da Infância: reconstruindo uma práxis de participação. In Oliveira-Formosinho, J. et al. *Pedagogia(s) da Infância: dialogando com o passado, construindo o futuro*. Porto Alegre: Artmed.

Roldão, M. C. (2009). *Estratégias de ensino: o saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Schiller, P. & Rossano, J. (1990). *Guia Curricular- 500 actividades curriculares apropriadas à educação das crianças*. Avenida João Paulo II, Lisboa: Horizontes Pedagógicos;

Silva S. (2006) *A Escola na Formação do Cidadão*. Rev. Criança, nº 42. MEC/SEB.

Smith.P.K.; Cowie H.; Blades M. (1991). *Compreender o desenvolvimento da criança*.

Lisboa: Instituto Piaget.

Sprinthall N. & Sprinthall R. (1993). *Psicologia Educacional- Uma Abordagem*

Desenvolvimentista. Lisboa: McGraw-HILL

Tavares J. & Alarcão I. (1999). *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.

Tuckman B. (2005). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste

Gulbenkian.

Vasconcelos, T (2012). *Trabalho por Projectos na Educação de Infância: mapear aprendizagens/integrar metodologias*. Lisboa: DGE-ME

Anexos

Anexo I- Nota de Campo 1

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

1

Situação: Introdução da letra «F»

Data: 12/11/2014

Hora: 09.15h

Local: Sala do 1º A

Intervenientes: Duas turmas de 1º ano e respetivas professoras.

Sexo do Observado: Masculino e feminino

Idade do Observado: 6/7 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>As professoras dos primeiros anos, juntaram as duas turmas na sala do 1º A. Após todas as crianças estarem sentadas, a professora com a qual estou a estagiar, deu a ouvir às crianças fado, sem nunca lhes dizer que iam ouvir fado. Terminada a música perguntou às crianças que gênero de música tinham estado a ouvir, ao que uma criança respondeu: <i>«Ouvimos fado, o meu avô canta muito bem fado e disse que era música de Portugal»</i>.</p> <p>Após este comentário a professora</p>	<p>Será esta uma situação de aprendizagem ativa?</p> <p>- As crianças mostraram-se muito participativas, concentradas e entusiasmadas e todas queriam dizer qual a letra que ia ser iniciada.</p>

perguntou se sabiam porque estavam a ouvir fado, ao que uma outra criança respondeu: «*Porque vamos aprender a letra «F»*». A professora congratulou a criança, pedindo então que lhes dissessem palavras com a mesma letra. Terminou a aula com a leitura de uma história acerca da letra «F».

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

A meu ver, esta forma de introdução de letras novas é um método fantástico, pois leva a que a criança descubra qual a letra que vai ser iniciada, sendo ela o principal agente ativo da aprendizagem. Com este tipo de intervenção pedagógica, as crianças mostram-se mais atentas e entusiasmadas, tornando a aprendizagem mais significativa

Schiller P. Rossano J. (1990) «*As atividades que estimulam a capacidade de ouvir e falar promovem o desenvolvimento completo da Linguagem Oral. É também necessário criarem-se oportunidades para as crianças aumentarem o vocabulário, desenvolverem conceitos e empregarem a estrutura frásica correta.*»

Anexo II- Planificação e Reflexão- Jogo de dados

Planificação da Intervenção Pedagógica

Ano/ número de alunos	1º ano do Ensino Básico- 20 alunos.
Área	Matemática
Tarefa	Jogo de dados- adições, subtrações, sinais "<", ">" e "="; Partição de números.
Data e duração	18 de Novembro. Duração de 60 minutos.

O que pretendo que o aluno aprenda

Domínios/Conteúdos Programáticos	Números e Operações: - sistema de numeração decimal (Ordem natural; os símbolos «<» e «>»); Adição e Subtração.
Metas/Objetivos	<p><u>Sistema de Numeração Decimal:</u></p> <p>4. Comparar números naturais até 100 tirando partido do valor posicional dos algarismos e utilizar corretamente os símbolos «<» e «>»;</p> <p><u>Adição:</u></p> <p>2. Efetuar adições envolvendo números naturais até , por manipulação de objetos ou recorrendo a desenhos e esquemas;</p> <p>3. Utilizar corretamente os símbolos «+» e «=» e os termos «parcela» e «soma»;</p> <p>4. Reconhecer que a soma de qualquer número com zero é igual a esse número;</p> <p>7. Decompor um número natural até em somas de dois ou mais números de um algarismo;</p> <p>1. Efetuar subtrações envolvendo números naturais até por manipulação de objetos ou recorrendo a desenhos e esquemas;</p> <p><u>Subtração:</u></p> <p>2. Utilizar corretamente o símbolo «-» e os termos «aditivo»,</p>

	<p>«subtrativo» e «diferença»;</p> <p>3. Relacionar a subtração com a adição, identificando a diferença entre dois números como o número que se deve adicionar ao subtrativo para obter o aditivo;</p> <p>4. Efetuar a subtração de dois números por contagens progressivas ou regressivas de, no máximo, nove unidades.</p>
Operacionalização (descritores)	Cumprir instruções; falar de forma audível; articular corretamente as palavras;.
Modalidades e Instrumentos de Avaliação	<p>Respostas no quadro e avaliação das mesmas por todo o grande grupo.</p> <p>Avaliação individual de cada aluno, a partir de uma ficha de consolidação.</p>
Razão da escolha da tarefa	Início da revisão da matéria dada até ao momento, para realização de teste no final do mês.

O que proponho para que o aluno aprenda

Metodologia	<p>Organização dos grupos de trabalho: 4 grupos de 5 alunos. Estabelecer as regras: Cada grupo responde na sua vez, colocando o dedo no ar. Caso não consigam alcançar a resposta, poderão, pedindo permissão, solicitar o auxílio de um outro grupo. Cada resposta dada, tem de ser escrita no quadro, para que todos os alunos tenham acesso e consigam preencher as fichas que lhes irão ser entregues.</p> <p>Cada elemento do grupo irá ter uma tarefa: 3 elementos lançam os dados, outro elemento será o porta-voz do grupo, comunicando o resultado à turma e o 5º elemento ficará responsável por escrever no quadro a soma ou subtração que resultará dos dados.</p> <p>Será distribuída por cada aluno uma ficha, para que todos a completem com os dados que resultarão do jogo (anexo 1), de forma a que todos participem e possam estudar em casa.</p> <p>De seguida, será distribuída uma outra ficha de partição de números (anexo 2). O 1º exercício será realizado por mim e pelos</p>
--------------------	--

	<p>alunos, para que todos percebam como se resolve e tentem realizar os restantes sozinhos. A correção desta ficha irá ser feita no quadro pelas crianças, com o meu auxílio.</p> <p>Por fim darei aos alunos uma ficha de consolidação/revisão (anexo 3) de exercícios sobre o que foi feito na aula (adições, subtrações, partição de números e sinais "<", ">" e "="). Caso não consiga terminá-la na aula, ficará para trabalho de casa.</p>
Ação do Professor	Orientar a tarefa/atividade (mediador); dar a oportunidade a cada criança de participar na atividade.
Organização dos alunos	4 grupos de 5 alunos, em que cada criança fica sentada na sua secretária. Os grupos serão organizados pelas filas das secretárias (cada fila é um grupo).
Comunicação dos resultados	Os resultados do jogo de dados, bem como a ficha de partição de números será apresentado no quadro negro, para que todas as crianças tenham acesso e preencham as fichas que lhes forem entregues.
Recursos materiais	Fichas; cubos; quadro negro, giz, apagador.
Recursos humanos	Imprimir as fichas a ser entregues aos alunos.
Previsão estratégias a utilizar pelos alunos	Agarrar-se-ão aos resultados apresentados no quadro de cada grupo, sem tentarem pensar por eles mesmos, copiando do quadro. (Por isso todos os grupos terão de realizar o jogo uma vez para que cada aluno resolva o exercício por si mesmo).
Previsão de dificuldades/erros	Cada grupo irá ter um porta-voz, para que não falem todos ao mesmo tempo. Cada grupo terá de esperar pela sua vez.
Prevenção das dificuldades	Pensar previamente no porta-voz de cada grupo. Organizar os grupos pelas filas de secretárias já existentes na sala.

<p>Relacionar tarefas com outras áreas de aprendizagem</p>	<p>Perguntar às crianças se têm irmãos, questionando sobre as idades de cada um. Aleatoriamente, irei selecionar algumas crianças para irem ao quadro, utilizando a simbologia do ">" e "<", para diferenciarem a sua idade, da dos seus irmãos (Ciências- família).</p>
---	--

Reflexão sobre a implementação da tarefa/atividade pedagógica

<p>Relato da atividade/aula</p>	<p>Pelas 10h.40m, a Professora Cooperante, após o intervalo, pediu às crianças que se sentassem e acalmassem, explicando que seria eu, estagiária, a prosseguir com a aula de matemática. Pediu para arrumarem os livros de Português, pois acabariam mais tarde o exercício que estavam a realizar. Pediu a todos os alunos que estivessem com atenção e que me respeitassem, pois agora seria eu a Professora.</p> <p>Após a Professora ter conversado com os alunos, prossegui então com a aula, começando por explicar que iam fazer um jogo de dados, mas que teriam que respeitar as regras, nomeadamente colocar o dedo no ar quando se quer falar, não falar por cima dos colega, e respeitar a jogada de cada elemento do grupo, ou seja, os grupos que não estavam a lançar o dado só intervieram com a minha permissão. Expliquei, também, que o jogo iria ter 4 grupos e que cada grupo teria 5 elementos (cada fila de mesas era um grupo). Disse-lhes também que todos iriam participar - 3 elementos de cada grupo ficariam responsáveis por lançar os dados, outro elemento iria escrever no quadro o resultado dos dados e o último elemento ficaria responsável por fazer a conta e escrever o resultado no quadro.</p> <p>Comecei então por fazer no quadro o esquema (anexo 1) que colei em todos os cadernos de matemática dos alunos, para que melhor o pudessem completar à medida que o jogo se ia realizando. De seguida, chamei o 1º grupo que se mostrou bastante ansioso por lançar os dados. No fim dos primeiros 3 elementos</p>
--	--

terem lançado os dados, algumas crianças desrespeitaram as regras do jogo e começaram a dizer alto o resultado da subtração. Disse-lhes então que quem falasse sem colocar o dedo no ar iria perder pontos. A partir daí o desenrolar do jogo correu muito melhor. Após a realização do jogo e antes de iniciar a ficha de partição de números, apaguei os sinais de +, - e = do quadro, bem como o resultado das contas, deixando apenas os números que saíram nos dados. De seguida, deparei-me com um erro meu, pois apenas imprimi e plastifiquei o sinal de maior e menor, faltando portanto o sinal de =. Assumi o meu erro e expliquei que caso houvesse a possibilidade de haver números iguais teriam que escrevê-los e caso fosse maior ou menor bastava colarem nos quadro os cartões, feitos por mim estagiária, que continham na parte de trás bostic. Pedi então a cada grupo que me fosse dizendo qual o número maior e qual o número menor, colocando os sinais $<$, $>$ e $=$ no quadro, entre os números.

Terminado o jogo de dados, pedi aos alunos que olhassem para a ficha que tinha colado previamente em todos os cadernos de matemática (ficha de partição de números- anexo 2). Disse-lhes que iria resolver com eles apenas o 1º exercício para que percebessem todos o que era pedido. Passei o 1º esquema da ficha de partição de números e perguntei aos alunos se sabiam o que representava o número "4" no centro do esquema. Apenas uma criança me respondeu que era o resultado das somas e subtrações que teriam de fazer. Disse-lhes que àquele resultado, iríamos chamar "todo" e que teríamos de pensar em duas forma de somar e duas formas de subtrair para chegar ao resultado 4. Após esta breve explicação dei cerca de 5 minutos para a realização do exercício, enquanto desenhava o esquema no quadro. Após ter terminado de passar o esquema para o quadro, fui chamando aleatoriamente alunos para virem resolver as partições dos números, e pedi aos restantes que realizassem os deles nos seus cadernos. No fim fui verificar o trabalho de cada criança, tendo que corrigir alguns

	<p>exercícios e explicando sempre o porquê de estar errado.</p> <p>Por fim, e após a hora de almoço, distribuí aos alunos, a ficha de consolidação (anexo 3) elaborada por mim e pela estagiária Cláudia Vaz e expliquei-lhes o que era pretendido fazerem no 1º exercício. Para a correção do 1º exercício, fui chamando aleatoriamente, alunos ao quadro e assim consecutivamente. Dado que a ficha de consolidação gerou muita confusão e de modo a dar continuidade à aula de Português, pedi que os restantes exercícios fossem para trabalho de casa. A aula terminou às 13h.30m.</p>
<p>Reflexão sobre o trabalho desenvolvido</p>	<p>Confesso que estava à espera que a aula tivesse gerado muita confusão, pois quando sugeri dar uma aula de Matemática partindo de um jogo as Professoras do 1º ano (Professora Cooperante e Professora do 1º B) avisaram-nos logo, a mim e à Cláudia Vaz, que isso iria acontecer, mas fiz questão de tentar mesmo assim, e de facto foi uma aula muito significativa para as crianças. Divertiram-se e aprenderam.</p> <p>O fato de toda a turma ter participado no jogo de dados foi muito positivo pois todos os alunos sentiram que tiveram um papel importante na realização deste jogo. Dado que a aula apenas tinha que ter duração de uma hora, cada grupo jogou apenas uma vez.</p> <p>No geral, penso que foi uma tarefa muito bem conseguida pois senti que as crianças gostaram, divertiram-se e principalmente, aprenderam, pois através da ficha de consolidação pude verificar que retiveram os conteúdos dados. Através da experimentação os alunos aprendem e têm gosto em aprender.</p> <p><i>Tavares J., Alarcão I. (1999) «Por construção pessoal, entende-se que nada se aprende verdadeiramente se o que pretende aprender-se não passa através da experiência pessoal de quem aprende, numa procura de equilíbrio entre o adquirido e o que falta adquirir e através de mecanismos de assimilação e acomodação.»</i></p> <p>No fim do dia, conversei com a Professora que me deu feedback dos pontos fortes e fracos da aula, ajudando-me e dando-me</p>

	<p>conselhos sobre o que poderia melhorar numa próxima aula. No geral, fez-me sentir muito orgulhosa do meu trabalho, reforçando maioritariamente pontos positivos, não tendo praticamente pontos negativos a apontar.</p>
<p>Reação (individual e da turma)</p>	<p>A turma mostrou-se muito participativa e sempre entusiasmada no decorrer da tarefa, tanto que alguns não conseguiram conter-se e desrespeitaram algumas regras, tendo que por várias vezes intervir e relembrá-las.</p> <p>Pude também perceber, através da realização das fichas de parição de números e da correção das fichas de consolidação, quais os alunos que têm mais dificuldades na realização de alguns exercícios. No geral foram as subtrações.</p>
<p>Questões relevantes que surgiram</p>	<p>Uma das grandes questões foi o facto de uma criança perguntar o que era uma reta numérica, e porque estava num exercício, dando-me assim a oportunidade de explicar a todos algo que não lhes era conhecido, saindo da minha zona de conforto (pois dei-lhes apoio até à data em conteúdos que já conheciam, nunca introduzindo algo novo).</p> <p>Outra questão relevante, apesar de não ter a ver com conteúdos, foi o facto de uma criança após eu a repreender, (pois não parava quieta, levantando-se e destabilizando as crianças que estavam a trabalhar) me dizer: «mas Luísa, eu já fiz tudo há tanto tempo, não tenho nada para fazer.». Não soube agir nesta altura, mas deveria ter sabido, e ensinou-me que numa próxima aula deverei sempre ter um plano B.</p>
<p>Questões (imprevistos) que surgiram ao nível: do tema,</p>	<p>O primeiro imprevisto que surgiu, foi no exercício da colocação do sinal $<$, $>$ e $=$, pois, devido a uma grande falha minha, não imprimi e plastifiquei o sinal $=$, tendo surgido resultados no jogo em que este era necessário.</p> <p>Ao realizar a ficha de consolidação, e dado que algumas crianças da turma estão mais avançadas na matéria, não tendo dificuldades e realizar a maioria dos exercícios, essas crianças</p>

da planificação, da atitude dos alunos	acabaram a ficha muito cedo, começando a ficar impacientes. Não previ que tal fosse acontecer, e perdi por isso um pouco o controlo da turma..
Como os resolvi	<p>Ao dar conta do da minha falha, na questão do sinal =, assumi rapidamente o erro, pedindo desculpa e dizendo que não havia qualquer problema, explicando que caso houvesse números iguais não havia cartão mas havia giz e como tal, poderiam desenhar o = no quadro.</p> <p>Ao perceber que tinha perdido o controlo de algumas crianças, que por conseguinte perturbaram a aula, terminei a ficha, e pedi que ficasse para trabalho de casa, pedindo a quem acabou para me entregar para corrigir. Para que este erro não volta a acontecer, a Professora aconselhou-me a ter sempre um outro trabalho para dar a quem acaba, nem que seja uma folha branca e pedir para fazerem, neste caso, algumas contas passadas por mim no caderno deles.</p>
Fatores facilitadores	A aula dada foi acerca de um conteúdo que as crianças conhecem, e dado que foi a partir de um jogo, despertou o interesse de todos. Todos participaram o que beneficiou muito o sucesso da aula.
Fatores perturbadores	Tal como referi anteriormente, por não ter previsto que algumas crianças poderiam ter acabado antes e não ter portanto nada preparado para as ocupar, permitiu que perturbassem a aula, ficando agitados e distraíndo quem não acabou.
Dar continuidade: em que áreas, como e quando	Esta atividade poderá ser relacionada com a área de Ciências, mais propriamente com o tema “a família- árvore genealógica”, ou seja, ao perguntar às crianças quem tem mais idade ou menos idade, se a idade da criança é igual, maior ou menor comparada com a dos irmãos.

Anexo III- Ficha- Jogo de dados

Nome: _____

Data: ____/____/____

<i>Resultado do jogo de dados</i>					
<i>1ª</i>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	=	<input type="text"/>
<i>2ª</i>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	=	<input type="text"/>
<i>3ª</i>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	=	<input type="text"/>
<i>4ª</i>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	=	<input type="text"/>

Anexo IV- Planificação e Reflexão- Construção Frásica

Planificação da Intervenção Pedagógica

Ano/ número de alunos	1º ano do Ensino Básico- 20 alunos.
Área	Língua Portuguesa.
Tarefa	Construção frásica.
Data e duração	25 de Novembro. Duração de 1 bloco.

O que pretendo que o aluno aprenda

Domínios/Conteúdos Programáticos	<i>Oralidade; Leitura e Escrita LEI;</i>
Metas/Objetivos	<p><i>-Oralidade</i></p> <p><u>1. Respeitar regras da interação discursiva.</u></p> <p><i>1. Escutar os outros e esperar pela sua vez para falar.</i></p> <p><i>2. Respeitar o princípio de cortesia.</i></p> <p><i>2. Escutar discursos breves para aprender e construir conhecimentos.</i></p> <p><i>3. Cumprir instruções.</i></p> <p><u>3. Produzir um discurso oral com correção.</u></p> <p><i>1. Falar de forma audível.</i></p> <p><i>2. Articular corretamente palavras.</i></p> <p><i>3. Usar vocabulário adequado ao tema e à situação.</i></p> <p><i>4. Construir frases com graus de complexidade crescente.</i></p>

Operacionalização (descritores)	Cumprir instruções; falar de forma audível; articular corretamente as palavras.
Modalidades e Instrumentos de Avaliação	Avaliação em grande grupo, a partir de um jogo de construção de frases.
Razão da escolha da tarefa	Revisão/consolidação da matéria dada até ao momento.

O que proponho para que o aluno aprenda

Metodologia	<p>A aula irá ser iniciada por uma rotina das crianças, em que a mesma é a escolha da frase do dia, a escolha da mesma é a partir de coisas que até à data tenham sido significativas no dia das crianças. Após a mesma se encontrar definida, escreverei no quadro, em letra manuscrita a mesma frase, pedindo enquanto escrevo a mesma que abram os cadernos de português para que a possam transcrever para o caderno. Posteriormente, pedirei e cumprirei mais uma vez uma vez uma rotina das crianças, ou seja, que após a escrita da frase do dia no caderno que façam um desenho do mesmo. Caso haja crianças a acabar mais cedo a tarefa pedirei que acabem fichas do livro de Português.</p> <p>Quando todas crianças tiverem terminado, explicarei que iremos realizar um jogo, e que mais uma vez, os grupos serão organizados pelas filas e mostrar-lhes-ei a caixa que trouxe, explicando que dentro da mesma se encontraram frases, mas que as frases estarão divididas por palavras e desorganizadas, e que cada grupo terá uma frase para organizar.</p> <p>Após organizada, terão, mais uma vez, de colar nas camisolas (com o velcro que já se encontra na camisola de cada criança), para que depois possam colar a sua palavra, deslocando-se ao quadro quando terminadas as frases e colocando-se pela ordem da frase, sendo eles, os alunos a frase em si. As frases terão que conter as</p>
--------------------	--

	<p>letras trabalhadas até à data, ou seja, a letra V, F, J e T.</p> <p>Antes de dar início ao jogo, estabelecerei as regras do mesmo: Cada criança responde na sua vez, colocando o dedo no ar, respeito pelo outro.</p> <p>Após a tarefa terminada pedirei às crianças que completem as frases (as mesmas da atividade anterior) mas desta vez de forma individual, que se encontram já coladas no caderno.</p>
Ação do Professor	Orientar a tarefa/atividade (mediador); explicar de forma calma e coerente a atividade, de forma a atender às necessidades/dificuldades de cada aluno (dar o tempo necessário a cada criança para a compreensão e realização da tarefa proposta).
Organização dos alunos	Os alunos serão organizados por filas, cada grupo organizará a sua frase numa mesa que se encontra ao fundo da sala de modo a obter mais privacidade.
Comunicação dos resultados	A comunicação dos resultados da atividade em questão irá verificar-se quando cada grupo construir a sua frase e for à frente da sala, mostrar a mesma.
Recursos materiais	Fichas; papel plastificador; lã; cadernos de português.
Recursos humanos	20 alunos e eu, estagiária.
Previsão estratégias a utilizar pelos alunos	De modo a facilitar a construção das frases, prevejo que as crianças se organizem encontrando o início, ou seja, onde se encontra a letra maiúscula, e o fim da frase, onde se encontra o ponto final.
Previsão de dificuldades/erros	A meu ver, ao contrário das estratégias, será difícil para as crianças, encontrarem o «meio» da frase, ou seja, encontrarem com facilidade o princípio e o fim da mesma, mas o que está entre o início e o fim requer mais atenção e poderá existir alguns erros.
Prevenção das dificuldades	Irei ter o cuidado de andar pela sala, ajudando e apoiando os grupos na leitura das palavras que cada um tem consigo,

	facilitando desta forma a construção da frase e o que se encontra entre o início e fim da mesma.
Relacionar tarefas com outras áreas de aprendizagem	Relacionar com a Matemática, números ordinais (1º vem o a palavra x e em 2º palavra y, etc). Desta atividade, poderemos também partir para uma aula de Ciências, na medida em que podemos envolver nas frases os graus de parentesco.

Reflexão sobre a implementação da tarefa/atividade

Relato da atividade/aula	<p>Pelas 08h.30m, a Professora Cooperante veio-me avisar a mim e à estagiária que a sua Professora Cooperante se encontrava doente, como tal, que teríamos que adaptar a nossa aula para 40 crianças, pois as crianças do 1º B, iriam estar todo o dia a ter aulas em conjunto com o 1º A. Como tal, eu e a estagiária Cláudia decidimos a aula e a pedido da mesma deu eu Início à aula e ela deu a segunda parte.</p> <p>Por volta das 9h.15m assumi a sala, explicando às turmas que a Professora do 1º B estava doente e então que eu e a Cláudia iríamos dar nós a aula de hoje de Português. Expliquei que tem sempre que respeitar as regras da sala, mas que hoje especialmente, pois eramos o dobro e como tal, 40 crianças a falar ao mesmo tempo não iria correr bem, e para que a aula corresse bem, todos teriam que respeitar a vez do outro, colocar o dedo no ar e esperar pela sua vez. Expliquei então que íamos fazer um jogo, e que os grupos iriam ser organizados por filas, mostrei então um dos cartões, explicando que a cada grupo irá ser dado um conjunto de cartões, em que cada cartão se encontra uma palavra, expliquei então que cada grupo terá que juntar as palavras de modo a construir uma frase que faça sentido. E expliquei que apenas para cada grupo havia cinco palavras, pois supostamente só iria haver 5 crianças por fila e havia 10 por fila, pedi então que cada grupo quando fosse para construir a palavra se dividisse ao meio, ou seja,</p>
---------------------------------	---

	<p>5 crianças organizaram a frase outras cinco colocaram a palavra ao pescoço, e foram lá à frente ao quadro explicar que estratégias tinham adotado de modo a conseguir construir uma frase.</p> <p>Ao fim de dois grupos terem completado a tarefa eu e a estagiária Cláudia apercebemo-nos que a tarefa se estava a tornar enfadonha, como tal decidimos mudar de estratégia, pedimos aos restantes dois grupos que se deslocasse ao fundo da sala, 5 organizassem a frase e outros 5 se deslocassem até ao quadro com a frase ao pescoço, mas desta vez, antes de irem até ao quadro, com a palavra ao pescoço na mesma mas a frase novamente desorganizada, e aleatoriamente ia uma criança de outro grupo tentar organizar a frase, caso não conseguisse, podia pedir auxílio de outro colega, tornando deste modo a aula mais dinâmica.</p> <p>Após todos os grupos terem terminado, explicamos que todos teriam que tentar construir novamente as frases, mas deste vez de forma individual, as mesmas encontravam-se coladas no caderno (anexo 11), e que após terminarem de copiar as frases, pedimos que fizessem um desenho da frase que gostaram.</p>
<p>Reflexão sobre o trabalho desenvolvido</p>	<p>Tal como referi anteriormente, esta aula estava planeada para ser dada apenas por mim e a 20 crianças, na hora fomos avisadas que teria que ser dada a 40 e eu e a estagiária Cláudia teríamos que nos reorganizar e dar juntas. Foi muito bom para mim ter tido esta oportunidade, pois querendo ou não, foi uma mudança que me colocou à prova quanto à minha capacidade de improvisação e de ultrapassar obstáculos em relação a este tipo de situações, podendo afirmar que o mesmo foi ultrapassado e muito bem conseguido, pois rapidamente adaptei uma aula que era para 20 e passou para 40 crianças, e quando a meio me apercebi que a mesma não estava a correr como planeado, voltei a adaptá-la sem hesitar. A partir do momento em que me apercebi que a aula não estava a ser dinâmica e a tornei mais lúdica e mais dinâmica, as crianças aprenderam mais e divertiram-se. Brincar com as palavras é claramente uma ótima forma de aprenderem.</p>

	<p>Damas E., Oliveira V., Nunes R., Silva L. (2010) «É a partir do real, da observação e da experiência que se levantam questões dando oportunidade, aos alunos, de se envolverem em descobertas (...).»</p>
<p>Reação (individual e da turma)</p>	<p>A turma mostrou-se muito entusiasmada no decorrer da tarefa, havendo apenas uma primeira parte de mais dispersão e de menos entusiasmos, mas mudámos logo de estratégia, as crianças desfrutaram muito mais.</p> <p>O facto de ter sido uma aula em conjunto também foi algo que facilitou bastante no bom ambiente que se vivia na sala, apesar de mais «barulhento», foi também talvez mais divertido e diferente.</p>
<p>Questões relevantes que surgiram</p>	<p>Uma das grandes questões foi o facto de uma criança perguntar «se são palavras soltas e nós não sabemos ler bem, como podemos construir a frase?» foi muito importante esta pergunta na medida em que me lembrou de rever uma questão muito importante, ou seja, a minha resposta foi o rever como se começa e acaba uma frase, começasse sempre por letra maiúscula e acaba sempre com ponto final, penso que esta revisão foi decisiva para o facilitar da tarefa, ou seja, o sucesso da aula adveio de uma questão de uma das alunas.</p>
<p>Questões (imprevistos) que surgiram ao nível: do tema, da planificação, da atitude dos alunos</p>	<p>Os grandes imprevistos que surgiram forem em questões de planificação, pois a aula estava planeada para 20 crianças, e passou para 40 e para ser cooperada com a estagiária Cláudia.</p> <p>Outro imprevisto, apesar de advir do facto de ser uma aula que não estava planeada para 40 crianças, e que talvez se fosse apenas para 20 tivesse corrido melhor e tivesse sido mais dinâmica, mas a aula não estava a ser dinâmica como tínhamos previsto, estava até a ser enfadonha, as crianças não se estavam a demonstrar interessadas na aula que eu e a Cláudia estávamos a dar.</p>
	<p>Quanto ao facto de o número de crianças ter duplicado, devido ao pouco tempo que tivemos para pensar como faríamos a aula,</p>

<p>Como os resolvi</p>	<p>readaptamos a planificação, eu fiquei com dois grupos a estagiária Cláudia ficou com outros dois, eu dei Início à aula, ou seja, falávamos à vez.</p> <p>Quanto ao facto de a aula não estar a ser tão dinâmica ou interessante como esperado, decidimos modificar de imediato, tornando-a desde logo mais dinâmica, e num ambiente mais enriquecedor.</p>
<p>Fatores facilitadores</p>	<p>A aula dada foi acerca de um conteúdo que as crianças conhecem, e dado que foi a partir de um jogo, foi desta forma, uma aula que despertou o interesse de todos. Dado que todos participaram no jogo também beneficiou muito o sucesso da aula. O facto de eu a estagiária Cláudia sermos amigas e nos conhecermos muito bem foi um fator decisivo para que a aula tenha corrido bem.</p>
<p>Fatores perturbadores</p>	<p>É uma sala pequena para tantas crianças, como tal, o barulho de fundo foi talvez um pouco perturbador, por várias vezes as regras tiveram que ser lembradas e como tal, tivemos que parar interromper a atividade.</p>
<p>Dar continuidade: em que áreas, como e quando</p>	<p>Relacionar com a Matemática, números ordinais (1º vem o a palavra x e em 2º palavra y, etc). Desta atividade, poderemos também partir para uma aula de Ciências, na medida em que podemos envolver nas frases os graus de parentesco.</p>

Anexo V- Ficha de organização de palavras

Ordena as frases e escreve-as da forma correta.

1.

2.

3.

4.

Anexo VI- Planificação e Reflexão- Jogo de cálculo mental

Planificação da Intervenção Pedagógica

Ano/ número de alunos	1º ano do Ensino Básico- 20 alunos.
Área	Matemática
Tarefa	Jogo de cálculo mental – adições e subtrações.
Data e duração	5 de Dezembro. Duração de 1 bloco.

O que pretendo que o aluno aprenda

Domínios/Conteúdos Programáticos	Números e operações.
Metas/Objetivos	<p><u>Números naturais</u></p> <p><i>1. Contar até cem</i></p> <p><i>Meta 1- Verificar que dois conjuntos têm o mesmo número de elementos ou determinar qual dos dois é mais numeroso utilizando correspondências um a um;</i></p> <p><i>Meta 2- Saber de memória a sequência dos nomes dos números naturais até vinte e utilizar corretamente os numerais do sistema decimal para os representar;</i></p> <p><i>Meta 3- Contar até vinte objetos e reconhecer que o resultado final não depende da ordem de contagem escolhida;</i></p> <p><i>Meta 5- Efetuar contagens progressivas e regressivas envolvendo números até cem.</i></p> <p><u>Sistema de numeração decimal</u></p> <p><i>2. Descodificar o sistema de numeração decimal:</i></p> <p><i>Meta 2- Saber que os números naturais entre 11 e 19 são compostos por uma dezena e uma, duas, três, quatro, cinco, seis,</i></p>

sete, oito ou nove unidades.;

Meta 3- Ler e representar qualquer número natural até 100 , identificando o valor posicional dos algarismos que o compõem;

Meta 4 - Comparar números naturais até 100 tirando partido do valor posicional dos algarismos e utilizar corretamente os símbolos «<» e «>».

Adição

3. Adicionar números naturais:

Meta 2 - Efetuar adições envolvendo números naturais até 20 , por manipulação de objetos ou recorrendo a desenhos e esquemas;

Meta 3 - Utilizar corretamente os símbolos «+» e «=» e os termos «parcela» e «soma»;

Meta 4 - Reconhecer que a soma de qualquer número com zero é igual a esse número;

Meta 7 - Decompor um número natural até 20 em somas de dois ou mais números de um algarismo;

Meta 8- Adicionar mentalmente um número de dois algarismos com um número de um algarismo e um número de dois algarismos com um número de dois algarismos terminado em , nos casos em que a soma é inferior a 100.

4. Resolver problemas

Meta 1- Resolver problemas de um passo envolvendo situações de juntar ou acrescentar.

Subtração

5. Subtrair números naturais

Meta 1 - Efetuar subtrações envolvendo números naturais até 20 por manipulação de objetos ou recorrendo a desenhos e esquemas;

Meta 3 - Relacionar a subtração com a adição, identificando a

	<p>diferença entre dois números como o número que se deve adicionar ao subtrativo para obter o aditivo;</p> <p><i>Meta 4 - Efetuar a subtração de dois números por contagens progressivas ou regressivas de, no máximo, nove unidades.</i></p> <p>6. Resolver problemas</p> <p><i>Meta 1- Resolver problemas de um passo envolvendo situações de retirar, comparar ou completar.</i></p>
Operacionalização (descritores)	Cumprir instruções; falar de forma audível; articular corretamente as palavras.
Modalidades e Instrumentos de Avaliação	Respostas no quadro e avaliação das mesmas por todo o grande grupo; Avaliação individual de cada aluno, a partir de uma ficha de consolidação.
Razão da escolha da tarefa	Revisão da matéria dada para consolidar as aprendizagens adquiridas até ao momento (partição de números, adições, subtrações, menor, maior ou igual). Exercícios de memória e cálculo mental, de modo a respeitar as planificações das aulas da Professora cooperante.

O que proponho para que o aluno aprenda

Metodologia	<p>Revisão da matéria dada até ao momento com exercícios no quadro.</p> <p>Exercício de cálculo mental através de cartões com pintas: em primeiro lugar, irei estabelecer regras (colocar o dedo no ar antes de falar e esperar pela sua vez). De seguida explicarei às crianças que o jogo que se segue requer muita atenção, pois iremos realizar cálculos mentais, explicando que faremos “contas de cabeça”, sem utilizar lápis nem borracha. Irei mostrar um dos cartões e perguntar o número de pintas que nele se encontram, desenhando-o e escrevendo no quadro e assim, sucessivamente, com os restantes cartões.</p> <p>Posteriormente irei mostrar, por exemplo, o cartão com 10 pintas e perguntarei qual o cartão que tenho de adicionar para obter 15 pintas.</p> <p>De seguida, perguntarei, quantas pintas tenho de retirar para voltar</p>
--------------------	---

	<p>a ficar com 10 pintas, e assim sucessivamente para trabalhar as adições e subtrações com números até 20. À medida que me forem apresentando respostas, irei escrevendo no quadro para que, depois do jogo, possa perguntar aos alunos quais os resultados maiores e quais os menores.</p> <p>Posteriormente ao jogo, irei entregar-lhes a ficha de consolidação e realizarei em conjunto com toda a turma, os exercícios contidos na mesma, no quadro.</p> <p>Depois da realização da ficha de consolidação, irei organizar os grupos de trabalho, para a atividade seguinte. Os grupos irão encontrar-se organizados por filas, isto é, 4 grupos de 5 elementos. Uma vez mais, estabelecerei as regras: Cada grupo responde na sua vez, colocando o dedo no ar. Caso não consigam alcançar a resposta, poderão, pedindo permissão, solicitar o auxílio de um outro grupo.</p> <p>A cada aluno irá ser atribuído um número (irei colar na camisola de cada criança um pouco de velcro, pois cada cartão terá um número e o mesmo colar-se-á na camisola) e, por isso, irão existir números até 20. Irei chamar por exemplo o número 5 à frente da sala, dizendo adição ao número dois, para que o mesmo se levante, dando oportunidade à criança que é o algarismo 7, ou seja, o resultado, se levante e saiba qual o resultado da adição.</p> <p>Realizarei o mesmo processo, com a subtração.</p>
Ação do Professor	Orientar a tarefa/atividade (mediador); dar a oportunidade de cada criança participar na atividade.
Organização dos alunos	4 grupos de 5 alunos, em que cada criança ficará sentada até que seja a sua vez de se dirigir à frente da sala.
Comunicação	A ficha de consolidação irá ser realizada em grande grupo e corrigida no quadro. A comunicação dos resultados do exercício de cálculo mental irá ser apresentada oralmente. Em relação ao jogo de algarismos, o mesmo irá ser apresentado pelas próprias

dos resultados	crianças, pois cada criança é um algarismo.
Recursos materiais	Fichas; velcro; quadro negro, giz, apagador.
Recursos humanos	20 alunos e eu, estagiária.
Previsão estratégias a utilizar pelos alunos	Dado que irão ser realizados exercícios de cálculo mental, as crianças poderão, de modo a facilitar as tarefas, contar pelos dedos.
Previsão de dificuldades/erros	O grupo não se encontra habituado a realizar este tipo de atividades sem um papel à sua frente, o que poderá surgir dúvidas e dificuldade na elaboração dos cálculos.
Prevenção das dificuldades	De modo a prevenir as dificuldades, irei facilitar um pouco as contas de cálculo mental que as crianças terão que realizar, ou seja, não pedindo para somar ou subtrair elevados números.
Relacionar tarefas com outras áreas de aprendizagem	Esta atividade poderá ser relacionada com o contexto informal, ou seja, no recreio, na medida em que o jogo poderá ter continuidade no mesmo.

Reflexão sobre a implementação da tarefa/atividade Pedagógica

Relato da atividade/aula	<p>Pelas 09h.15m, após todas as crianças terem entregue o trabalho de casa à Professora, assumi a sala, comecei por realizar exercícios de modo a rever a matéria dada até ao momento, trabalhando, desta forma todos os conteúdos matemáticos dados até ao momento.</p> <p>De modo a partir para o primeiro exercício da aula, exercício de cálculo mental, comecei por rever as regras da sala, de forma também a acalmar o grupo, no decorrer desta revisão uma das crianças disse-me que 1 hora continha 60 minutos, e antes de partir para o jogo de cálculo mental, falamos um pouco sobre este</p>
---------------------------------	---

assunto. Posteriormente expliquei que iríamos fazer um jogo de cálculo mental, ou seja, que iriam fazer contas de cabeça, comecei por dar exemplos, mostrando por exemplo um cartão na mão esquerda com duas pintas pretas uns segundos, de modo a todas as crianças verem o mesmo, guardei esse cartão e mostrei outro com novamente duas pintas pretas, guardei e perguntei quantas pintas se encontrava no cartão, responderam-me desde logo que o cartão continha 4 pintas. Fui sempre mostrando cartões que um por exemplo continha duas pintas e o outro duas, dava quatro, então de seguida mostrei um cartão com 8 pintas, mas com dois grupos de 4 pintas no mesmo cartão, ou seja 8 pintas. O próximo cartão continha um grupo de cinco pintas, ou seja, o seguinte continha 10 pintas, dois grupos de pintas em que cada um continha 5 pintas. No cartão seguinte mostrei um cartão com 10 pintas, no último mostrei um cartão com 20 pintas, ou seja, dois grupos de pintas em que cada grupo de pintas continha 10 pintas. Até agora apenas tinha trabalhado a adição, e correu muito bem, no geral todas as crianças conseguiram fazer rapidamente a contagem, em segundos fizeram as somas sem contarem pelos dedos.

De modo a finalizar este jogo, e de forma a aumentar o grau de dificuldade, mostrei um cartão com 10 pintas, escondi e perguntei quantas pintas tinha o cartão, ao qual me responderam acertadamente, perguntando de seguida, que cartão teria que juntar para fazer 15 pintas, ao qual me responderam desde logo um cartão com 5 pintas. De seguida perguntei que cartão tinha que retirar para ficar com 11 pintas, ao qual me responderam o cartão com 4 pintas e assim consecutivamente, até irem para o intervalo da manhã.

Devido a ensaios de natal, a aula só foi retomada à 13h.15m, comecei por organizar a turma em 4 grupos de 5 elementos, ou seja, por filas. Estabelecendo novamente as regras e de modo a acalmar o grupo pedindo que cruzassem os braços e pousassem a cabeça nas mesas.

	<p>Comecei por explicar que a cada aluno iria ser atribuído um número (indo colando os números de 1 a 20 na camisola de cada criança). Expliquei que neste momento já ninguém tinha nome porque eles eram algarismos. Comecei o jogo por dar um exemplo, se eu chamar o número dois, o número dois colocar-se-á no quadro virado para os restantes alunos e se disser adição a 3, o três terá que fazer o mesmo, e o três terá que me dizer que sinal coloco entre o número três e o número dois, e escrevo então um sinal mais e depois do número três coloco o sinal de igual. Apenas não chamarei o resultado, o número 5 neste caso terá que saber que ele é o número em falta e colocar-se à depois do igual. Realizei este processo trabalhando a adição e a subtração.</p> <p>Após os ensaios, realizei com as crianças a ficha de consolidação (Anexo 10) entre as 15.10 e às 15.30, realizei em conjunto com toda a turma, os exercícios contidos na mesma, no quadro.</p>
<p>Reflexão sobre o trabalho desenvolvido</p>	<p>Fiquei muito espantada com a facilidade que as crianças fizeram as contas de cálculo mental, correu muito bem, e bem melhor do que esperava, estava a contar com algumas dificuldades e em ver as crianças a contarem pelos dedos, o mesmo não aconteceu. Quanto ao segundo jogo, confesso que estava à espera que a aula tivesse gerado muita confusão, e que as crianças não fossem estar atentas quanto ao número que eram, mas o resultado (o único número que não era eu que chamava), rapidamente se levantava, mesmo das duas vezes em que erraram numa conta, rapidamente o resultado suposto se levantou e corrigiu.</p> <p>A meu ver, foi uma aula muito significativa para as crianças, pois as mesmas divertiram-se e aprenderam.</p> <p>O facto de toda a turma ter participado no jogo, de todos se terem levantado, foi muito positivo pois todos os alunos sentiram que tiveram um papel importante na realização deste jogo. Infelizmente não houve oportunidade de realizar o jogo no recreio, pois houve uma grande alteração do horário a que supostamente</p>

	<p>iria dar a aula, surgindo alguns imprevistos, a aula teve que ser repartida pelo longo do dia.</p> <p>Após a leitura de alguns livros, penso que a matemática deve ser trabalhada através de livros, de materiais do dia-a-dia, as crianças, nesta fase de vida, aprendem vivenciando, experimentando.</p> <p>Damas E., Oliveira V., Nunes R., Silva L. (2010) «(...) é fundamental orientar as crianças para experiências que conduzam ao desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, de modo a que, muito daquilo que aprendam seja fruto de uma descoberta.»</p> <p>No fim do dia, conversei com a Professora e a mesma deu-me um feedback dos pontos fortes e fracos da aula, ajudando-me e dando-me conselhos no que poderia melhorar numa próxima aula. No geral, fez-me sentir muito orgulhosa do meu trabalho, reforçando maioritariamente apenas pontos positivos, não tendo praticamente pontos negativos a apontar.</p>
<p>Reação (individual e da turma)</p>	<p>A turma mostrou-se muito entusiasmada no decorrer da tarefa, tanto que alguns não conseguiram conter-se desrespeitando regras, tendo que por várias vezes intervir e relembrar as mesmas. Sentiram-se tão entusiasmados que no decorrer de uma semana todos os dias me perguntavam quando podiam realizar novamente o jogo mas no recreio, infelizmente por motivos de falta de tempo não foi possível realizar o mesmo.</p> <p>Pude, também perceber, através da realização das fichas de consolidação, quais os alunos que têm mais dificuldades na realização de alguns exercícios.</p>
<p>Questões relevantes que surgiram</p>	<p>Uma das grandes questões foi o facto de uma criança dizer que sabia quanto minutos tinha uma hora, apesar de não ter a ver com a aula que estava a ser dada, alias, é um conteúdo que ainda não foi trabalhado, para mim foi uma questão importante, pois o deixar continuar, e o fugir ao que está planeado para mim é algo bom, põe-me à prova.</p>
	<p>Os grandes imprevistos que surgiram forem em questões de</p>

<p>Questões (imprevistos) que surgiram ao nível: do tema, da planificação, da atitude dos alunos</p>	<p>planificação, pois a aula estava planeada para uma manhã, e após o fim da tarefa realizar novamente o jogo. A aula foi dividida ao longo do dia, o jogo mental foi antes do intervalo da manhã como estava previsto, supostamente de seguida realizaria a ficha de consolidação, seguida do jogo em que cada criança era um algarismo. O que aconteceu na realidade foi, o jogo em que cada criança era um algarismo apenas se realizou após o almoço, da 13h.15 às 14h.00 e a ficha de consolidação apenas se realizou das 15h.10 às 15h.30.</p>
<p>Como os resolvi</p>	<p>Realizei os jogos em si e a ficha de consolidação tal como tinha pensado, apenas não os realizei tudo de seguida, e de forma a interligar as atividades umas às outras com tanto tempo de espaçamento entre elas, foi relembrando o que tínhamos feito anteriormente.</p>
<p>Fatores facilitadores</p>	<p>A aula dada foi acerca de um conteúdo que as crianças conhecem, e dado que foi a partir de um jogo, foi desta forma, uma aula que despertou o interesse de todos. Dado que todos participaram no jogo também beneficiou muito o sucesso da aula.</p>
<p>Fatores perturbadores</p>	<p>O facto de a ficha ter sido feita no fim a meu ver foi um fator perturbador, pois planeei realizar a mesma no início por saber que nas outras atividades que realizei com eles corria sempre um bocado pior pois as crianças vinham mais agitadas e cansadas, se terminar uma aula com um jogo as crianças mantem-se mais concentradas pois apesar de ser aprendizagem é uma aprendizagem que está contida num jogo, o terminar uma aula com um ficha é mais entediante para as crianças.</p>
<p>Dar continuidade: em que áreas, como e quando</p>	<p>Esta atividade poderá ser relacionada com o contexto informal, ou seja, no recreio, na medida em que o jogo poderá ter continuidade no mesmo.</p>

Anexo VII- Planificação e Reflexão- Visita à Quinta

Planificação da Intervenção Pedagógica

Ano/ número de alunos	1º ano do Ensino Básico- 20 alunos.
Área	Estudo do Meio.
Tarefa	Visita à Quinta do Colégio.
Data e duração	19 de Janeiro. Duração de 1 bloco.

O que pretendo que o aluno aprenda

Domínios/Conteúdos Programáticos	<ul style="list-style-type: none"> • <i>BLOCO 3 — À DESCOBERTA DO AMBIENTE NATURAL;</i> • <i>- BLOCO 5- À descoberta dos materiais e objetos.</i>
Metas/Objetivos	<p><i>-BLOCO 3- À Descoberta do Ambiente Natural</i></p> <p>Meta 3. IDENTIFICAR CORES, SONS E CHEIROS DA NATUREZA:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>(das plantas, do solo, do mar, dos cursos de água, dos animais, do vento...)</i> <p><i>- BLOCO 5- À descoberta dos materiais e objetos</i></p> <p>Meta 3. Realizar experiências com o som:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Identificar sons do seu ambiente imediato.</i>
Operacionalização (descritores)	Cumprir instruções; falar de forma audível; articular corretamente as palavras; ter em atenção o que os rodeia.
Modalidades e Instrumentos de Avaliação	Avaliação em grande grupo, a partir de um registo fotográfico e de uma conversa, ou seja, o que gostaram mais, o que ouviram, o que faziam de diferente, etc.
Razão da escolha da tarefa	Proporcionar um momento real às crianças, de modo a dar início ao conteúdo, os cinco sentidos.

O que proponho para que o aluno aprenda

<p>Metodologia</p>	<p>. • Depois da oração da manhã e da Assembleia geral, darei início à aula dizendo às crianças que, no decorrer da manhã, juntamente com os alunos da sala do 1ºB, iremos realizar uma visita pela quinta do Colégio e que para que tal aconteça terão de respeitar as regras, relembrando-as das mesmas: respeitar o próximo; ouvir com atenção o que a Professora Cooperante e eu, estagiária dissermos, pedir, respeitando também, o que lhes for solicitado realizar durante a visita.</p> <p>Indicarei depois no que irá consistir a visita, começando por explicar que não será apenas um passeio, pois rão ter que estar atentos ao que vão vendo, sentindo, cheirando e ouvindo, realizando um registo/desenho do mesmo, num bloco que irei distribuir por cada aluno com folhas brancas (este bloco irá ser feito com um pedaço de cartão como base e com 3 folhas brancas presas com agrafe no cimo da folha) e explicando-lhes que o registo/desenho irá ser efetuado como quiserem. Pedirei especial atenção para as árvores de fruto pois, nas próximas aulas, irei construir um gráfico de barras sobre as árvores de fruto observadas ao longo da visita à quinta, bem como, trabalhar aspetos sobre a alimentação.</p> <p>Esclarecerei de seguida que terão de estar muito atentos e tentar fazer o máximo de registos possíveis, pois desta visita/aula iremos partir para outras aulas, e precisarei que se recordem do que foram vendo, cheirando, sentindo e ouvindo.</p> <p>Terminada a explicação, pedirei às crianças que cada uma leve um lápis de carvão consigo, e que, dois a dois vistam os casacos, guardem os seus lanches da manhã nos bolsos, e façam um comboio à porta. Chamarei as crianças, de forma aleatória. Quando todas as crianças se encontrarem no comboio irei distribuir o material necessário para a visita.</p> <p>Será a turma do 1º B a dar início à visita, seguida da turma do 1ºA.</p> <p>Quando a visita terminar e antes de nos deslocarmos para a zona</p>
---------------------------	---

	de recreio, transformaremos o lanche da manhã num piquenique, comendo numa zona de mesas que há perto da saída da quinta e chegada à zona de refeitório.
Ação do Professor	Orientar a tarefa/atividade (mediador); explicar de forma calma e coerente a atividade, de forma a atender às necessidades/dificuldades de cada aluno (dar o tempo necessário a cada criança para a compreensão e realização da tarefa proposta).
Organização dos alunos	Na sala do 1º A em grupos de dois alunos; na visita a mesma será feita sempre dois a dois e em comboio. No decorrer do lanche da manhã, as crianças irão estar sentadas nas mesas à saída da quinta.
Comunicação dos resultados	<ul style="list-style-type: none"> • A comunicação dos resultados da visita irá ser feita em 5 fases. Numa 1ª fase, irá ser realizada uma avaliação da visita, tendo em conta os registos dos alunos e o que observaram. <p>Já numa 2ª fase, a partir de uma aula de Matemática que iremos dar posteriormente (aula de organização e tratamento de dados-elaboração de um gráfico de barras).</p> <p>Na 3ª fase, após essa mesma aula de Matemática, partirei para uma aula de Ciências, sobre os cinco sentidos.</p> <p>Como 4ª fase, a comunicação dos resultados irá ser realizada através de uma outra aula de matemática (números e operações-dezena; adição e subtração; organização e tratamento de dados-conjuntos).</p> <p>Já numa 5ª fase a partir de duas aulas de Português.</p>
Recursos materiais	Cartão; folhas brancas e lápis.
Recursos humanos	40 alunos eu, e a estagiária do 1º B, bem como as respetivas Professoras Cooperantes.
Previsão estratégias a	De modo a facilitar a tarefa solicitada, prevejo que alguns alunos vão «copiando» o que outros alunos estão a desenhar.

utilizar pelos alunos	
Previsão de dificuldades/erros	Algumas crianças poderão sentir dificuldades em registar/desenhar as árvores de fruto, bem como os odores da quinta.
Prevenção das dificuldades	Irei ter o cuidado de, antes do início da visita, relembrar que todos sabem desenhar, cada um à sua maneira, de modo a retirar «receios».
Relacionar tarefas com outras áreas de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> A visita irá estar relacionada com a área da Matemática, na medida em que trabalharemos a organização e tratamento de dados através da elaboração de um gráfico de barras e conjuntos, bem como, trabalhando o conteúdo números e operações, através da dezena; adição e subtração. <p>Irá, também estar relacionada com a Área do Português, bem como com a Expressão Plástica através de uma ilustração científica daquilo que encontram à sua volta, bem como a Expressão Musical, pela identificação dos sons da natureza.</p>

Reflexão sobre a implementação da tarefa/atividade Pedagógica

Relato da atividade/aula	<p>Depois da oração da manhã e da Assembleia geral, darei início à aula dizendo às crianças que, no decorrer da manhã, juntamente com os alunos da sala do 1ºB, iremos realizar uma visita pela quinta do Colégio. Para que tal aconteça, as crianças terão de respeitar as regras, relembrando-as das mesmas: respeitar o próximo; ouvir com atenção o que a Professora Cooperante e eu, estagiária dissermos, respeitando também o que lhes for solicitado realizar durante a visita.</p> <p>Posto isto, expliquei no que iria consistir a visita, começando por dizer que não seria apenas um passeio, pois no decorrer do mesmo iriam ter que estar atentos ao que iam vendo, sentindo, cheirando e</p>
---------------------------------	---

ouvindo e realizando um registo/desenho do mesmo, na sebenta ou no caderno. Expliquei então que o registo/desenho seria feito como quisessem. Pedi especial atenção para as árvores de fruto pois, na próxima aula (terça-feira, dia 20 de janeiro), iríamos construir um gráfico de barras sobre as árvores de fruto observadas ao longo da visita à quinta, bem como, trabalhar aspetos sobre a alimentação. Esclareci posteriormente, que teriam de estar muito atentos e tentar fazer o máximo de registos possíveis, pois desta visita/aula iríamos partir para outras aulas, e precisávamos de nos lembrar do que foram vendo, cheirando, sentindo e ouvindo.

Terminada a explicação, pedi às crianças que cada uma levasse um lápis de carvão consigo, e que, dois a dois vestissem os casacos, e que fizessem um comboio à porta e chamei-as de forma aleatória. Quando todas as crianças se encontravam no comboio demos início ao passeio.

O primeiro ser vivo observado por nós, foi uma lesma, que poucos viram, um pouco mais em frente encontrámos o Rex, o cão da instituição, pararam todos para dar festas e desenharem o Rex. Um pouco mais à frente, uma das crianças gritou dizendo «aqui há patos, aqui há patos.». No caminho entre a sala de aula dos primeiros anos e a chegada à entrada da Quinta, o entusiasmo em pintarem e descreverem o que viam e ouviam era tanto que demorámos cerca de 20 minutos.

Antes de entrarmos na Quinta, parámos as crianças todas, enquanto a Professora do 1º B, perguntava que som era este que se ouvia muito alto, ao que uma das crianças respondeu «é um pássaro». As crianças muito aflitas perguntaram-me como podiam desenhar se não o estavam a ver. Sugeri desenharem como imaginassem que seria.

Já na Quinta, encontrámos ouriços, mais patos, mosquitos, e as crianças sem eu pedir foram descrevendo os sons que iam ouvindo, os cheiros, os seus desenhos, indo também tocando nas plantas, pedras, etc, e descrevendo o que sentiam. Nesta zona, demorámos

	<p>também algum tempo, as crianças brincaram sem nunca se desleixar do trabalho proposto, mas dado que estavam muito agitadas e tínhamos que passar por uma zona escorregadia, a Professora do 1º B pediu a todos que se juntassem em comboio e se acalmassem pois iríamos passar por uma zona que teríamos que percorrer com algum cuidado. Chegámos então a um lago onde encontrámos uma salamandra preta e amarela. Muitos não quiseram ver com medo, os mais aventureiros até queriam ir buscar um pau para a apanhar.</p> <p>Após todos terem tido o seu tempo para registar este ser vivo, demos continuidade à visita, e passamos por um caminho com muitas árvores, com colmeias e mosquitos, e depois por uma zona que despoletou alguma curiosidade (um muro que desabou). Perguntaram-me «Luísa porque é que isto aconteceu? Alguém estragou?». À saída da Quinta, e para finalizar a Visita eu e a estagiária do 1º B, tiramos uma fotografia às duas turmas juntas com as suas respetivas Professoras, e seguimos caminho até ao recreio. As crianças foram então lanchar, mas pelo caminho, foram desenhando mais seres vivos e árvores de frutos que foram encontrando pelo caminho.</p>
<p>Reflexão sobre o trabalho desenvolvido</p>	<p>Esta foi a primeira aula que demos com as 40 crianças, com o apoio das respetivas Professoras, havendo um bom trabalho de equipa. Foi uma aula bem organizada e por isso correu bem. As Professoras, dado que conheciam muito bem a Quinta, guiavam a Visita, e eu e a estagiária do 1º B orientávamos a mesma, ou seja, fazíamos registo fotográfico, falávamos sobre o que viam e chamávamos à atenção caso houvesse algo que «escapasse» à vista.</p> <p>Achei espetacular o facto de as crianças realizarem tudo o que foi pedido sem ser necessário chamá-las à atenção. Digo isto, pois receei que dado que íamos realizar uma visita, as crianças dispersassem e apenas quisessem passear, brincar e explorar, mas enganei-me, pois brincaram, passearam e exploraram o espaço</p>

	<p>espetacular que é esta Quinta, mas também trabalharam, aprenderam e respeitaram as regras que lhes foram impostas.</p> <p>Esta atividade teve como objetivo/finalidade Reforçar a consciência do corpo por meio da exploração do mundo, através de estímulo das perceções do olfato, visão, tato e audição.</p> <p>Schiller P., Rossano J. (1990) <i>«Os professores devem criar um clima que permita às crianças fazerem perguntas, mas sobretudo, devem orientar as crianças a aprenderem a descobrir por si mesmas.»</i></p>
<p>Reação (individual e da turma)</p>	<p>As turmas reagiram muito bem e mostraram-se muito recetivas a todas as propostas que lhes foram feitas. Notou-se claramente que se divertiram e que gostaram muito da atividade realizada e ao longo da mesma foram fazendo comentários muitos pertinentes, tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • «Esta flor cheira a mel» • «Cheira a terra molhada» • «Os ouriços picam» • «As salamandras são venenosas»
<p>Questões relevantes que surgiram</p>	<p>Uma das questões que achei muito relevante, foi antes de sairmos da sala quando uma das crianças me perguntou o porquê de terem que fazer registos e terem que estar muito atentos. Foi relevante pois «serviu» para me alertar para uma reformulação da explicação do propósito da visita, pois se me perguntaram o porquê da atividade, foi porque a minha explicação não foi suficientemente esclarecedora, dando-me oportunidade de a reformular antes de dar início à visita.</p>
<p>Questões (imprevistos) que surgiram ao nível: do tema, da planificação, da atitude dos alunos</p>	<p>Surgiu um imprevisto a nível de atitude dos alunos, uma das crianças da sala do 1º B, não se sente muito à vontade em atividades com muitas crianças.</p>

Como os resolvi	Resolvi este problema, dando mais apoio a esta criança e indo sempre junto dela no decorrer da visita, de modo a proporcionar-lhe uma visita entusiasmante e com aprendizagens significativas.
Fatores facilitadores	O facto de as crianças já conhecerem a Quinta e já terem realizado uma visita no início do ano facilitou o sucesso da atividade. Outro fator facilitador, foi o facto de as duas turmas se relacionarem muito bem e trabalharem bem juntas.
Fatores perturbadores	Como já esperava, foi uma aula que gerou muito entusiasmo e como tal, alguma confusão e dispersão. Por várias vezes, foi necessário acalmar as turmas e reunir todos os alunos no mesmo sitio de modo a acalmá-los, interrompendo a visita e os registos.

Anexo VIII- Nota de Campo 14

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo: 14

Situação: Conversa.

Data: 26/01/2015

Hora: 09.30h

Local: Na sala

Intervenientes: Criança da sala do 1º A

Sexo do Observado: Feminino

Idade do Observado: 6 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Após a professora ter dito às crianças que iriam fazer uma ficha sobre a alimentação saudável e menos saudável, uma das crianças disse à Professora Cooperante o seguinte:</p> <p><i>-«Professora, na sexta-feira, quando a Professora não veio, a Luísa ensinou-nos como podíamos ver se era fruta ou legume - sabe é só abrir ao meio e se tiver sementes é fruto, se não tiver é legume - fiz a experiência em casa e foi muito divertido.».</i></p>	<p>As crianças necessitam de atividades experimentais no processo de aprendizagem. São experiências significativas e inesquecíveis.</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p>	

O método experimental, apresenta resultados muito significativos e marcantes, levando a que a criança aprenda fazendo e chegue aos resultados sozinha, sendo assim, uma aprendizagem ativa e com significado.

Schiller P. Rossano J. *«As salas de aula e o recreio são laboratórios científicos naturais, desde que haja professores entusiastas para orientar a aprendizagem. Os professores devem criar um clima que permita às crianças fazerem perguntas, mas, sobretudo, devem orientar as crianças a aprenderem a descobrir por si mesmas.»*

**Anexo IX- Planificação e Reflexão- À descoberta dos
5 sentidos**

Planificação da Intervenção Pedagógica

Ano/ número de alunos	1º ano do Ensino Básico- 20 alunos.
Área	Estudo do Meio.
Tarefa	5 sentidos, o corpo humano e texturas.
Data e duração	2 de Fevereiro. Duração de 1 bloco.

O que pretendo que o aluno aprenda

Domínios/Conteúdos Programáticos	<ul style="list-style-type: none"> • <i>BLOCO 1- À descoberta de si mesmo;</i> • <i>BLOCO 5- À descoberta dos materiais e objetos.</i>
Metas/Objetivos	<p><i>-BLOCO 1- À descoberta de si mesmo</i></p> <p><u><i>3. O seu corpo:</i></u></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Reconhecer partes constituintes do seu corpo (cabeça, tronco e membros).</i> • <i>Representar o seu corpo (desenhos, pinturas, modelagem...).</i> <p><i>- BLOCO 5- À descoberta dos materiais e objetos</i></p> <p><u><i>1. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM ALGUNS MATERIAIS E OBJECTOS DE USO CORRENTE:</i></u></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Comparar alguns materiais segundo propriedades simples (forma, textura, cor, sabor, cheiro...).</i>
Operacionalização (descritores)	Cumprir instruções; falar de forma audível; articular corretamente as palavras.
Modalidades e	Avaliação em grande grupo, a partir de dois jogos (jogo dos sabores e jogo das texturas), em que, oralmente, as crianças vão dando as suas respostas. Através da ficha de consolidação, cada

Instrumentos de Avaliação	criança irá ser avaliada individualmente quanto às aprendizagens que adquiriu.
Razão da escolha da tarefa	Revisão/consolidação da matéria dada até ao momento. Realização de experiências/jogos a pedido das crianças.

O que proponho para que o aluno aprenda

Metodologia	<p>Irei dar início à aula dizendo às crianças que, os alunos da sala do 1ºB, virão para a nossa sala pois, já que os alunos do 1º B irão realizar a mesma atividade com a estagiária Cláudia Vaz, podemos iniciar a atividade todos juntos.</p> <p>Já com as duas turmas na sala do 1º A, depois das crianças estarem sentadas, eu, e a estagiária Cláudia, explicaremos às crianças que irão ouvir uma história diferente contada por nós. Pediremos às crianças que tenham muita atenção pois, a história irá ser contada pelas duas (estagiárias). Explicaremos que esta história é diferente por ser para invisuais, «Livro negro das cores» e que, pelo mesmo motivo, a iremos contar de forma diferente. Iremos colocar-nos atrás das crianças e pediremos que fechem os olhos. Irei ser eu a dar início à história e, quando chegar a meio, trocarei com a estagiária Cláudia, para que esta a termine.</p> <p>No final do conto, pediremos às crianças que abram os olhos e iremos perguntar-lhes se sabem dizer quem começou a contar a história e quem a terminou, trabalhando, assim, a atenção e audição.</p> <p>Posteriormente ao conto, a estagiária Cláudia, pedirá aos alunos do 1º B que se desloquem novamente à respetiva sala, para dar continuidade à atividade.</p> <p>Depois dos alunos do 1ºB se retirarem, explicarei que iremos realizar dois jogos e que, como em todos os jogos, existem regras a serem cumpridas (colocar o dedo no ar antes de falar; esperar pela</p>
--------------------	--

	<p>sua vez; atribuição de pontos às equipas e penalização de pontos às equipas que responderem na vez das outras).</p> <p>De seguida, direi às crianças que iremos começar pelo jogo dos sabores, explicando-lhes no que consiste e qual o objetivo: irei vendiar, os olhos a uma criança, e pedir-lhe que retire do prato um alimento e de seguida o que o apalpe e o cheire, descrevendo o que sente. Por fim, irei pedir-lhe, que o coloque na boca e que, para além de tentar adivinhar o que está a comer, descreva o sabor. Repetirei todo este processo com mais algumas crianças, escolhidas aleatoriamente.</p> <p>Depois do jogo dos sabores, passarei à atividade seguinte: jogo de texturas. Este jogo terá o mesmo objetivo que o anterior, isto é, com os olhos vendados, as crianças, ao tocarem numa peça de madeira com diferentes texturas, terão de descrever o que sentem. Essas peças de madeira serão de um jogo de texturas, já elaborado e adquirido por mim, estagiária. As crianças que irei selecionar, serão as que não foram selecionadas para a realização do jogo dos sabores, dando, assim, a oportunidade de todas participarem.</p> <p>Por fim, e de modo a ir de encontro às planificações da Professora Cooperante, darei às crianças uma ficha de consolidação realizada por mim e pela estagiária Cláudia Vaz, com o objetivo de consolidarem as aprendizagens adquiridas. Esta ficha irá ser realizada em grande grupo.</p>
<p>Ação do Professor</p>	<p>Orientar a tarefa/atividade (mediador); explicar de forma calma e coerente a atividade, de forma a atender às necessidades/dificuldades de cada aluno (dar o tempo necessário a cada criança para a compreensão e realização da tarefa proposta).</p>
<p>Organização dos alunos</p>	<p>Na sala do 1º A (conto da história), as crianças irão encontrar-se sentadas, duas a duas.</p> <p>Na sala do 1º B, na realização dos jogos, as crianças irão encontrar-se sentadas nos seus lugares. Haverá também equipas organizadas por filas - 4 grupos de 5 elementos.</p>
	<p>A comunicação dos resultados das atividades dos jogos, será</p>

Comunicação dos resultados	apresentada no quadro, através de pontos. Haverá ainda uma avaliação individual, através da ficha de consolidação, que será corrigida por mim, estagiária.
Recursos materiais	Fichas; quadro negro, giz, apagador; alimentos (banana, limão, maçã, tomate e batata frita); peças de madeira com texturas (rugoso, macio, áspero, liso etc.); prato; vendas para os olhos.
Recursos humanos	20 alunos e eu, estagiária.
Previsão estratégias a utilizar pelos alunos	De modo a facilitar a identificação de algum alimento ou textura, a criança que tiver com os olhos vendados, poderá solicitar o auxílio do grupo que apenas poderá dar pistas.
Previsão de dificuldades/erros	Algumas crianças poderão sentir dificuldades ao expressar o que sentem através do tato no jogo das texturas, não utilizando os termos corretos.
Prevenção das dificuldades	Irei ter o cuidado de, antes do início do jogo das texturas, lembrar os termos corretos das mesmas (áspero, macio, liso, rugoso, etc.).
Relacionar tarefas com outras áreas de aprendizagem	Relacionar com a Expressão Plástica e Musical, na medida em que, poderei pedir às crianças que desenhem uma situação da aula da sua preferência, descrevendo os sons que mais significado tiveram para si no jogo das texturas. Relacionaria, também, a Língua Portuguesa, pedindo às crianças que decidissem qual a frase do dia (rotina das crianças), após a aula/atividade.

Reflexão sobre a implementação da tarefa/atividade Pedagógica

<p align="center">Relato da atividade/aula</p>	<p>Dei início à aula pedindo às crianças, fila a fila, que se levantassem e se sentassem no fundo da sala, fazendo uma roda, explicando que iriam ouvir uma história diferente, e como tal, teriam que a ouvir de olhos fechados e que à medida que leio iriam sentindo o livro e passando ao colega do lado sempre que lhes tocasse no braço (anexo 17). Apenas lhes disse o título da história «Livro negro das cores» e deixei que o restante ficasse para eles descobrirem. As crianças chegaram a conclusões surpreendentes. Após a exploração da História, e todos terem compreendido que o livro era sobre pessoas invisuais, pedirei às crianças que se sentem nos seus lugares, explicando que iremos realizar dois jogos e que, como em todos os jogos, existem regras a serem cumpridas (colocar o dedo no ar antes de falar; esperar pela sua vez; atribuição de pontos às equipas e penalização de pontos às equipas que responderem na vez das outras).</p> <p>Disse então às crianças que um do jogos é o jogo dos sabores (anexo 18), explicando-lhes no que consiste e qual o objetivo: vender, aleatoriamente, os olhos a uma criança, e pedir que retire da caixa um alimento. De seguida, pedir à criança que o apalpe e o cheire, descrevendo o que sente. Por fim, pedir à criança, que o coloque na boca e que, para além de tentar adivinhar o que está a comer, que descreva o sabor do mesmo. Repeti todo este processo do jogo dos sabores, com todas as crianças da sala, e à medida que uma criança fazia o jogo dos sabores, passava para o jogo das texturas (anexo 18), tendo este, o mesmo objetivo que o anterior, isto é, com os olhos vendados, as crianças, ao tocarem numas peças de madeira com diferentes texturas, descrevia o que sentiam.</p>
	<p>Esta aula foi uma aula muito produtiva, as crianças aprenderam por si, tentei sempre não dar respostas deixar as crianças chegarem às suas próprias conclusões.</p> <p>Com a exploração do livro, as crianças disseram que a história falava de um menino que se chamava Tomás e que falava de cores.</p>

<p>Reflexão sobre o trabalho desenvolvido</p>	<p>Havendo uma criança que me disse: <i>«o Tomás não via as cores, ele cheirava-as»</i>. Outra criança disse-me: <i>«O Tomás não vi as cores imaginava-as porque era cego.»</i></p> <p>Com a resposta desta criança falei sobre o ser invisual, um pouco sobre a história do Braile, mostrando a todas as crianças como os cegos liam, pois o livro no fim contém um alfabeto.</p> <p>É importante dar a conhecer diferentes realidades e diferentes formas de vida às crianças, pois muitas vezes as coisas más da vida não lhes são mostradas. Com esta atividade, tentei transmitir-lhes que todos somos diferentes, mas todos somos iguais, e que se podem ultrapassar obstáculos, pois apesar de as pessoas invisuais não verem, conseguem conhecer as coisas de outras formas.</p> <p>Papalia, Diane E., Wendkos S. , Duskin R. (1990), <i>«(...) apesar de as crianças mais novas conseguirem fazer julgamentos acerca da sua competência em várias atividades, ainda não estão aptas para os colocarem por ordem de importância e tendem a aceitar o julgamento dos adultos, que frequentemente lhes dão um feedback positivo e acrítico.»</i></p>
<p>Reação (individual e da turma)</p>	<p>A turma aderiu muito bem a todas as fases desta aula, sendo possivelmente, até à data a aula dada por mim em que pude verificar que se empenharam, divertiram e participaram mais. Gostaram tanto que no fim da aula pediram para repetir. Sugerir que quem quisesse repetir o poderia fazer depois de lanchar. Todos repetiram o jogo e mais do que uma vez, preferindo mesmo jogar a irem para o recreio.</p>
<p>Questões relevantes que surgiram</p>	<p><i>«Como é que uma pessoa cega pode ler?»</i>. Esta pergunta foi muito pertinente, na medida que me levou a falar um pouco sobre a história do Braile, e mostrando e explicando como leem.</p>
	<p>Esta aula estava planificada para ser dada de manhã e em conjunto com a estagiária do 1º B, mas no dia anterior ficou decidido que daria cada uma na sua sala, e que eu daria à tarde e não de manhã.</p>

<p>Questões (imprevistos) que surgiram ao nível: do tema, da planificação, da atitude dos alunos</p>	<p>Inicialmente estava previsto que no jogo dos sabores a comida estaria em pratos, mas no dia anterior decidi que ficaria mais giro e apresentável fazê-lo numa caixa com buracos.</p> <p>Um dos alunos já conhecia a história não podendo participar na exploração da mesma, pois o objetivo era as crianças chegarem às suas próprias conclusões.</p>
<p>Como os resolvi</p>	<p>Alterei a planificação para a tarde, para antes do lanche, contando a história de forma a acalmar o grupo, realizando depois os jogos e finalizando com uma conclusão da aula.</p> <p>Resolvi a situação do aluno pedindo que fizesse ele a conclusão da história. Quando lhe disse que era responsável por concluir a história, a criança acalmou logo, ficando a sentir-se mais satisfeita.</p>
<p>Fatores facilitadores</p>	<p>O facto de iniciar a aula com uma história é um fator facilitador a nível de comportamento e concentração.</p>
<p>Fatores perturbadores</p>	<p>Um dos alunos esteve na sala onde estagiei o ano passado e já conhecia a história. Queria no entanto muito participar e lamentou insistentemente não poder fazer o que foi perturbador.</p>

Anexo X- Calendarização do Projeto

Fase	Discriminação	Resultados / Efeitos previstos	Formas de avaliação previstas
1º Mês/janeiro	<ul style="list-style-type: none"> - Visita à Quinta da Escola - Elaboração de um gráfico de barras - Alimentação saudável- frutos e legumes. - Aula de Português (iniciação da letra L) 	<ul style="list-style-type: none"> - Integração - Exploração - Descoberta - Ver/ Ouvir/ Sentir - Organização em grupo - Interação - Socialização 	<ul style="list-style-type: none"> - Registos feitos pelas crianças - Gráfico feito pelas crianças. - Avaliação entre grupos - Feedback das crianças - Avaliação contínua do professor
2º Mês/ fevereiro	<ul style="list-style-type: none"> - História «O livro negro das cores» e exploração da mesma. -Jogo à descoberta do alimento e das texturas. -Pesquisa e recolha dessa pesquisa. -Realização de trabalhos em grupo. Apresentação dos trabalhos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Organização em grupo - Interação - Cooperação - Criatividade - Entreajuda - Socialização - Autoconfiança 	<ul style="list-style-type: none"> - Registo fotográfico -Apresentação dos trabalhos. -Registo do feedback das crianças; - Avaliação das crianças relativamente aos outros grupos (críticas construtivas) - Resolução de problemas - Avaliação continua

Anexo XI- Planificação e Reflexão- Pesquisa dos temas

Planificação da Intervenção Pedagógica

Ano/ número de alunos	1º ano do Ensino Básico- 21 alunos.
Área	Todas- Tarefa planificacada para projeto de estágio.
Tarefa	Elaboração de uma pesquisa sobre os 5 sentidos.
Data e duração	6 de Fevereiro. Duração de 1 bloco.

O que pretendo que o aluno aprenda

Domínios/Conteúdos Programáticos	Devido a nesta atividade estarem implícitas várias áreas, os objetivos principais da mesma são:
Metas/Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Reconhecer e identificar os 5 sentidos;</i> • <i>Saber distingui-los;</i> • <i>Proporcionar uma atividade lúdica às crianças;</i> • <i>Serem as crianças o agente ativo das suas aprendizagens (são as crianças a pesquisar e a construir os seus objetos);</i> • <i>Apresentação das pesquisas realizadas, feita pelas crianças para a turma.</i>
Operacionalização (descritores)	Cumprir instruções; falar de forma audível; articular corretamente as palavras.
Modalidades e Instrumentos de Avaliação	Avaliação em pequeno grupo- cada grupo irá dar a sua opinião sobre a pesquisa realizada Avaliação em grande grupo- na apresentação dos trabalhos de grupo.
	Revisão/consolidação da matéria dada até ao momento.

Razão da escolha da tarefa	Atividade integrada no projeto de estágio.
-----------------------------------	--

O que proponho para que o aluno aprenda

Metodologia	<p>Após uma conversa com a Professora Cooperante, ficou estabelecido que a mesma me iria dar a manhã deste dia (6 de fevereiro) para que eu pudesse reunir todos os grupos, um de cada vez, para reunir as informações das pesquisas feitas pelos alunos.</p> <p>Irei levar um bloco onde escreverei tudo aquilo que cada criança de cada grupo me disser, para mais tarde passar para uma cartolina, feita por mim, estagiária, de modo a afixá-la na sala para todos os alunos, pais e professores e auxiliares da escola verem.</p> <p>Irei também, escolher, um porta-voz, em conjunto com cada grupo, de modo a esse mesmo porta-voz apresentar no dia 11 de fevereiro a pesquisa que o grupo efetuou, explicando que o restante grupo terá também que participar caso seja necessário.</p> <p>No dia 10 de fevereiro, irei me reunir novamente com cada grupo, de modo a preparar para o dia seguinte, apresentação dos trabalhos realizados.</p>
Ação do Professor	Orientar a tarefa/atividade (mediador); explicar de forma calma e coerente a atividade, de forma a atender às necessidades/dificuldades de cada aluno (dar o tempo necessário a cada criança para a compreensão e realização da tarefa proposta).
Organização dos alunos	Os alunos irão encontrar-se reunidos por grupos (um de cada vez) em que cada grupo, terá 4 elementos, menos o grupo da visão que terá 5. Cada grupo irá reunir-se comigo na mesa redonda que se encontra ao fundo da sala, os restantes alunos irão estar a trabalhar com a Professora Titular, nos seus respetivos lugares.
Comunicação dos resultados	A comunicação dos resultados da pesquisa e construção de objetos de cada grupo, irá ser realizada na quarta-feira, dia 11 de fevereiro, na apresentação dos trabalhos de grupo à restante turma, na sala de aula.

Recursos materiais	Folha de cartolina branca; canetas azul, verde, amarela, preta, castanha, vermelha e roxa.
Recursos humanos	21 alunos e eu, estagiária.
Previsão estratégias a utilizar pelos alunos	De modo a facilitar a realização da pesquisa sobre o sentido atribuído a cada criança, os pais ou familiares poderão auxiliá-las nesse sentido.
Previsão de dificuldades/erros	Algumas crianças poderão sentir dificuldades na conclusão da pesquisa realizada em casa.
Prevenção das dificuldades	Irei ter o cuidado de, no dia antes da apresentação dos trabalhos, me reunir com as crianças e relembrar às crianças qual o sentido que irão trabalhar e que falem um pouco sobre o mesmo.
Relacionar tarefas com outras áreas de aprendizagem	Nesta atividade estão implícitas a área de Português na medida em que vão fazer um «discurso» oral da pesquisa selecionada por eles.

Reflexão sobre a implementação da tarefa/atividade Pedagógica

Relato da atividade/aula	Houve algumas alterações na planificação desta pesquisa, era suposto reunir toda a informação recolhida pelos grupos no dia 6 de fevereiro e terminá-la no mesmo dia, para na segunda-feira levar a cartolina com tudo o que eles disseram, afixar a mesma na sala, e falar com eles sobre o que cada grupo disse, e na terça-feira dia 10 apenas relembraria e falaria com cada grupo. Dado que surgiu alguns imprevistos e o mesmo não deu para acontecer, iniciei como estava planeado no dia 6 a recolha de informação do que as crianças disseram e terminei essa mesma recolha na segunda-feira dia 9 de fevereiro, afixando o quadro com tudo o que cada aluno de cada grupo disse, no dia 10 de fevereiro e
---------------------------------	---

	<p>reunindo-me com cada grupo de forma a clarifica-los para o que se passaria no dia seguinte (quarta-feira dia 11 de fevereiro-Apresentação dos trabalhos).</p> <p>No dia da apresentação dos trabalhos as crianças antes de mostrarem o que fizeram aos restantes grupos, falaram sobre o que sabiam sobre cada grupo e só depois se deu início à apresentação dos trabalhos.</p>
<p>Reflexão sobre o trabalho desenvolvido</p>	<p>As crianças fizeram pesquisas muito significativas dizendo todas coisas muito interessantes (anexo 19):</p> <p><u>Grupo da visão</u></p> <p>S- <i>Nós temos de ver bem para não irmos contra as coisas. Utilizamos para ver melhor, óculos, mas também servem para nos proteger do sol.</i></p> <p>B- <i>Usamos a visão para ver.</i></p> <p>M.S.- <i>Se nós não tivermos cérebro, vemos as imagens ao contrário, ou seja, o olho liga até ao cérebro e nós vemos bem. As pessoas cegas utilizam os outros sentidos para ver.</i></p> <p>H- <i>Se nós não tivéssemos olhos não conseguíamos ver. Se nós formos cegos não vemos.</i></p> <p><u>Grupo da audição:</u></p> <p>X- <i>Os ossos do ouvido ajudam a ouvir. Os ossos do ouvido são o Martelo, Bigorne e Estribo. As ondinhas vão até ao cérebro e conseguimos perceber o que é o som.</i></p> <p>J. C.-<i>As pessoas surdas tem de falar com elas por gestos. Podemos ouvir músicas giras e também ouvir sons feios. O ouvido é muito importante e foi Deus que o criou.</i></p> <p>M.- <i>O ouvido serve para ouvir música e palavras.</i></p> <p>M.B- <i>Temos uma parte interna do ouvido. Primeiro ouve-se um som e depois vem umas ondinhas que vão para dentro do ouvido e vão bater em um osso em forma de concha que faz os outros ossos mexerem-se. E depois vão a um osso que tem a forma de caracol que têm lá dentro um líquido e que vai até aos nervos que vão mandar ao cérebro.</i></p>

Grupo olfato:

J- O olfato serve para cheirar. Precisamos do nariz para cheirar.

F. V.- O olfato é para cheirar as flores, a Natureza e para cheirar também as coisas que cheiram mal. Os animais também utilizam o olfato e cheiram melhor que nós.

A.B.- O olfato é cheirar e é muito importante, se não, não conseguimos respirar pelo nariz. Quando cheira mal o nosso nariz não gosta.

L.L.C- O olfato é para cheirar flores e toda a natureza. Quando nós temos o nariz entupido não conseguimos cheirar e respirar muito bem, quando isto acontece utilizamos a boca.

Grupo tato:

L.C- Com a pele sentimos.

M.S.- A pele é muito importante, pois é através dele que utilizamos o sentido tato.

C- O tato é um dos cinco sentidos, o tato está na pele, tem a função de sentirmos as coisas e permite distinguir o calor do frio, o áspero do macio. A zona mais sensível é as pontas dos dedos.

T- Sentimos com a pele tudo.

Grupo do paladar:

D- A língua ajuda-nos a sentir os diferentes sabores, salgado, ácido, doce e amargo.

L.CD.- Em cima da língua temos várias papilas gustativas que nos fazem ajudar a sentir e distinguir os diferentes sabores. Na ponta da língua sentimos o doce, depois o salgado, depois o ácido e depois o amargo.

F.B.- O paladar serve para sentirmos os sabores e ajuda-nos a distingui-los, o amargo, o doce, o ácido e o salgado.

B.S.- A língua ajuda-nos a sentir os sabores.

J.M.-É o sentido que nos permite saber os sabores dos alimentos através da boca e da língua.

Com todas estas respostas, e a partir do momento que foram as crianças a realizar as suas próprias pesquisas, as crianças ouviram-

	<p>se umas às outras calmamente, respeitando as regras sem as mesmas terem que ser repetidas constantemente, foi uma atividade muito importante para as crianças, pois não é algo a que estejam habituadas, estão habituadas a perguntar e que lhes seja dita a resposta, neste caso, cada criança foi à procura da sua resposta, o seu sentido.</p> <p>Schiller P. Rossano J. (1990) «<i>O essencial é que as crianças participem activamente no processo de aprendizagem e que as experiências pedagógicas não sejam isoladas.</i>».</p>
Reação (individual e da turma)	Toda a turma reagiu muito bem à realização desta pesquisa, tanto que, trouxeram a pesquisa bem como materiais feitos pelas crianças em casa, tal não foi a dedicação ao solicitado.
Questões relevantes que surgiram	« <i>E se eu me esquecer do que é para dizer?</i> ». Pergunta à qual respondi e descansando a criança, que se não se lembrar de alguma coisa estarei lá eu, bem como todo o grupo para ajudar.
Questões (imprevistos) que surgiram ao nível: do tema, da planificação, da atitude dos alunos	Inicialmente a planificação deveria ter sido iniciada e finalizada no dia 6 de fevereiro.
Como os resolvi	Iniciei a atividade no dia 6 de fevereiro mas finalizei a mesma no dia 9 de fevereiro.
Fatores facilitadores	O facto de ser uma pesquisa feita pelas crianças e com o s seus pais foi um fator que facilitou esta atividade, bem como o facto de as crianças já se sentirem à vontade com o tema da pesquisa.
Fatores perturbadores	Um dos principais fatores perturbadores foi as crianças terem receio de se esquecerem o que era para dizer, tendo eu descansado as mesmas e dizendo-lhes que tinham o seu grupo e eu a apoiar.

Anexo XII- Planificação e Reflexão- Construção dos trabalhos

Planificação da Intervenção Pedagógica

Ano/ número de alunos	1º ano do Ensino Básico- 21 alunos.
Área	Todas- Tarefa planificacada para projeto de estágio.
Tarefa	Construção de objetos para representação dos 5 sentidos.
Data e duração	9 de Fevereiro. Duração de 1 bloco.

O que pretendo que o aluno aprenda

Domínios/Conteúdos Programáticos	Devido a nesta atividade estarem implícitas várias áreas, os objetivos principais da mesma são:
Metas/Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Reconhecer e identificar os 5 sentidos;</i> • <i>Saber distingui-los;</i> • <i>Proporcionar uma atividade lúdica às crianças;</i> • <i>Serem as crianças o agente ativo das suas aprendizagens (são as crianças a pesquisar e a construir os seus objetos);</i> • <i>Apresentação dos trabalhos realizados, feita pelas crianças para a turma.</i>
Operacionalização (descritores)	Cumprir instruções; falar de forma audível; articular corretamente as palavras.
Modalidades e Instrumentos de Avaliação	Avaliação em pequeno grupo- cada grupo irá dar a sua opinião sobre o trabalho a ser desenvolvido em grupo. Avaliação em grande grupo- na apresentação dos trabalhos de grupo.
Razão da escolha da tarefa	Revisão/consolidação da matéria dada até ao momento. Atividade integrada no projeto de estágio.

O que proponho para que o aluno aprenda

Metodologia	<p>Após uma conversa com a Professora Cooperante, ficou estabelecido que a mesma me iria dar uma da manhã deste dia (9 de fevereiro) para que eu pudesse reunir todos os grupos, um de cada vez, para iniciarem a construção dos objetos que representarão cada sentido. Ficou combinado que, quando a Professora pensasse ser a melhor altura do dia, que iria, então, implementar a atividade.</p> <p>Irei preparar, previamente, todos os materiais necessários para a construção dos objetos, nas mesas que se encontram à entrada da sala. Como cada grupo precisará de materiais diferentes dos outros grupos, terei o cuidado de os trocar, à medida que for trocando de grupo.</p> <p>Começarei por chamar um dos grupos, e pedir-lhes que me entreguem a pesquisa realizada com os familiares no fim de semana, bem como os materiais que solicitei que trouxessem para a construção dos objetos.</p> <p>Irei mostrar a todos os membros do grupo a pesquisa realizada e irei conversar sobre a mesma: o que encontraram, se já tinham conhecimento daquilo que pesquisaram, ou se aprederam alguma coisa e o quê.</p> <p>De seguida, explicarei o que pensei que poderiam realizar para representar o seu sentido que lhes atribuí e, perguntarei se concordam ou não, ou se têm mais ideias para além da minha (visão: monóculos com papel celofane de diferentes cores; audição: garrafas de plástico com diferentes objetos para proporcionar diferentes sons; tato: moldes de mãos feitos de cartolina, para colarem diferentes objetos e por isso, proporcionar diferentes texturas; paladar: espetadas de alimentos de forma a proporcionar diferentes sabores e por fim, olfato: copos de plástico forrados, com diferentes alimentos com odores fortes, para as crianças tentarem adivinhar o alimento contido no copo, através do</p>
--------------------	--

	<p>seu cheiro).</p> <p>Depois, direi-lhes que todos os materiais que têm dispostos na mesa serão para serem utilizados como eles quiserem, decorando ou pintando, à sua vontade o seu objeto.</p> <p>Irei repetir todo este processo, com cada grupo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Visão: desenhar ou pintar a folha branca que forra o rolo de papel higiênico; • Audição: desenhar ou pintar a folha branca que forra a garrafa de água; • Tato: colar diferentes tipos de materiais nos moldes de cartolina; • Paladar: fazer espetadas de alimentos. • Olfato- colar papel crepe à volta do copo para o forrar e fechá-lo com papel crepe e cordel. <p>É importante referir que, para o grupo da visão e da audição, irei ser eu, estagiária, a forrar as garrafas de plástico e rolos de papel higiênico com folhas brancas pois, infelizmente, o tempo é pouco e terei de adiantar a parte mais difícil do trabalho. Para o grupo do tato, levarei os moldes de mãos de cartolina já recortados e, para o grupo do paladar, levarei a fruta já cortada.</p>
<p>Ação do Professor</p>	<p>Orientar a tarefa/atividade (mediador); explicar de forma calma e coerente a atividade, de forma a atender às necessidades/dificuldades de cada aluno (dar o tempo necessário a cada criança para a compreensão e realização da tarefa proposta).</p>
<p>Organização dos alunos</p>	<p>Os alunos irão encontrar-se reunidos por grupos (um de cada vez) em que cada grupo, terá 4 elementos, menos o grupo da visão que terá 5. Cada grupo irá trabalhar nas mesas que se encontram na entrada da sala e, os restantes alunos irão estar a trabalhar com a Professora Titular, nos seus respetivos lugares.</p>
<p>Comunicação dos resultados</p>	<p>A comunicação dos resultados da pesquisa e construção de objetos de cada grupo, irá ser realizada na quarta-feira, dia 11 de fevereiro, na apresentação dos trabalhos de grupo à restante turma, na sala de aula.</p>

<p>Recursos materiais</p>	<p>Audição- garrafas plásticas; folhas brancas; pedras; clips; terra; arroz; fita-cola; lápis de cor; lápis de cera e canetas de cor.</p> <p>Olfato- copos plásticos; papel crepe de várias cores; cordel; alimentos (chouriço, chocolate, canela, limão e cebola).</p> <p>Paladar- espetadas de madeira; alimentos (uvas, bananas, tangerinas, morangos e picopas salgadas).</p> <p>Visão- rolos de papel higiênico; folhas brancas; fita cola; papel celofane de várias cores; láis de cor; lápis de cera e canetas de cor.</p> <p>Tato- moldes de mãos em cartolina; esfregão verde; papel crepe de várias cores; algodão; feltro de várias cores; cola líquida.</p>
<p>Recursos humanos</p>	<p>20 alunos e eu, estagiária.</p>
<p>Previsão estratégias a utilizar pelos alunos</p>	<p>De modo a facilitar a realização da pesquisa sobre o sentido atribuído a cada criança, os pais ou familiares poderão auxiliá-las nesse sentido.</p>
<p>Previsão de dificuldades/erros</p>	<p>Algumas crianças poderão sentir dificuldades na realização dos objetos, bem como na pesquisa realizada em casa.</p>
<p>Prevenção das dificuldades</p>	<p>Irei ter o cuidado de, antes do início da construção dos objetos, relembrar às crianças qual o sentido que irão trabalhar e que falem um pouco sobre o mesmo.</p>
<p>Relacionar tarefas com outras áreas de aprendizagem</p>	<p>Nesta atividade estão implícitas outras áreas de aprendizagem, como por exemplo, a Expressão Plástica, na medida em que as crianças irão construir objetos com recurso a trabalhos manuais; a Matemática, na medida em que as crianças poderão realizar sequências de cores ou padrões na pintura dos rolos de papel higiênico ou nas garrafas de plástico; as Ciências, na medida em que as crianças, no grupo do paladar, irão trabalhar com diferentes tipos de alimentos saudáveis e não saudáveis.</p>

Reflexão sobre a implementação da tarefa/atividade Pedagógica

<p align="center">Relato da atividade/aula</p>	<p>Devido à falta de tempo, todos os materiais foram previamente preparados por mim. Dei início à construção dos materiais no dia 9 de fevereiro, em que o primeiro grupo que chamei foi o grupo do paladar, explicando o que pensei que poderiam realizar para representar o seu sentido que lhes atribuí e, perguntei se concordam ou não, ou se têm mais ideias para além da minha. Irei repetir todo este processo, com cada grupo.</p> <p>Em que ao grupo do paladar expliquei que iriam realizar espetadas, explicando que apenas realizariam no próprio dia, pois até lá a fruta viria estragada.</p> <p>Posteriormente chamei o grupo do tato, em que lhe dei uma mão recortada em cartolina e materiais de diferentes texturas, cada criança escolheu o seu e recortou-os em formas de figuras geométricas (como eu sugeri). (anexo 20)</p> <p>Na parte da tarde ainda houve tempo de chamar mais um grupo, chamando assim o grupo da visão (anexo 21), que lhes sugeri desenhar ou pintar a folha branca que forra o rolo de papel higiénico, e pedi para escolher um material para fechar uma das extremidades do rolo, de modo a transformar num monóculo.</p> <p>No dia seguinte, dia 10 de fevereiro o primeiro grupo que chamei foi o grupo da audição (anexo 22), sugerindo ao grupo que desenhassem ou pintassem a folha branca que forra a garrafa de água. E por último, chamei o grupo do olfato (anexo 23), explicando ao grupo que teriam que escolher a comida que iriam colocar dentro do copo, mas que só se colocaria no dia da apresentação dos trabalhos, se não até lá a comida ficaria estragada. Sugeri então que colassem papel crepe à volta do copo para o forrar, ou pintassem o mesmo e posteriormente o mesmo seria fechado com a comida lá dentro.</p> <p>No dia 10 de fevereiro, falei com cada grupo, cada elemento do grupo foi buscar o seu material para o poderem explorar à vontade, com o grupo do paladar decidi com as crianças que alimentos</p>
---	---

	<p>queria na sua espetada, explicando que traria os alimentos que escolheram e a quantidade já cortados numa caixa.</p>
<p>Reflexão sobre o trabalho desenvolvido</p>	<p>Esta atividade correu não como planeado mas correu muito bem, toda a turma aderiu muito bem à mesma, e apesar de terem receio de não saberem fazer as coisas, rapidamente lhes retirei esses medos do feio ou bonito, explicando que cada um faz o seu trabalho como melhor sabe.</p> <p>A escolha desta fase da atividade, teve como principal propósito, dar resposta às necessidades de cada aluno, isto é, expor-se e tornar-se «transparente», na medida em que cada aluno escolherá como fazer a seu trabalho para cada sentido, ou seja, um pouco de cada um num trabalho para todos, pois a autenticidade é fundamental e é algo que deve ser transmitido desde cedo. Todos nós somos diferentes, temos portanto gostos diferentes, mas respeitamo-nos e amamo-nos uns aos outros.</p> <p>Segundo o psicólogo Carl Rogers (1983) a autenticidade é <i>«uma transparência visível no sujeito facilitador da aprendizagem, um desejo de ser pessoa, de ter e de viver os sentimentos e pensamentos do momento. Quando esta veracidade inclui apreço, respeito pelo aprendiz, o clima para que haja aprendizagem fica fortalecido. Quando inclui um escutar sensível, não enviesado, empático, então existe de facto um contexto libertador, estimulante de aprendizagens auto-iniciadas e de crescimento.»</i></p>
<p>Reação (individual e da turma)</p>	<p>Toda a turma, gostou muito de realizar estas atividades, mostrando-se muito participativas e empenhadas, apenas o grupo do paladar, que infelizmente não pode fazer nada, se mostrou um pouco desanimado, esperando eu que no dia da apresentação dos trabalhos se mostrem mais animados.</p>
<p>Questões relevantes que surgiram</p>	<p>«Porque não posso tapar as duas partes do papel higiénico?», Pergunta à qual uma das crianças explicou logo: «Porque se não, não parecia um monóculo.»</p>
<p>Questões (imprevistos)</p>	<p>Estava previsto que a realização dos trabalhos se realizasse com todos os grupos no mesmo dia.</p>

que surgiram ao nível: do tema, da planificação, da atitude dos alunos	
Como os resolvi	Dividi os grupos em dois dias, em que no primeiro dia os grupos do tato e da visão construíram os seus trabalhos, no segundo dia foi o grupo da audição e do olfato e o grupo do paladar realizou no dia da apresentação dos trabalhos as espetadas.
Fatores facilitadores	O facto de todas as crianças gostarem de realizar trabalhos manuais foi um fator facilitador.
Fatores perturbadores	O facto de o grupo do paladar não ter podido realizar nada nestes dois dias, foi um fator perturbador, pois custou-me ver os alunos tão desanimados.

Anexo XIII- Planificação e Reflexão- Apresentação dos trabalhos

Planificação da Intervenção Pedagógica

Ano/ número de alunos	1º ano do Ensino Básico- 21 alunos.
Área	Ciências- tarefa planificada para projeto de estágio.
Tarefa	Apresentação dos trabalhos de grupo do 5 sentidos.
Data e duração	11 de Fevereiro. Duração de 1 bloco.

O que pretendo que o aluno aprenda

Domínios/Conteúdos Programáticos	Devido a esta atividade ser muito específica e de estar inserida no projeto de estágio, os objetivos da mesma são:
Metas/Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Reconhecer e identificar os 5 sentidos;</i> • <i>Saber distingui-los;</i> • <i>Saber representar e explicar o sentido atribuído a cada grupo;</i> • <i>Proporcionar uma atividade lúdica às crianças;</i> • <i>Serem as crianças o agente ativo das suas aprendizagens (são as crianças a pesquisar e a construir os seus objetos);</i> • <i>Apresentação dos trabalhos realizados, feita pelas crianças para a turma.</i>
Operacionalização (descritores)	Cumprir instruções; falar de forma audível; articular corretamente as palavras.
Modalidades e Instrumentos de Avaliação	Avaliação em grande grupo, após a apresentação de todos os trabalhos (conversa/reflexão sobre o que aprenderam com a realização deste trabalho e apresentações dos colegas).
Razão da escolha da tarefa	Atividade integrada no projeto de estágio. Socialização entre as crianças e, acima de tudo, aprenderam umas com as outras.

O que proponho para que o aluno aprenda

<p>Metodologia</p>	<p>Irei deixar a sala pronta, no dia anterior, ao final da tarde, depois de terminarem as aulas, para que esta esteja apta para o dia seguinte: dia de apresentações de trabalhos.</p> <p>A sala encontrar-se-á disposta por bancas, isto é, cada grupo terá a sua própria banca/mesa, onde terá expostas as suas pesquisas do sentido atribuído e os objetos que construíram para a representação do seu sentido.</p> <p>Pela manhã de dia 11, as crianças, depois de estarem na sala, irão fazer o calendário com a Professora e, de seguida, darei início às apresentações, relembrando-as das regras da sala: não correr pela sala, não falar por cima dos outros, colocar o dedo no ar quando se quer falar e esperar pela sua vez. Posteriormente, explicarei como irá funcionar a logística da sala e dos grupos, isto é, que cada grupo andará sempre pela direita, ou seja, indo sempre ao grupo que se encontra à sua direita, de modo a conseguir controlar melhor a turma.</p> <p>Este processo repetir-se-á com todos os grupos, para que todos fiquem a conhecer o trabalho uns dos outros.</p> <p>Antes de se iniciar a apresentação dos trabalhos, todos os porta-voz de cada grupo, irão falar sobre a pesquisa realizada do seu grupo, explicando a toda a restante turma o seu sentido, podendo pedir o auxílio do restante grupo.</p> <p>Por fim, e depois de todos os grupos realizarem as suas apresentações, irei refletir com os alunos sobre as aprendizagens realizadas ao longo desta atividade, bem como aquelas das quais as crianças já tinham conhecimento.</p> <p>De modo a finalizar esta atividade, irei distribuir uma ficha de autoavaliação por cada criança, para que a realizem com o meu auxílio, de modo a que eu, estagiária, consiga perceber quais as aprendizagens adquiridas e quais as que necessitam de ser mais trabalhadas, pelas crianças.</p>
	<p>Orientar a tarefa/atividade (mediador); explicar de forma calma e</p>

Ação do Professor	coerente a atividade, de forma a atender às necessidades/dificuldades de cada aluno (dar o tempo necessário a cada criança para a compreensão e realização da tarefa proposta).
Organização dos alunos	Na apresentação dos trabalhos: as crianças encontrar-se-ão reunidas por grupos, em bancas, espalhadas pela sala. Na reflexão após a apresentação dos trabalhos de grupo, as crianças encontrar-se-ão sentadas no centro da sala.
Comunicação dos resultados	A comunicação dos resultados irá ser apresentada pelas crianças à turma (um grupo de cada vez). Na reflexão após a apresentação, poderão, também, ser evidenciados resultados. Posteriormente, será realizada uma autoavaliação sobre as aprendizagens efetuadas pelas crianças em relação aos 5 sentidos.
Recursos materiais	Mesas para construção de bancas; trabalhos realizados pelas crianças; pesquisas realizadas pelas crianças e seus familiares.
Recursos humanos	21 alunos, eu, estagiária, a Professora Cooperante e Professora Orientadora.
Previsão estratégias a utilizar pelos alunos	Na apresentação dos trabalhos, as crianças poderão recorrer às pesquisas realizadas por elas próprias, visto estarem expostas para todas as crianças os consultarem.
Previsão de dificuldades/erros	Algumas crianças poderão sentir dificuldades na apresentação do seu trabalho de grupo, pois existem crianças mais tímidas do que outras.
Prevenção das dificuldades	Irei ter o cuidado de rever, no dia anterior à apresentação, o que cada grupo deve dizer para a restante turma. Atribuirei um porta-voz a cada grupo, tendo o cuidado de ser selecionado por mim, para que facilite a comunicação do grupo com a restante turma.
Relacionar	Esta atividade poderia servir de um ponto de partida para outras

tarefas com outras áreas de aprendizagem	atividades a serem trabalhadas em áreas diferentes, como por exemplo, a construção de um pequeno texto sobre a apresentação dos trabalhos (área de português).
---	--

Reflexão sobre a implementação da tarefa/atividade Pedagógica

Relato da atividade/aula	<p>A sala ficou preparada no dia anterior, deixei a sala organizada já por bancas (anexo 24), isto é, cada grupo terá a sua própria banca/mesa, onde terá expostas as suas pesquisas do sentido atribuído e os objetos que construíram para a representação do seu sentido, de modo a dar tempo para a realização da apresentação dos trabalhos.</p> <p>Após todas as crianças estarem sentadas nos respetivos lugares, relembrei o que iríamos fazer, ou seja, que primeiro cada grupo apresentaria o seu sentido, ou seja, a sua pesquisa feita, e após todos os grupos terminarem poderiam iniciar a apresentação dos trabalhos, tendo que ir sempre ao grupo que se encontrava à sua direita, de modo a não gerar grande confusão. Enquanto dava esta breve explicação, o grupo do paladar fez as suas espetadas.</p> <p>Posto isto, a Professora Orientadora chegou, todas as crianças se levantaram e disseram bons dias. Chamei então o 1º grupo, o grupo do tato para apresentar a sua pesquisa, depois o grupo da visão, que era o grupo seguinte. Passei à frente o grupo da audição pois o seu porta-voz ainda não tinha chegado, chamando então o grupo do olfato. Entretanto chegou o porta-voz do grupo da audição, pelo que chamei então o grupo, e por último, chamei o porta-voz do grupo do paladar. Posto isto, expliquei, que de cada grupo ficavam sempre dois elementos na sua banca, e quando dessem a volta à sala que trocariam com os alunos que ficaram inicialmente na banca. Deu-se assim início à aula (anexo 25), ou seja, todos os grupos apresentaram os seus trabalhos. No fim de todos os alunos terem terminado, um dos alunos perguntou-me «<i>Lúisa não podemos trocar e apresentar também os trabalhos dos outros?</i>». Dada esta pergunta, decidi alterar a disposição dos grupos,</p>
---------------------------------	---

	<p>trocando cada grupo.</p> <p>Por fim, e depois de todos os grupos realizarem as suas apresentações, fiz uma breve reflexão/síntese (anexo 26) com os alunos sobre as aprendizagens realizadas ao longo desta atividade, bem como de todo o projeto, acalmando desta forma o grupo, avaliando o projeto e sintetizando o mesmo. No decorrer desta conversa falei com as crianças sobre o trabalho de cada criança, explorando apenas o trabalho da audição, ou seja, agitando as garrafas de modo às crianças chegarem aos diferentes sons.</p>
<p>Reflexão sobre o trabalho desenvolvido</p>	<p>Esta aula correu muito bem. Adorei realizar a mesma. Até porque em quatro meses foi a única vez em que tive total liberdade para realizar atividades como eu queria, superando os receios da Professora, pois a mesma achava que não era boa ideia realizar este tipo de aula com crianças de 1º ano, pois ficariam muito agitadas, e brincariam em vez de trabalharem como era suposto. As crianças divertiram-se e ao mesmo tempo aprenderam, e tudo isto com materiais trazidos e feitos pelas crianças.</p> <p>Mais uma vez, este projeto, é a prova que a criança seja ela de um 1º ano ou de um 4º ano, aprende com mais gosto e mais dedicação quando se lhe é dado a possibilidade de pensar por ela, de puxar pela imaginação e criatividade, em que a imaginação e criatividade são a meu ver marginalizadas no 1º ciclo.</p> <p>O uso de atividades práticas de carácter lúdico estimula o interesse e o envolvimento pela aprendizagem, os jogos e as atividades práticas podem ser encaradas como simples brincadeiras pelos alunos mas, no ensino, possuem uma proporção muito maior: levam a uma perceção cognitiva e assim a aprendizagem.</p> <p style="text-align: center;"><i>Schiller P., Rossano J. (1990) «Os professores devem criar um clima que permita às crianças fazerem perguntas, mas sobretudo, devem orientar as crianças a aprenderem a descobrir por si mesmas.»</i></p>
	<p>A turma mostrou-se muito empenhada no desenrolar destas</p>

Reação (individual e da turma)	apresentações, mostrando muito gosto com tudo o que fez e pesquisou, brincando claro, mas crescendo e aprendendo.
Questões relevantes que surgiram	« <i>Luísa não podemos trocar e apresentar também os trabalhos dos outros?</i> ».
Questões (imprevistos) que surgiram ao nível: do tema, da planificação, da atitude dos alunos	Não estava previsto a alteração da disposição dos grupos. Não foi possível fazer a ficha de autoavaliação.
Como os resolvi	Decidi alterar a disposição dos grupos, trocando cada grupo, de modo a dar resposta a um pedido de uma das crianças, mostrando-se as outras muito entusiasmadas com a ideia. A ficha de autoavaliação será realizada no dia 19 de fevereiro.
Fatores facilitadores	O facto de ser tudo do mérito das crianças foi um fator facilitador, querendo todas mostrar aos seus amigos o seu trabalho.
Fatores perturbadores	Houve duas crianças que no decorrer da reflexão da aula não paravam quietas, tendo que interromper por várias vezes a reflexão, e tendo que colocar essa mesma criança a descansar um bocado.

Anexo XIV- Avaliação do projeto




Adequação do projeto	Sim	Não	Comentários/reformulações
Adequado às competências a serem trabalhadas	X		<p>Todo o projeto foi adaptado às competências a serem trabalhadas, sendo um projeto interdisciplinar, envolvendo a área do Português, Matemática, Ciências, Expressão Plástica e Musical Tendo em conta que para a realização do projeto foram necessárias várias aulas, em que se trabalharam diferentes conteúdos e diferentes áreas, foram adaptadas diversas estratégias para a realização do mesmo.</p> <p>Quanto à organização da sala, a mesma foi organizada para grande grupo, pequeno grupo ou individual, de acordo com a área a ser trabalhada, bem como a atividade implementada.</p> <p>Os alunos aderiram muito bem às atividades propostas no decorrer de todo o projeto, gostando mais da parte final. O realizar os materiais e mostrar/apresentar à turma, senti</p>
Atividades interdisciplinares	X		
Contém estratégias de aprendizagem	X		
Adequado aos conteúdos programáticos	X		
Contém uma diferenciação de estratégias	X		
Contém critérios de avaliação	X		
Adequação das estratégias	Sim	Não	
As estratégias foram adequadas ao perfil geral da turma	X		
Os alunos aderiram às estratégias implementadas	X		
Existiu diferenciação nos modos de ensinar	X		
Existiu diferenciação no modo de organizar o trabalho dos alunos	X		
Resultados do projeto	Sim	Não	
Concretizaram-se as atividades programadas	X		
Os alunos mostraram interesse na realização das atividades	X		
Verificaram-se progressos na aprendizagem dos alunos	X		































Identificação das dificuldades de comportamentos e atitudes	Sim	Não	que houve alguma dificuldade em iniciar a sua execução, havendo algumas crianças com falta de confiança nas suas capacidades, tendo eu que reforçar, por várias vezes, o valor de cada criança. No geral, foi muito bem-sucedido, havendo sempre um trabalho de entreajuda entre mim, estagiária e a Professora Cooperante.
Interesse pela realização das atividades	X		
Hábitos/Métodos de trabalho	X		
Atenção/concentração	X		
Participação Pertinente	X		
Empenho em tarefas individuais ou de grupo	X		
Perturbações do ritmo das aulas		X	
Dificuldade em aceitar e cumprir as regras das aulas		X	
Dificuldade de integração no grupo		X	
Autonomia	X		
Falta de confiança em si próprio	X		

Anexo XV- Exemplos de uma Autoavaliação do projeto

AUTOAVALIAÇÃO DO PROJETO «OS CINCO SENTIDOS»




Nome: B. S.



























Quase sempre	Às vezes	Quase nunca
		

	O que eu penso
1. Sei identificar os 5 sentidos.	  
2. Sei distinguir os diferentes sabores/paladares (ácido, amargo, doce, salgado).	  
3. Sei distinguir as diferentes texturas (áspero, macio, liso, rugoso).	  
4. Sei distinguir os diferentes sons (agudo, grave).	  
5. Sei distinguir os diferentes odores (agradável e desagradável).	  
6. Sei distinguir o que é ser visual e o que é ser invisual.	  
7. Consegui facilmente realizar as construções propostas para o sentido atribuído ao grupo.	  
8. Consegui transmitir aos meus colegas a informação correta sobre o sentido trabalhado em grupo.	  
9. Com a realização da pesquisa e do trabalho de grupo, efetuei aprendizagens significativas.	  
10. Aprendi, não só o sentido que me foi atribuído, como também os outros 4 com a apresentação dos meus colegas.	  

AUTOAVALIAÇÃO DO PROJETO «OS CINCO SENTIDOS»

Nome: B. A.

Quase sempre	Às vezes	Quase nunca
		

	O que eu penso
1. Sei identificar os 5 sentidos.	  
2. Sei distinguir os diferentes sabores/paladares (ácido, amargo, doce, salgado).	  
3. Sei distinguir as diferentes texturas (áspero, macio, liso, rugoso).	  
4. Sei distinguir os diferentes sons (agudo, grave).	  
5. Sei distinguir os diferentes odores (agradável e desagradável).	  
6. Sei distinguir o que é ser visual e o que é ser invisual.	  
7. Consegui facilmente realizar as construções propostas para o sentido atribuído ao grupo.	  
8. Consegui transmitir aos meus colegas a informação correta sobre o sentido trabalhado em grupo.	  
9. Com a realização da pesquisa e do trabalho de grupo, efetuei aprendizagens significativas.	  
10. Aprendi, não só o sentido que me foi atribuído, como também os outros 4 com a apresentação dos meus colegas.	